

ISSN (Versão Impressa): 1519-9894

ISSN (Versão Online): 2179-2194

fragmentum

- 66 -

**PERCURSOS HISTÓRICOS
E EPISTEMOLÓGICOS DA
LINGUÍSTICA**



Fragmentum / Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Centro de Artes e Letras (CAL).
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFSM). Laboratório de Fontes de Estudos
e Linguagem (Laboratório Corpus). N. 1 (set. 2001)- . Santa Maria, 2001- .
Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/>
Semestral
ISSN 1519-9894 (versão impressa)
e-ISSN 2179-2194 (versão online)

N. 66, vol. 2 (jul./dez. 2025). "Percursos históricos e epistemológicos da linguística"

1. Saussure. 2. Linguística. 3. Tradução. 4. Universidade Federal de Santa Maria. 5. Centro
de Artes e Letras.

Elaborado por: Luciano Rapetti - Bibliotecário-documentalista | CRB 10/2031

Editora do Programa de Pós-Graduação em Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal de Santa Maria
Prédio 16, CE, sala 3222 – Bloco A2
Campus Universitário - Bairro Camobi
CEP 97105-900 – Santa Maria, RS – Brasil
Fones: 55 3220 8359 – 55 3220 8025
Email: ppgletras@ufsm.br
Site: www.ufsm.br/ppgletras

Fragmentum

www.ufsm.br/fragmentum – fragmentum.corpus@gmail.com

Apoio

Centro de Artes e Letras - CAL/UFSM
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PRPGP/UFSM
Pró-Reitoria de Extensão – PRE/UFSM

Fragmentum

Publicação do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da
Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM

ANO DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

2001



POLÍTICA EDITORIAL

Fragmentum é um periódico científico publicado trimestralmente nas versões impressa (ISSN 1519-9894) e on-line (ISSN 2179-2194) e destinado a pesquisadores e estudantes em nível de pós-graduação. O periódico divulga textos produzidos por pesquisadores que desenvolvem, como escopo e/ou resultado de pesquisas, as seguintes problemáticas:

a) Na Linguística, questões enunciativas e/ou discursivas, tendo por eixo diretor o campo do saber sobre a história da produção do conhecimento linguístico, a partir da análise de instrumentos linguísticos bem como de outras textualidades alicerçadas pela História das Ideias Linguística em sua relação com a Análise de Discurso de linha francesa;

b) Na Literatura, estudos comparados que têm evidenciado a relação do texto literário não apenas com seu contexto de produção como também com outras artes, mídias, saberes e formas, aproximação esta que articula artes e conhecimentos em suas especificidades, demonstrando processos de leitura, compreensão, interpretação e análise envolvidos no acesso a obras de arte e à recepção de um público especializado.

Admitem-se textos em português, francês, inglês ou espanhol. Não são aceitos textos de pesquisadores que não tenham a formação mínima de doutor. Acadêmicos de doutorado podem submeter textos à avaliação, desde que em coautoria com o professor orientador.

Com periodicidade semestral, cada novo dossiê temático será organizado por dois pesquisadores e constituído de um conjunto de artigos somados a uma resenha e à divulgação, em formato de resumo, de duas teses já defendidas, que apresentem relevância para a temática em foco. Afora essa estrutura preestabelecida, *Fragmentum* se reservará o direito de publicar entrevistas e outras textualidades inéditas, de caráter artístico e ensaístico, quando convier. Originais em francês, português e espanhol deverão apresentar título, resumo e palavras-chave na língua em que foi escrito o texto e em inglês. Para originais em inglês, título, resumo e palavras-chave deverão ser apresentados em inglês e em português.

Reitora da Universidade Federal de Santa Maria

Martha Bohrer Adaime, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Diretor do Centro de Artes e Letras

Gil Roberto Costa Negreiros, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras

Raquel Trentin Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Coordenador Geral do Laboratório Corpus

Enéias Farias Tavares, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editora-Chefe/Editora Gerente

Amanda Eloina Scherer, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editor Gerente

Enéias Farias Tavares, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editora Júnior

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editora de Língua Estrangeira – Francês

Amanda Eloina Scherer, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editor de Língua Estrangeira – Inglês

Enéias Farias Tavares, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editora de Língua Estrangeira – Espanhol

Camila Manfio Simões, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Comissão editorial

Amanda Eloina Scherer, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Enéias Farias Tavares, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Tradução Francês – Português

Amanda Eloina Scherer, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Erick de Queiroz Brittes, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Revisão de linguagem – Português

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Produção gráfica

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Editoração eletrônica

Victoria Heloína Almeron Lopes dos Santos, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Conselho Editorial

Alcides Cardoso dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil.

.

Ana Paula Grillo El -Jaick, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

Ana Zandwais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Anne-Gaëlle Toutain, Université de Berne, Berne, Suíça.

Beatriz Maria Eckert-Hoff, Universidade do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil.

Bethania Mariani, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Caciane Souza de Medeiros, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Caroline Mallmann Schneiders, Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, RS, Brasil.

Célia Marques Telles, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Chloé Laplantine, Laboratoire Histoire des Théories Linguistiques, França.

Christian Puech, Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França.

Cristiane Dias, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Eduardo Guimarães, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Eni Puccinelli Orlandi, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Estanislao Sofia, Consejo Nacional de Investigaciones Científica e Técnicas, Buenos Aires, Argentina.

Evandra Grigoletto, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil.

Flávio Loureiro Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Flavio Felicio Botton, Universidade Federal do ABC, Santo André, SP, Brasil.

Gema Sanz Espinar, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, Espanha.

Gerson Luiz Roani, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, SP, Brasil.

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Giuseppe D'Ottavi, Institut des Textes et Manuscrits Modernes, Paris, França.

Gladys B. Morales, Universidad Nacional de Río Cuarto, Argentina.

Irène Fenoglio, Centre National de la Recherche Scientifique, França.

Isabel Cristina Ferreira, Universidade Federal do Pampa, Bagé, RS, Brasil.

José Edicarlo de Aquino, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil.

José Horta Nunes, Universidade Federal de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

José Luís Jobim de Salles Fonseca, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Juliana Steil, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Julieta Haidar, Escuela Nacional de Antropología e Historia Universidad, México.

Larissa Montagner Cervo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

Lucília Maria Abrahão e Sousa, Universidade Estadual de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Márcia Helena Saldanha Barbosa, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, Brasil.

Maria Cleci Venturini, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR, Brasil.

Maria da Glória Corrêa Di Fanti, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Maria José R. Faria Coracini, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Marianne Rossi Stumpf, Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Brasil.

Mariarosaria Zinzi, Università Degli Studi di Firenze, Florença, Itália.

Marilene Weinhardt, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Marluza da Rosa, Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, Frederico Westphalen, RS, Brasil.

Mary Neiva Surdi da Luz, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil.

Nádia Régia Maffi Neckel, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, Brasil.

Orna Messer Levin, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Paola Capponi, Università di Torino, Torino, Itália.

Paulo Ricardo Kralik Angelini, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Regina Zilberman, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Rejane Pivetta de Oliveira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Silmara Dela Silva, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
Taís da Silva Martins, Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil.
Valdir do Nascimento Flores, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
Valdir Prigol, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, SC, Brasil.
Vanise Gomes de Medeiros, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
Véronique Daleth, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Produção Editorial Capa e Projeto Gráfico Originais

Simone de Mello de Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
Mirian Rose Brum-de-Paula, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil.

Indexadores

Open Global Trusted (DOAJ)
Rede Cariniana (IBICT)
Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal - Catálogo 2.0
Diadorim – Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras
Google AcadêmicoZHDK – Zürcher Hochschule der Künste
EZB – Elektronische Zeitschriftenbibliothek
TIB –Leibniz Information Centre for Science and Technology University Library
WorldCat® (OCLC)
ZDB - Zeitschriften Datenbank
ISSN Portal
Miguilim
LiVre
OpenAlex
Europub
ERIHPLUS
MIAR

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
<i>Valdir do Nascimento Flores</i>	
COMO FAZER A HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA.....	13
<i>Claudine Normand</i>	
SERIA PRECISO DEFENDER SAUSSURE CONTRA SEUS AMADORES? NOTAS INCESSANTES SOBRE A ETIMOLOGIA SAUSSURIANA.....	28
<i>Jürgen Trabant</i>	
UM MOMENTO IMPORTANTE NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS: A OBRA DE FERDINAND DE SAUSSURE.....	51
<i>Michel Arrivé</i>	
FERDINAND DE SAUSSURE E A CONSTITUIÇÃO DE UM DOMÍNIO DE MEMÓRIA PARA A LINGUÍSTICA MODERNA.....	71
<i>Jean-Louis Chiss</i>	
<i>Christian Puech</i>	

APRESENTAÇÃO

Este volume da prestigiada revista *Fragmentum* reúne estudos dedicados a questões particularmente caras à reflexão linguística contemporânea e que convergem para um denominador comum: a história. Uma rápida vista de olhos sobre o conjunto permite perceber que o tema se inscreve nos próprios títulos dos textos que compõem este número, seja pela presença da palavra “história”, seja pelo emprego de termos do mesmo campo semântico, como “memória” e “etimologia”. Trata-se, portanto, de um volume claramente orientado por essa problemática. Falemos sobre a história desses estudos generosamente traduzidos por Amanda Eloina Scherer e Erick de Queiroz Brittes.

O estudo de Claudine Normand, que abre o volume, foi publicado originalmente em 1980, nas *Actes du colloque “Les sciences humaines, quelle histoire?!”*, com o título “*Comment faire l’histoire de la linguistique?*”, em decorrência de uma comunicação apresentada pela autora. Como a própria Normand explica em posfácio de 2009, acrescentado ao final do artigo e aqui reproduzido, trata-se de um texto “datado e, por aí mesmo, já é objeto histórico, testemunha de um período da linguística contemporânea” (Normand, 2026, p. 26, neste volume).

Nesse artigo, Normand discute problemas ligados ao ensino da história das ideias linguísticas, sobretudo os que envolvem a leitura e a interpretação de textos teóricos. A partir da análise de trabalhos de Brugmann, Osthoff e Whitney, a autora destaca a importância de formular adequadamente as questões de pesquisa antes de procurar respondê-las. Nesse percurso, examina também noções como *corte*, *paradigma*, *mudança* e *novidade*. Segundo Normand, as problemáticas contempladas no texto “devem ser contextualizadas nesse final dos anos 1970, crise da linguística estrutural e fim de um período, militante de diversas maneiras” (Normand, 2026, p. 26, neste volume).

No mesmo posfácio, Normand observa que as circunstâncias de aparecimento do texto foram retomadas por ela em dois momentos posteriores: no artigo “*La coupure saussurienne*”, publicado em *Saussure aujourd’hui* (1992), volume que reúne as atas de um dos colóquios de Cerisy e que foi publicado como número especial da revista *LINX*, e em seu livro, quase autobiográfico, *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique* (2006).

No capítulo “1980: embranchement ou bifurcation?” (cap. 5), a autora afirma que os anos

1980 marcam uma “crise” em seu percurso intelectual. O colóquio de 1980 desempenha papel decisivo nesse processo: àquela altura, a filosofia da linguagem anglo-saxônica encontrava-se em franca expansão, movimento que se mostrou incontornável para o grupo de estudos de história das teorias linguísticas do qual Normand era membro fundador.

Sobre o texto reproduzido neste número da *Fragmentum*, as palavras da autora são contundentes: “[ele] reunia meus problemas de metodologia de ensino, mas evitava colocar uma questão de fundo: É assim que se é linguista?” (Normand, 2006, p. 169). Normand explica ainda que, durante o mesmo colóquio, se sentiu criticamente interpelada por uma observação de duas colegas, Annie Delaveau e Françoise Kerleroux, identificadas na nota 170 de *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique*: “Aquele que tem medo da língua se lança nos braços dos conceitos”.

“Quem tem medo da língua?”. Os efeitos dessa interpelação, associados à presença da psicanálise em seu percurso, encontram-se reunidos em uma obra espetacular, cujas consequências ainda não dimensionamos claramente: *Bouts, brins, bribes. Petite grammaire du quotidien* (2002). Nela, encontramos análises luminosas. Como escreve Normand: “eu os vejo [os textos] como pequenos efeitos inocentes e benéficos da psicanálise, na medida em que ela me ensinou a me servir de meu terceiro ouvido (inclusive em meus próprios enunciados) e me autorizou, a longo prazo, a reconhecer o que eu queria fazer” (Normand, 2006, p. 118).

Enfim, como lembramos em trabalho anterior (Flores, 2023), a obra de Claudine Normand é de grande envergadura, e seu impacto é notável em diferentes domínios: na história e na epistemologia da linguística, campo que ela ajudou a criar e a consolidar na França; na reflexão sobre o sentido na linguagem; e no exame das relações da linguística com outras áreas dos estudos da linguagem, como a filosofia, a lógica e a gramática. Nela se desenvolve uma teorização profundamente original. Temos, portanto, razões para celebrar a publicação, em português, de mais um de seus trabalhos.

O artigo de Jürgen Trabant, publicado originalmente em 2005, no número 159 da revista *Langages*, aborda a publicação de documentos saussurianos até então desconhecidos, acontecimento que alterou de maneira significativa o campo dos estudos dedicados a Saussure.

O texto situa-se nesse novo cenário. Como explicam Chiss e Dessons (2005, p. 8-9), na apresentação do número da *Langages*, a ampliação do conjunto de escritos saussurianos disponíveis transforma as condições de leitura da própria obra de Saussure.

Essa transformação, contudo, traz consigo um risco. A descoberta de manuscritos pode produzir a impressão de que, finalmente, seria possível ultrapassar as interpretações acumuladas ao longo do tempo e alcançar diretamente o pensamento do linguista. Os documentos inéditos seriam, nessa perspectiva, portadores de uma palavra menos mediada e, por isso, mais legítima.

O *Curso de Linguística Geral*, elaborado a partir das anotações de alunos, passaria a ocupar uma posição secundária ou suspeita, como se sua existência tivesse encoberto, durante décadas, uma formulação mais “fiel”. Trabant enfrenta essa discussão de maneira exemplar.

Ora, sabemos bem que um texto não se torna mais verdadeiro simplesmente por estar materialmente mais próximo de seu autor ou de determinado momento de elaboração teórica. A anterioridade cronológica não garante superioridade interpretativa. Soma-se a isso a importância histórica do *Curso de Linguística Geral*: foi por meio dele que a reflexão saussuriana se tornou legível, circulou e produziu efeitos em diferentes campos do conhecimento. O cenário é, portanto, complexo.

A questão central, então, não consiste em decidir qual documento representa melhor Saussure. Uma abordagem fundada nessa escolha permaneceria presa à ideia de que deve existir, em algum lugar, uma formulação capaz de encerrar o sentido de sua obra. Mais produtivo é examinar as diferenças, os deslocamentos e as tensões que surgem quando textos de naturezas e épocas distintas são colocados em relação. É isso que Trabant faz magistralmente em seu texto.

O texto *Um momento importante na história das ciências humanas: a obra de Ferdinand de Saussure*, de Michel Arrivé, resulta de uma conferência realizada pelo autor na Université de Lyon, em 11 de janeiro de 2012. Nele, Arrivé apresenta Ferdinand de Saussure como um dos principais fundadores da linguística moderna e do estruturalismo, destacando a relevância de sua obra para as ciências humanas. Nascido em Genebra, em 1857, Saussure publicou poucos trabalhos em vida, apesar de sua intensa produção intelectual e de sua constante preocupação com a precisão científica. A influência mais ampla de sua reflexão decorre da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, com base nas anotações de seus alunos, circunstância que, como se sabe, alimentou debates sobre possíveis distorções e simplificações de seu pensamento.

Michel Arrivé ressalta que as ideias de Saussure transformaram a linguística, contribuíram para o desenvolvimento da semiótica e da semântica estrutural e influenciaram áreas como a antropologia e a psicanálise. Apesar desse amplo reconhecimento, seu pensamento ainda é frequentemente reduzido a fórmulas simplificadas ou interpretado de maneira imprecisa. O texto defende, portanto, uma retomada mais aprofundada da obra saussuriana, capaz de reconhecer sua complexidade, suas nuances e sua originalidade na história das ciências humanas.

Por fim, ao examinarem a presença de Saussure na história da linguística, Jean-Louis Chiss e Christian Puech mostram que essa referência não pode ser entendida como simples homenagem a um autor fundador. O nome de Saussure tornou-se um ponto de organização da própria memória disciplinar: é por meio dele que diferentes correntes procuram justificar suas escolhas, estabelecer continuidades, marcar afastamentos e reconstruir retrospectivamente a

trajetória da linguística.

Essa memória, contudo, não se formou de maneira uniforme. Cada período selecionou aspectos distintos da obra saussuriana, modificou sua importância e, em alguns casos, produziu novas versões de seu pensamento. Assim, a leitura de Saussure passou por sucessivas apropriações, desde a recepção inicial de suas ideias até os momentos em que ele foi apresentado como símbolo de uma ruptura teórica. Com o tempo, essa imagem se estabilizou e passou a parecer natural, embora seja resultado de decisões interpretativas e de disputas históricas.

Desse modo, Saussure não designa apenas um autor nem um conjunto delimitado de conceitos. Seu nome também representa uma origem imaginada para a linguística científica, um marco a partir do qual a disciplina constrói uma narrativa sobre si mesma. A ideia de que haveria “dois Saussure” remete, portanto, à diferença entre o pensador historicamente situado e a figura teórica e simbólica que a linguística produziu ao longo de sua própria história.

Reunidos, os textos deste volume mostram que fazer história da linguística não significa apenas reconstituir uma sucessão de autores, obras e datas. Significa interrogar as condições em que conceitos são produzidos, transmitidos, esquecidos e retomados, bem como os modos pelos quais a disciplina elabora a sua própria memória. Ao oferecer ao público brasileiro estas traduções, a *Fragmentum* amplia o acesso a debates decisivos e favorece novas leituras de Normand, Trabant, Arrivé, Chiss e Puech. Agradecemos, mais uma vez, a Amanda Eloina Scherer e Erick de Queiroz Brittes pelo cuidadoso trabalho de tradução e convidamos as leitoras e os leitores a acompanhar os percursos históricos e epistemológicos que este número coloca em circulação.

Valdir do Nascimento Flores

PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Referências bibliográficas

CHISS, Jean-Louis; DESSONS, Gérard. **Présentation. Langages**, Paris, v. 39, n. 159, p. 3-9, 2005. Número temático: Linguistique et poétique du discours: à partir de Saussure. DOI: 10.3406/lgge.2005.2648.

FLORES, Valdir do Nascimento. **O linguista e o inconsciente**. Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, jan./jul. 2023.

NORMAND, Claudine. **Allegro ma non troppo: invitation à la linguistique**. Paris: Ophrys, 2006.

NORMAND, Claudine. **Bouts, brins, bribes: petite grammaire du quotidien**. Orléans: Éditions Le Pli, 2002.

NORMAND, Claudine. La coupure saussurienne. **Linx**, Nanterre, n. especial 7, p. 219-231, 1995. Número temático: Saussure aujourd'hui: actes du colloque de Cerisy-la-Salle, 12-19 août 1992. DOI: 10.4000/linx.1157.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

Como fazer a história da linguística?¹

Claudine Normand²

Apresentarei aqui algumas observações inspiradas por doze anos de ensino da linguística (a nível de iniciação) e de história da linguística. Vou limitar-me estritamente às respostas que pude trazer a problemas pedagógicos, reservando a outras contribuições e à discussão o cuidado de abordar as questões mais abstratas das relações de uma ciência com sua história.

1 Quais “ferramentas”?

A particularidade, talvez comum, de meu ensino é a seguinte: supondo que estejam adquiridos, mesmo de maneira superficial, os conhecimentos gerais indispensáveis (em um manual de história da linguística), limito-me em princípio à leitura de textos de um período determinado. Trata-se, então, de aprender a fazer uma leitura, vale dizer, que se chame comentário ou análise, outra coisa além de uma repetição, resumida ou não. Exigência mínima! Mas a ambição é maior uma vez que, por essa iniciativa, dou-me por objetivo esclarecer as condições e peripécias de elaboração das noções teóricas e, mais ainda, de dar uma ideia de unidade-diversidade de um momento que se queira decisivo.

Qual método aplicar aos textos para atingir esse objetivo? A questão não é retórica e a resposta resta incerta. Mas essa primeira questão traz consigo de início uma outra: se admitimos que todo método depende de certas escolhas teóricas, de quais elementos dispõe em geral um linguista, a partir de sua formação, não somente em linguística, mas em história das ciências? Esse ponto (de alguma forma institucional) seria interessante de desenvolver para esclarecer o lugar (a ausência?) da história nas ciências humanas. Basta-me por aqui observar que, não sendo, a rigor, filosofia “especializada”, suas escolhas metodológicas serão marcadas por uma

¹ Nota dos editores dos *Cahiers de l'ILSL*: "Este artigo foi publicado pela primeira vez nos *Actes du colloque "Les sciences humaines, quelle histoire ?!"*, Paris-X – Nanterre, 1980, p. 271-288. Agradecemos a Claudine Normand por ter-nos permitido republicar este importante artigo para nossa disciplina. O artigo está reproduzido aqui em uma versão adaptada, na medida do possível, às normas tipográficas dos *Cahiers de l'ILSL*".

² Professora de Linguística na Université de Paris X – Nanterre, fundou e coordenou o Groupe de Recherche en Histoire de la Linguistique (GRHIL) na mesma instituição.

certa simplificação.

Minha hipótese é que a escolha, na França, nos dois últimos decênios, não se situa senão entre dois conjuntos nocionais, dois paradigmas, cujos termos essenciais eu enumero junto a suas variantes:

1) – o desenvolvimento, o progresso, a maturação, a evolução, a racionalidade crescente, os precursores, as influências; as coisas se esclarecem, enxergamos cada vez melhor, vemos hoje o que outrora não víamos, etc. Em suma: a mudança na continuidade;

2) – os limites, os cortes, as rupturas, um discurso radicalmente novo, uma mudança irreversível, uma outra problemática, uma revolução científica; vemos hoje o que outrora não podíamos ver; aliás, não vemos, construímos, etc. Em suma: a mudança na descontinuidade.

Não desenvolverei aqui as implicações de cada um desses conjuntos, suas relações com as tradições empirista e racionalista. Repito que a simplicidade desta apresentação é tal que G. Bachelard, por exemplo, teórico do corte, poderia ser remetido 1) a uma designação de “racionalidade crescente” e do qual Th. Kuhn, teórico do paradigma, poderia, muito curiosamente, aproximar-se, e 2) com L. Althusser. Não digo que essa dicotomia seja adequada; ela poderia ao contrário servir de ponto de partida a um desenvolvimento sobre a complexidade real da situação teórica. Digo que é essa primeira demarcação de que se dispõe, *grosso modo*, enquanto queremos fazer com que os próprios textos falem sobre si mesmos e sobre seus tempos. Evitando, então, a tentação maximalista (recusar este simplíssimo esquema), eu gostaria de mostrar por alguns exemplos concretos quais são duas dessas “ferramentas” que permitem atingir, quanto mais não seja muito parcialmente, nosso objetivo. Eu escolherei meus exemplos dentre pré-saussurianos: os neogramáticos K. Brugmann e H. Osthoff e o americano W. D. Whitney. Limitarei, por faltando espaço, as citações desses autores prolixos, enviando-os a dois textos de 1875: o prefácio às *Recherches morphologiques...* [*Pesquisas morfológicas...*] de Brugmann e Osthoff (traduzida para o francês por P. Caussat) e *La vie du langage* [*A vida da linguagem*] de Whitney¹.

Eu escolho esses dois textos porque eles se apresentam, com um tom bem diferente, ambos como novidades radicais: manifesto polêmico de jovens que se proclamam revolucionários por um lado, obra ambiciosa e dogmática que pretende dizer a primeira e quase a última palavra da linguística geral por outro. Eles têm em comum o fato de terem declarado guerra ao mesmo inimigo teórico, o organicismo, ao qual eles devolvem todo o primeiro comparatismo, sob a figura de A. Schleicher e de seu vulgarizador M. Müller.

A tradição consagrou os dois na abundante série de precursores de F. Saussure, privilegiados porque muito próximos no tempo e nomeados no *Curso de linguística geral* (na

¹ Cf. as Referências bibliográficas.

sequência, CLG).

Os dois se afirmam como promotores de mudanças teóricas radicais.

Por onde andariam esses textos se lidos hoje?

2 Na perspectiva do progresso “da ciência”

Os comentários espontâneos oferecem em abundância os efeitos do recurso às noções da primeira série. Vou resumi-las em quatro rubricas.

2.1 O texto diz o que ele diz,

e se ele se diz novo é porque ele o é e porque antes dele nós estávamos enganados.

Quer o resumamos, quer o “contraíamos”, quer o parafraseemos, o sentido da abordagem é o mesmo: tomar o discurso por aquilo que ele se dá. Diz-se lá uma verdade que permanece idêntica sob as metamorfoses formais do resumo: essa verdade natural é evidentemente conciliável com as *influências* que um leitor minimamente culto identificará se o autor ele próprio não as admite.

Assim, para Brugmann e Osthoff: eles são os revolucionários que eles dizem ser. Eles romperam com o “primeiro” comparatismo, com Schleicher, mas também com F. Bopp, uma vez que eles propõem um *método* inteiramente novo, a observação das línguas e dos dialetos vivos, apoiando-se sobre “*princípios*” de um rigor até então não observado:

as leis fonéticas são sem exceção,

as ditas exceções precisam da aplicação da *analogia*.

Tudo vai mudar nessa nova perspectiva: agora se pode analisar com todo o rigor as “inovações” linguísticas e identificar as leis que as regem, sem “sair da observação imediata” (os dados imediatamente observáveis das línguas e dialetos atuais); ao mesmo tempo, abandona-se, enfim, a “névoa [...] indogermânica”², “a imagem nebulosa” da língua-mãe, perseguida e reconstruída por Schleicher.

Whitney enumera os princípios, que ele considera conquistados e fundados, de uma linguística geral da seguinte forma: ele desenha sem hesitação os contornos de seu *objeto*: “a linguagem [...] em seu conjunto como meio de expressão do pensamento humano, em seguida, em suas variedades”; as causas das variedades, as razões de ser da linguagem e seus “primeiros

² Brugmann, Osthoff, 1879 [1973, p. 132].

começos”. A amplitude do projeto chega a prometer à linguística o “estudo [...] dos progressos da humanidade [...] enquanto pudermos descobri-los pelos fatos de linguagem”.

O método coloca tão poucos problemas que o objeto, bem como a própria obra, tal qual um manual de ciência perfeitamente constituído, pode se dar como objetivo “traçar e apoiar por exemplos os princípios da ciência linguística e estabelecer os resultados obtidos”³. Não é, portanto, um programa, mas um balanço.

Contra os erros dos organicistas que continuam a propor, sob a bandeira desatualizada de M. Müller, soluções míticas, “pré-julgadas” como rejeitadas por todo homem de bom senso, Whitney defende a posição da *verdade*, que se desenvolve em uma série de evidências: “a linguagem não é uma potência, uma faculdade; não é o exercício imediato do pensamento, é um produto mediado por esse pensamento, é um instrumento”; cada língua é “uma instituição, e uma daquelas que, em cada sociedade, constituem a civilização”. Qualquer outra opinião, levando em conta aquela que assimila a linguística à psicologia, é “um erro que se encontra suficientemente refutado por nossa exposição”. É, então, “mais do que tempo de que cessem as controvérsias e que em linguística, como nas outras ciências de observações [...], haja um corpo não somente de fatos reconhecidos, mas de verdades estabelecidas, que se impõe a todos aqueles que aspiram ao nome de *savant*”⁴.

2.2 A continuidade do progresso

Esta perspectiva de leitura, espontânea e massiva, encontra-se naturalmente de acordo com a maior parte dos textos não modernos, tão bem que a paráfrase pode se desenrolar sem problemas. Ela é o corolário da abordagem precedente: a verdade triunfa gradualmente sobre o erro, em um movimento que confirma a caminhada da razão em direção à luz completa (ou ainda mais completa) da ciência. Os antigos enganavam-se de maneira surpreendente. Como não podíamos ver o parentesco das línguas germânicas com as línguas latina e grega? pergunta-se Bopp. Ah! Se soubéssemos ver o sânscrito mais cedo, quais progressos já teriam sido alcançados! Como podíamos perder-nos deliberadamente na neblina das “reconstituições escriturísticas” se podíamos escolher “o ar vivo da realidade e do presente palpáveis”? “A abordagem correta não estava lá [...] e a evidência é tão cegadora que ficamos surpresos com o número daqueles que ainda não perceberam isso claramente”⁵. Ao mesmo tempo eles estavam fazendo isso da maneira errada (não sabendo ver o que eles tinham debaixo dos olhos) e não sabiam muito disso. Mas se de agora em diante seguirmos o método correto, “não há limites ao

3 Whitney, 1875 [1982, p. 3-5].

4 *Ibid.*, p. 250-256.

5 Brugmann, Osthoff, 1879 [1973, p. 129-131].

progresso do estudo comparado e aos resultados que ele pode produzir”⁶.

Naturalmente, tal visão do progresso se acomoda em uma continuação vista como maturação de um germe inicial que se alcança no florescimento da verdade, sendo, então:

2.3 O precursor

Assim Saussure retoma e alcança Whitney, de quem ele toma emprestada a definição da linguagem como instituição e a ideia do caráter convencional do signo. Os precursores reafirmam a razão; através do desenrolar histórico e suas transformações aleatórias, sempre corre o mesmo fio brilhante: do *Crátilo* a Saussure, Whitney não é mais que uma etapa na formulação idêntica do signo. O outro retorna ao mesmo, essencialmente.

2.4 A totalidade do saber

Desse modo, de precursor a sucessor, em uma conquista gradual da luz, operar-se-á a unificação, quiçá a conclusão, do saber, e a linguística é apenas uma delimitação provisória em uma teoria da natureza humana. Ela deve levar-nos a “uma compreensão mais profunda do psiquismo da humanidade em geral”, “enfim, ela acompanha indiretamente um outro estudo; é aquele do progresso da humanidade e aquele da história das raças”.

A tal leitura espontaneamente reiterante, oponho rapidamente as questões que seguem:

1) Qual interesse haveria em ler textos se eles dizem mais confusamente a mesma coisa que nós ou se eles se perdem tanto que não se trataria aí nem de linguística nem de filosofia, mas de um discurso bastardo, oferecendo-se, tal como um fóssil, à pura curiosidade do amante de velharias?

A tal questão poderíamos responder que, com efeito, um linguista-aprendiz tem melhores e muito mais coisas a fazer do que demorar-se dessa forma sobre um “passado ultrapassado”. E se, contudo, insistirmos, então é preciso ao menos aprender a ler e a interrogar os textos, por exemplo, à maneira de que Bachelard e Canguilhem nos ensinaram.

2) Por que os senhores dizem mais isso que aquilo? Quais são suas provas, suas fontes, suas convicções de partida, suas referências? O que é que os guia e que os senhores talvez ignoram?

– E os senhores mesmos, de onde falam, a partir de quais conhecimentos ou de quais *a*

⁶ Whitney, 1875 [1982, p. 259].

priori, para que se permitam questionar o que aqui se diz de boa fé?

Acerca disso, proponho ensaiar a segunda série de noções.

3 A novidade da ruptura

Às quatro rubricas precedentes, oponho agora as proposições contrárias: o texto é datado, a história de uma ciência é marcada pela descontinuidade, o precursor é um “falso objeto” que substituiremos pela noção de problemática sempre específica.

3.1 O texto é datado e o que ele diz, ele não diz, não importa como; sua forma importa

Assim, Brugmann e Osthoff em 1875: a agressividade do tom não se explica senão no quadro da polêmica ocorrida contra a influência de Schleicher que, em 1863, em *La théorie darwinienne et la science du langage* [A teoria darwinista e a ciência da linguagem], assimilava ainda termo a termo, objeto e método, a linguística e a história natural. Se o próprio Schleicher jamais é nomeado, a metáfora do organismo é tornada em escárnio ao mesmo tempo que é condenada em nome da evidência, “a ideia de uma vida própria e autônoma da língua superior aos indivíduos falantes”.

Do mesmo modo, Whitney, em 1875, destaca-se por ter sido lido primeiro como o adversário ferrenho de M. Müller, vulgarizador anglo-saxão de Schleicher. A polêmica, implícita em *La vie du langage*, está explícita em resenhas e comentários que, de 1870 a 1892, balizam essa querela. Enquanto M. Müller, por exemplo, propõe em 1867 como palavra-chave da essência da linguagem a noção de “faculdade vinda da natureza”, *i.e.*, da “mão de Deus” e exprimindo-se sob a forma de um “instinto mental tão irresistível quanto qualquer outro”⁷, Whitney lhe reprova, em uma nota mordaz de 1871, por não ter tentado dar um estatuto científico a sua afirmação, apoiando-se sobre “fatos da história humana e da história da linguagem”⁸.

Esse recurso a textos vizinhos que se retomam e que se respondem permite esclarecer as declarações alusivas que são constantes no texto de 1875, por exemplo sobre “as controvérsias” que já estão em tempo de parar ou “a disputa [que] agora já está quase resolvida”. Uma pesquisa sistemática sobre esse tema em outros textos contemporâneos permite trazer à baila novamente o debate teórico que, naquela época, concerne à posição da linguística geral, seu objeto, seu método:

Deveria a linguística geral ser uma ciência natural ou uma *ciência histórica*? Como

⁷ Müller, 1867.

⁸ Whitney, 1871.

componente desse debate surge a questão insistente sobre o lugar da linguística com relação às outras ciências e, em particular, as ciências novas, a psicologia (referência precisa dos neogramáticos), a sociologia (referência difusa de Whitney).

Vê-se que as controvérsias sobre essas questões de fronteiras tomam lugar em ensaios de classificação das ciências, de inspiração mais diretamente filosófica. Nos ecos que esses textos suscitam nos linguistas, notamos duas preocupações mais ou menos misturadas:

- definir a linguística com relação às outras ciências,
- definir uma linguística geral *i.e. teórica* com relação aos resultados considerados como empíricos do comparatismo precedente.

Assim, Sechehaye, que afirma a necessidade para a linguística de passar do estatuto de “ciência dos fatos” àquele de “ciência das leis” é, aliás, levado, no mesmo texto de 1908, a designar o domínio dessa nova ciência (a linguística geral) como uma parte do domínio da psicologia social⁹.

Aqui surge, então, a lembrança de tal frase “fundadora” do *CLG*, eco e/ou resposta àquela preocupação insistente e confusa durante mais de trinta anos: “A tarefa da linguística será delimitar e definir a si mesma, desenhando em particular os ‘limites’ que a distinguem irreduzivelmente das outras ciências.”

Reciprocamente, não é senão pela abordagem precedente que o escopo mesmo desse princípio saussuriano pode ser avaliado, não em absoluto, mas nas condições históricas de um momento.

Eis o momento de precisar a perspectiva adotada introduzindo a noção de *recorrência*. O texto é datado, ele não ganha seu sentido amenos que este seja substituído no contexto contemporâneo e em suas relações com o passado recente, mas esse mesmo lugar não se desenha senão como um *após*. Os textos são tomados em restrições de pensamento, de abordagem, de pesquisa que seus autores vivem sobretudo como situações de liberdade e de espontaneidade. É preciso ser tomado em si mesmo nas redes totalmente diferentes para ver desenhar-se a coerência das razões precedentes.

Com isso, formada pelas abordagens da linguística formal, encontramos seus alinhavos no *CLG*, enquanto que Meillet, em sua resenha de 1916¹⁰, não podia fazer de tal obra senão uma leitura sociológica, deixando fora de seu campo de visão tudo o que iniciaria uma formalização (o valor, por exemplo).

Aprender a ler historicamente é aprender a diferença e tentar destrinchar as razões dos textos, na medida em que elas pertence à conjuntura.

⁹ Sechehaye, 1908.

¹⁰ Meillet, 1916; retomado in Normand *et al.*, 1978, p. 163s.

3.2 A descontinuidade

A busca pela diferença conduz a pensar em termos de descontinuidade. Será preciso evidentemente encontrar as diferenças pertinentes e reconhecer que a descontinuidade pode ter graus. Em um primeiro momento, o esquema do corte epistemológico permitiu balizar o terreno, de distinguir a emergência da novidade, em uma abordagem sem dúvida simples demais, mas de início indispensável para sair do círculo mágico da repetição-continuidade.

Supomos então limites ou cortes: nós os lemos após, à luz dos “conhecimentos sancionados”.

Assim são a *sincronia* e a *língua* saussurianas. Tais novidades evidentes foram destacadas pelo próprio Saussure, mas basta ler as resenhas contemporâneas para ver até que ponto elas foram seja recusadas seja sequer conhecidas. Mais que qualquer outro, esse exercício de leitura comparada permitiu-nos fazer compreender o que é uma *problemática* e eliminar correlativamente seus precursores.

Não se trata senão de mostrar que o que foi dito antes é completamente outra coisa, mesmo se a palavra é a mesma.

Dessa maneira, para Whitney, o termo *instituição* se inscreve em um conjunto específico e relativamente coerente: ele define a linguagem em geral; ela é sinônimo de *convenções*, *contrato*, herdada de uma história e, portanto, reenvia explicitamente a uma posição no debate sobre a origem da linguagem (natureza/convenção). Ao mesmo tempo, ele se prende a um ponto de vista que inspira a sociologia nascente e permite definir a linguística no quadro dos métodos dessas novas ciências, históricas, sociais, que se ocupam de desvendar as leis da atividade humana.

Saussure retoma de Whitney o termo “instituição social”, mas como uma definição da *língua* (e não da linguagem em geral); o acento colocado sobre “sua natureza especial” (“não é uma instituição especial semelhante às outras”) integra o termo em uma problemática totalmente diferente onde ele toma seu sentido com relação a *sistema de signos*, *sincronia*, *semiologia*, etc. De sorte que sob a mesma palavra se definem posições que podemos supor serem radicalmente opostas como parece aqui e além:

Para nós, a história de uma palavra é a história de suas mutações de sentido e de suas mudanças de formas [...] nas quais não entra outra força senão a força livre da vontade humana, agindo aqui e ali sob a influência das condições e dos motivos.¹¹

O signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista.¹²

¹¹ Whitney, 1875 [1982, p. 119].

¹² Saussure, 1916 [2012, p. 48].

Mostraremos da mesma maneira que a definição do *arbitrário do signo* em Saussure não tem quase nada a ver com a fórmula constantemente retomada por Whitney, de quem Saussure teria tomado emprestado: o signo é convencional.

Um dos exemplos mais chocantes é sem dúvida aquele do termo *analogia*, tomado em Schleicher em uma problemática organicista (a analogia corrompe o organismo linguístico primitivo); em Brugmann e Osthoff, em uma problemática das leis da mudança (a analogia é a lei das ditas exceções das leis); em Saussure, em uma problemática sincrônica; a analogia é inteiramente “gramatical”, uma vez que ela é a própria manifestação do funcionamento ordinário da língua, sobre os dois eixos das associações e dos sintagmas. Desde então, o termo que servia para explicar a mudança histórica designa a estrutura. Não há aí conciliação, mas diferença radical de ponto de vista sobre os “fatos”.

Poderíamos multiplicar os exemplos do que tal abordagem permite esclarecer, distinguir, avaliar. Passemos às dificuldades que acompanham essas demonstrações.

4 As dificuldades práticas e teóricas

A primeira está para o fato de os outros autores em questão verem a si mesmos como inovadores, polemizando e rompendo com o passado imediato. Ora, as rupturas que a abordagem proposta permite identificar não coincidem exatamente com aquelas que eles proclamam. Assim, Whitney pensa ter pulverizado a “teoria ding-dong” de M. Müller sobre a origem da linguagem; mas é por opor-lhe uma teoria também especulativa sobre a origem “por convenção” que não somente não sai do velho debate filosófico, como ainda procede a partir de evidências, cujo caráter “científico” é no mínimo tão duvidoso quanto aquele das evidências precedentes. E, no entanto, a mudança de ponto de vista importa, porque ele não é indiferente para a sequência que se passe da “mão de Deus”, invocada por M. Müller, à “vontade individual e coletiva” que faz, segundo Whitney, da formação das línguas “um incidente da vida social e do desenvolvimento da civilização”¹³.

Dito de outro modo, avaliamos retrospectivamente o escopo dessa mudança, em função dos pensamentos e das novas abordagens que ele permitiu, por exemplo, trazendo destaque à comunidade e, por conseguinte, ao *uso*, às custas da história.

Diríamos ainda que, para Brugmann e Osthoff, a radicalidade da mudança sem

* [N.T.] Referenciamos a tradução do Curso de linguística geral de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidiro Blikstein, publicada desde 1970 pela Editora Cultrix. Aqui, trazemos sua 28ª edição, em circulação desde 2012.

13 Whitney, 1875 [1982], capítulo XIV.

dúvida não está onde eles a situaram: eles creem ser revolucionários com relação ao primeiro comparatismo, mas eles conservam o mesmo objeto (comparação e história das línguas indo-germânicas), julgando ser suficiente ter mudado o método (observação do presente no lugar da reconstrução hipotética do passado distante). Se nos parece também que a nova atenção dirigida aos dialetos vivos constitui uma mudança importante, isso não é pelos efeitos que eles esperavam de tal mudança: eles pensavam que essas observações certas, porque “imediatas”, permitiriam-lhes esclarecer o passado da língua de maneira mais rigorosa; vemos acima de tudo se preparar em tal abordagem a configuração de noções, de uma ordem totalmente diferente, sobre o funcionamento sincrônico da língua. Dessa forma, essa observação que, para eles, confirma o caráter sem exceção das leis fonéticas (leis das mudanças), seria sobretudo interessante na medida em que ela anuncia a consideração das restrições do sistema sincrônico:

Em todos os idiomas populares vivos, as configurações fonéticas próprias ao dialeto reúnem toda a matéria da língua e são observadas pelos membros da comunidade falante com um rigor bem maior que o que se poderia esperar [...]¹⁴

Em cada caso, portanto, somos levados a avaliar as diferenças pertinentes segundo um *critério retrospectivo*, o que não ocorre sem um certo desconforto diante do risco de normatividade, quiçá de teleologia. Outra dificuldade: o limite, se ele existe, não é jamais claramente desenhado nesse tipo de textos. Há não muito tempo, eu pensava poder mostrar muito facilmente, por uma leitura comparada, que havia “corte” em Saussure enquanto ele era ausente em Whitney. A análise concreta dos textos me afundou em dificuldades imprevistas onde eu reforçava minha convicção ao mesmo tempo que se tornava mais e mais difícil prová-la. Daí a novidade, certamente radical, da teoria do *valor* produzida, em Saussure, em um discurso tão particularmente constrangedor em termos filosóficos sobre a realidade, o concreto, o significado... que não podemos ver nela senão um avatar da “filosofia ocidental”.

Bem menos evidente ainda é a mudança em Whitney ou Brugmann e Osthoff; contudo, é impossível resolver a dificuldade enviando-os a uma “pré-história” da ciência, a um antes do corte, por que isso seria pensar o corte como uma nova origem, o que manteria o mistério da gestação do novo.

Foi assim que fui levada a utilizar expressões tão pouco satisfatórias que: vemos *se preparar* uma nova abordagem, um novo ponto de vista sobre os fatos; aqui *se anuncia* uma mudança de *terreno*; aqui, andamos sem sair do lugar, lá, avançamos, etc. metáforas duvidosas e inevitáveis.

Para resumir os riscos teóricos dessas dificuldades práticas: como evitar que o recurso

¹⁴ Brugmann, Osthoff, 1879 [1973, p. 131].

aos “conhecimentos sancionados” não seja um retorno à oposição erro / verdade? Seria a noção de problemática uma garantia suficiente? “Tribunal da história”, “polícia dos conceitos”? Seria preferível o mito do progresso contínuo da razão? E seria mesmo tão diferente se a Razão pudesse assim confundir-se, errar e, por fim, recuperar-se porque ela sempre aprende mais? O modelo positivista da Ciência que reaparece, enfim, seria ele tão diferente da primeira abordagem? Ciência / não ciência, segundo critérios estabelecidos retrospectivamente, ou amadurecimento contínuo das ciências que deve permitir a todas de realizar, um dia, o modelo ideal (a física? a biologia?) com, no horizonte, o Saber Unificado, caro aos neopositivistas?

Quem poderia estar certo, senão de escapar completamente a esse modelo, ao menos de sempre reconhecer seus diversos avatares? Podemos ao menos tomar a precaução de um uso prudente da crítica. Criticar, vale dizer, separar não o que guardamos do que jogamos fora, mas o novo do antigo, sabendo que o antigo não deve ser jogado fora, mas recolocado em seu lugar, em sua data, terreno nutritivo e diferente. Observações simples, sem dúvida, mas que ajudam a compreender o que faz com que se pense o que se pensa em um momento dado, pela análise sempre lacunar das múltiplas determinações e sobredeterminações. Talvez assim possamos mostrar um corte que, nas ciências humanas, sem dúvida nunca é verdadeiramente alcançado.

5 O terceiro ouvido

Seria preciso saber ler, saber interpretar, o que se diz nos condicionamentos de tal retórica, sob a garantia das certezas, na confusão das questões evitadas. É por isso que sempre escolheremos analisar os discursos mais problemáticos. Por exemplo, a metáfora incoerente de Brugmann e Osthoff, para quem “o edifício inteiro da ciência comparativa”¹⁵ deve ao mesmo tempo ser radicalmente revisado em suas fundações e curiosamente conservado em “pedaços inteiros” que tanto são resultados incontestáveis.

Algo se diz ali, mas de alguma forma “por baixo” ou “apesar de”, por fragmentos dispersos. É como se o texto dissesse, mas ele diz sem dizer, ou pode ser que isso ainda não possa ser dito.

Por exemplo, a *sincronia* em Whitney. Enquanto que em meio a considerações etimológicas estranhas ele aproxima *to grow* e *green*, depois desloca tal observação, sem sequência, ao esquecimento e à indiferença da parte daqueles que falam a respeito da origem das palavras que eles empregam porque só conta, para eles, o uso atual. Mas como pensar a sincronia, como objeto autônomo, enquanto o consenso se faz desde há muito tempo sobre o interesse, exclusivo, de explicar as mudanças, suas leis e suas causas?

¹⁵ *Ibid.*, p. 132.

Como pensar as relações, os valores, quando consideramos os termos em sua realidade individual e concreta, como seixos ou fósseis? Whitney, entretanto, estudando longamente os acidentes fonéticos que expõem os casos particulares *read / read* e *man / men* (com relação ao perfeito e ao plural regulares do inglês), termina com esta observação:

Este último é ainda um caso ao qual aplicamo-nos para fazer uma distinção gramatical de uma diferença de forma que, em sua origem, foi inorgânica, vale dizer, acidental.¹⁶

Seria abusivo dizer que aqui se esboça, sobre o terreno do comparatismo, um pensamento da diferença pura, da relação formal? Assim, no desenrolar, geralmente seguro, do discurso, por vezes alguma coisa fica presa, como se um elemento novo tentasse entrar na forma de velhos termos que não se adaptaram. Portanto, emaranham-se acordos confusos, por exemplo, sobre a diferença de participação na obra da linguagem, que existe entre o indivíduo e a sociedade, passagem na qual Whitney tenta conciliar a liberdade, a vontade e a consciência, incessantemente afirmadas, do indivíduo falante com as restrições do uso coletivo, uma vez que:

Para que sons articulados possam se chamar língua, é preciso que eles sejam aceitos pela sociedade tão limitada quanto ela possa ser. Daí vem que a ação individual sobre a linguagem é restrita e condicional.¹⁷

Sobre essas passagens hesitantes podemos, com prudência, utilizar metáforas: aqui “se prepara” a distinção língua/fala, passamos sobre “o terreno” da sincronia... Mas isso ainda não foi pensado, está lá sem ter sido verdadeiramente formulado nem explícito.

Recorrer à *recorrência* implica, portanto, recorrer ao *desconhecimento*: eles não sabem o que se escreve por eles, porque a distância não é tomada em relação às redes de pensamento que os governam. É preciso ser tomada em outras redes, não menos rigorosas, para ver o que não foi visto. “Leitura sintomática” certamente, mas histórica. A simpatia pelo passado, a experiência da muito relativa liberdade de fala e um gosto obstinado de arquivista à procura das múltiplas relações de um discurso, devem permitir que se evitem as armadilhas do julgamento.

6 A contradição:

Outra forma de desconhecimento. A história avança sem dúvida, mas por vezes poderíamos dizer “pela parte errada”, em um primeiro momento de reflexão. Daí a introdução da história em linguística, história social e não mais gênese orgânica. Whitney afirma

¹⁶ Whitney, 1875 [1982], capítulo XIV.

¹⁷ *Ibid.*, p. 124.

incessantemente: a linguística é uma ciência histórica porque tudo o que ocorre na linguagem é o efeito da vontade consciente e livre dos homens; a criação das palavras, por exemplo, se faz “pela operação racional, *i.e.*, a operação refletida dos homens” guiada pela necessidade de adaptar seus meios a suas necessidades. Ora:

[t]oda matéria na qual vemos as circunstâncias, os hábitos e os atos dos homens constituírem um elemento predominante, não pode ser outra coisa senão o assunto de uma ciência histórica ou moral.¹⁸

Nessa concepção da história, o que ocupa o centro das atenções é o indivíduo, sua consciência, sua liberdade. A sociedade ainda não é mais que uma coleção de indivíduos, uma soma de vontades particulares. Se, portanto, no *slogan* vitoriosamente consagrado por Whitney, a linguística se tornou ciência histórica, isso se dá primeiro em detrimento do rigor dos fatos e das leis que reivindicava Schleicher em seu modelo naturalista.

Avançamos, sem dúvida, saindo do organicismo, mas isso passando primeiro pela subjetividade.

Mesma contradição em Brugmann e Osthoff, que, introduzindo pomposamente a psicologia, proclamam, a partir daí, a supremacia do locutor, de seu psiquismo, de sua fala viva.

O que é primeiro regressão com relação ao modelo científico dominante, constitui, de fato, uma etapa sem dúvida indispensável “para que” se pudesse pensar um dia língua/fala, pré-requisito de toda linguística formal. Para poder distingui-la da língua, seria preciso pensar a fala, vale dizer, o locutor, esse personagem com o qual uma linguística organicista nada teria a ver; para pensar o sistema sincrônico, seria preciso, assim, encontrar, para além da evacuação da norma (ou da razão) no relativismo do comparatismo, *o uso*, suas restrições atuais imperativas, incontornáveis por esse mesmo locutor, seria preciso *a instituição*.

E com isso: não “finalmente Saussure chegou!”, mas como teria ele podido não chegar? Bastaria que sobre esse terreno de ideias tão agitadas aparecesse uma “natureza” não conformista, ou, como diz Bachelard do verdadeiro pesquisador, “uma alma com o mal de abstrair e de quintessenciar”.

¹⁸ *Ibid.*, p. 256.

POSFÁCIO 2009

Importa lembrar que este texto é datado e, por aí mesmo, já é objeto histórico, testemunha de um período da linguística contemporânea. As problemáticas que aqui são proclamadas e defendidas com vigor devem ser contextualizadas nesse final dos anos 1970, crise da linguística estrutural e fim de um período, militante de diversas maneiras. A leitura da discussão (viva) que acompanha esta exposição durante o colóquio de 1980 poderia já esclarecer (vol. II das atas publicadas sob o título *Les sciences humaines, quelle histoire ?!*). Tentei apresentar tais circunstâncias nos dois textos posteriores: “La coupure saussurienne”, in *Saussure aujourd’hui*, 1992 (p. 219-231), Atas do colóquio de Cerisy (LINX, número especial, Université de Nanterre), e em *Allegro ma non troppo. Invitation à la linguistique*, 2006 (“1980 : embranchement ou bifurcation ?”, p. 165-177), Paris: Ophrys.

Esses textos, ainda que sejam intervenções em uma história das teorias linguísticas, preocupados com método e com crítica epistemológica, devem ser tomados como rastros de um percurso deliberadamente pessoal, elementos de uma biografia intelectual a propor eventualmente ao historiador que terá tomado distância o suficiente para falar em “científico” dessa época apaixonada.

Tentar apresentar em sua história o que se queria enquanto uma disciplina científica nova, introduzi-la em um curso universitário, era raro e encontrava resistências que o tom da exposição e das discussões demonstra. A Société d’Histoire et d’Epistémologie des Sciences du Langage (SHESL), sob a direção de J.-Cl. Chevalier e de S. Auroux, estava em seus começos modestos, mas confiantes: o primeiro número da revista *Histoire Epistémologie Langage* (1979, t. 1, fasc. I) prometia uma longa sequência. O grupo com o qual organizei esse encontro de 1980 (Groupe de recherche en histoire de la linguistique, GHRIL) não possuía experiência editorial (daí os numerosos defeitos dessa publicação), mas tinha o entusiasmo dos iniciantes. Nós éramos “pioneiros”; é assim que é preciso ler essas páginas.

Amanda Eloina Scherer¹⁹

Erick de Queiroz Brittes²⁰

19 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

20 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

Referências bibliográficas

BRUGMANN, K.; OSTHOFF, H. Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiet der indogermanischen Sprachen. *In*: JACOB, A. **Genèse de la pensée linguistique**. Paris: Armand Colin, 1973 [1879]. p. 127-138.

MEILLET, A. Compte-rendu du Cours de linguistique générale. **Bulletin de la Société de Linguistique de Paris**, t. XX, p. 32-36, 1916.

MÜLLER, M. **Nouvelles leçons sur la science du langage**. Paris: A. Durand et Pedone Lauriel, 1867.

NORMAND, C.; CAUSSAT, P.; CHISS, J.-L.; MEDINA, J.; PUECH, C.; RADZINSKI, A. (org.). **Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Editions Complex, 1978.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1983 [1916].

SECHEHAYE, A. **Programme et méthodes de la linguistique théorique: Psychologie du langage**. Paris: H. Champion, 1908.

WHITNEY, W. D. Strictures on the Views of A. Schleicher respecting the Nature of Language and Kindred Subjects. *In*: NORMAND, C. *et al.* **Avant Saussure, choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Editions Complex, 1978 [1871]. p. 151-153.

WHITNEY, W. D. **La vie du langage**. Paris: Didier-Erudition, 1982 [1875].

Seria preciso defender Saussure contra seus amadores? Notas incessantes sobre a etimologia saussuriana¹

Jürgen Trabant²

“*Bach gegen seine Liebhaber verteidigt*”, “defender Bach contra seus amadores” é o título de um famoso artigo de Adorno no qual ele se posiciona contra os amadores de um Bach “autêntico”, contra os puristas estudiosos de Bach e contra um historicismo que se crê detentor da verdade musical. Esses amadores de um Bach histórico lutavam – aliás, com um fervor quase religioso – para que se tocasse Bach em instrumentos de época, que se reconstruísse a sonoridade “autêntica”, que se restituísse o contexto eclesiástico. Eles cerram Bach em seu meio histórico restrito – nada apreciado por Bach – de diretor musical da Thomaskirche de Leipzig. Adorno defende Bach em nome do progresso musical mostrando as potencialidades de sua música que justamente tenta ocultar as correntes de seu tempo e insiste sobre a abertura dos textos musicais de Bach, que se revolta contra as limitações históricas, devidas, por exemplo, à estreiteza dos dados ideológicos e à pobreza material dos instrumentos de outrora. O cravo não possui necessariamente o som com o qual sonha a música de Bach. Evidentemente, os casos históricos não são de maneira alguma idênticos, mas há analogias estruturais evidentes no que se passa em torno de Saussure. Seria preciso, então, defender Saussure contra seus amigos, amadores de um Saussure autêntico?

1 À procura de um Saussure autêntico

Nos últimos anos, houve uma renovação no interesse por Saussure. Depois do estruturalismo e do pós-estruturalismo, a era de Saussure parecia estar definitivamente encerrada. Mas há novas atividades, ligadas a um trabalho filológico sobre as “fontes”, que se põem a reconstruir um Saussure “autêntico”. Johannes Fehr (desde 1975, a propósito!) no mundo germanófono e Simon Bouquet no mundo francófono são os atores desse trabalho.

1 [N.T.] O texto original está publicado no número 159 da revista *Langages*, de 2005. Deixamos registrados nossos agradecimentos mais calorosos ao professor Trabant por ter-nos permitido traduzir seu artigo.

2 Professor emérito de Linguística e Filologia Românica da Universidade Livre de Berlim. E-mail para contato: trabant@zedat.fu-berlin.de

Mas quais são as razões e quais são as problemáticas dessas atividades? Haveria problemas na discussão linguística atual aos quais se liga essa nova presença de Saussure e, se pudéssemos afirmar, encontraríamos soluções para tais problemas no “verdadeiro Saussure”? Tal é, por exemplo, a razão da renovação do interesse em Humboldt, ligada a um sentimento de *souffrance*: Humboldt ajuda a lembrar o fato de que o estudo da linguagem é um vasto campo de atividades científicas cujo centro é a atividade individual de falar, o discurso, Rede, *energeia*. Humboldt serve para defender – contra a exclusividade de uma linguística naturalista psicobiológica – uma linguística “cultural” das línguas e até mesmo uma linguística “literária” dos textos e do discurso.

O que é verdadeiro para Humboldt também o é para Saussure, ao menos até um certo grau. Ludwig Jäger, por exemplo, invoca-o como testemunha contra as tendências dominantes da linguística moderna. Para Jäger, essas tendências, criticadas, da linguística moderna são justamente devidas somente ao próprio Saussure ou, para ser mais preciso, ao *Curso de linguística geral*. Curiosamente, com efeito, a renovação de Saussure é, ao menos em parte, profundamente anti-saussuriana. Porque, contrariamente ao que acontece com Humboldt, os amigos de Saussure não se referem ao Saussure clássico, aquele do *Curso* (língua/fala, sintagmático/associativo, signo/significante/significado, arbitrário, semiologia, sincronia/diacronia, etc.), mas a um outro Saussure, um Saussure autêntico, que só será encontrado nas notas de aula dos estudantes e, sobretudo, nas notas e manuscritos deixados pelo próprio Saussure. A nova presença de Saussure é, então, devida a uma luta de Saussure contra Saussure. Baseando-se na filologia saussuriana, pode-se atacar aqueles que ainda se referem ao *Curso* e às interpretações clássicas. Pode-se mormente atacar uma linguística que segue a tradição do Saussure “clássico”. Assim, por exemplo, àqueles que ainda creem que Saussure teria preconizado uma linguística da língua (em si mesma e por si mesma) contra uma linguística da fala³, é possível mostrar o contrário; as “fontes” dizem categoricamente que é preciso haver duas linguísticas:

Só que a lingüística, eu ousou dizer, é vasta. Em especial, ela comporta duas partes: uma que está mais perto da *língua*, depósito passivo, outra que está mais perto da *fala*, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que logo se avista, pouco a pouco, na outra metade da linguagem (ELG, 2004, p. 232 [ÉLG, p. 273]).⁴

3 Cf. a famosa passagem do *Curso*: “Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar de uma Linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua” (CLG, 2012, p. 52 [CLG : 38 sq.]).

[N.T.] Referenciamos a tradução do *Curso de linguística geral* de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidiro Blikstein, publicada desde 1970 pela Editora Cultrix. Aqui, trazemos sua 28ª edição, em circulação desde 2012. As demais passagens do *Curso* citadas neste artigo também são extraídas da tradução mencionada.

4 [N.T.] A tradução, como consta na referência entre parênteses, pertence à edição dos *Écrits de linguistique générale* já consolidada em solo brasileiro: trata-se dos *Escritos de Linguística Geral*, em sua 1ª edição, traduzidos por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicados em 2004 pela Editora Cultrix. As demais passagens dos *Escritos* citadas neste artigo também são extraídas da tradução mencionada.

Certamente é um jogo interessante. Mas quem precisa desse jogo? Será que ele traz algo de novo para a linguística ou para a teoria da linguagem? (No que concerne a nosso exemplo, linguística da língua/linguística da fala, a discussão dos anos cinquenta não poderia, talvez, já ter esgotado um pouco os argumentos?)⁵

Ou será que ele contribui para fazer compreender Saussure? Da mesma forma, por exemplo, que a interpretação linguística ou “sematológica” de Vico trouxe algo de novo: insistindo sobre o aspecto sematológico que a tradição havia negligenciado, ela mudou a imagem e portanto o escopo da filosofia desse autor aproximando-o de posições filosóficas modernas (geração semiótica do pensamento, filosofia da linguagem)⁶. Certamente também é o caso para Saussure: as interpretações de Fehr, de Bouquet e de Jäger baseadas nos documentos manuscritos, acrescentam conhecimentos detalhados não somente linguísticos, mas sobretudo filosóficos ao pensamento de Saussure dos quais antes não suspeitávamos.

Mas no que concerne a sua utilidade para a linguística, pode-se de início questionar: a linguística atual se encontra em planetas infinitamente distantes dessa galáxia chamada “Saussure”. Ela se interessa por praticamente mais nada do que “Saussure” representa (à exceção, talvez, mais recentemente, do problema da relação entre sincronia e diacronia). Os assuntos saussurianos lhe são completamente indiferentes: “O objeto da linguística”? Essa questão não é mais discutida, ela parece estar completamente resolvida, não há sombra de dúvida sobre o objeto da linguística, seu objeto é “*language*”. “Língua e fala”? Nada é mais indiferente à linguística atual: as línguas enquanto tais não são mais o centro da linguística, descrevemo-las menos “em si mesmas e por si mesmas” como sistemas semiológicos historicamente individuais e mais como, acima de tudo, manifestações superficiais de “*language*”. E a fala definitivamente não tem nada a ver com a linguística: *speech* é uma manifestação completamente contingente de *language*. “O signo linguístico” – *the arbitrary Saussurean sign* – ainda é evocado de tempos em tempos ou digamos que ele assombra o discurso linguístico como o espectro de um tempo passado, somente para dizer que o significante não imita o significado (que é na maior parte do tempo idêntico à coisa designada): “*the wholly conventional pairing of a sound with a meaning*” (Pinker, 1994, p. 83). Mas o núcleo da reflexão semiológica de Saussure, a união do significante e do significado e tudo que surge dessa união, não se encontra no centro da linguística atual. No lugar da “dupla essência” (expressão que consta nas notas recentemente encontradas por Engler e publicadas nos *Escritos de linguística geral*) que é, no fim das contas, a “dupla articulação” do estruturalismo, está a “recursividade” que agora constitui a essência da linguagem ou, em

⁵ Cf. Coseriu (1952)

⁶ A título de exemplo, permito-me remeter a Trabant (2004).

vez disso, da “*language*”. “Semiologia”? Que a linguística possa fazer parte de uma ciência de signos maior não interessa mais a ninguém. Portanto, que a linguística atual possa se interessar por essas discussões saussurianas me parece pouco provável.

Mas essa distância interestelar entre a linguística e “Saussure” seria talvez, justamente, uma razão a mais para rerepresentar Saussure, como se tenta fazer com Humboldt. É, com efeito, o que faz Ludwig Jäger. O problema com essa tentativa de atualização é que não é o Saussure conhecido que ele repropõe à linguística, mas um Saussure novo, um Saussure que é ainda mais distante da linguística atual que o antigo Saussure, sobre quem a linguística tem ao menos ainda alguns preconceitos (“*the arbitrary Saussurean sign*”) – como sobre Humboldt, aliás, que a linguística imagina ser o inventor da tipologia. Os outros saussurólogos mencionados têm outras ambições. Seus trabalhos são, por outro lado, contribuições à história das ciências e à compreensão de Saussure, considerado como um clássico (Fehr), que é preciso, entretanto, remodelar radicalmente, libertá-lo de sua armadilha histórica e linguística e conduzi-lo em direção a outras dimensões, filosóficas sobretudo (Bouquet). Mas Saussure é um clássico muito especial, cuja especificidade levanta questões particularmente complicadas sobre essas atividades de reconstrução de um novo Saussure, de um verdadeiro Saussure.

2 Saussure: um texto sem autor

Saussure – seria preciso lembrar? – não é um autor. Saussure é um texto. Radicalmente. E em sua textualidade esse texto se distingue de praticamente todos os textos importantes da literatura europeia: o *Curso de linguística geral* – que designaremos por “Saussure” – não tem autor, ele não é escrito por aquele que aparece como seu autor e seus escritores negam sua paternidade literária, é um texto duplamente sem pai. A *Iliada* também não possui autor propriamente dito. Ela possui um autor inventado, Homero, para confirmar sua coerência textual. Mas a incerteza do pai não coloca o texto em dúvida. Por vezes, os “escritos” de um autor moderno não são da mão do próprio autor, mas passam por um dispositivo de ditado. Simplesmente aquele que dita ainda é o mestre de sua fala e pode, por exemplo, reler e redigir o texto ou supervisionar sua impressão. Por vezes, como para a maioria dos escritos de Humboldt, o autor não é o mestre da forma impressa de seus escritos ou porque ele não fez a impressão de seus escritos manuscritos (inacabados) ou porque ele morreu. Mas há, de todo modo, manuscritos do que é impresso, vestígios, portanto, do autor em si. Para os textos antigos e medievais, raramente temos textos autógrafos, mas famílias de manuscritos, reduzidas a uma forma definitiva desde a existência da imprensa. Pode-se ainda pressupor uma linha que vai do autor à última forma (impressa). A relação entre autor e texto (impresso) pode, então, ser

incerta ou indireta. Mas para o *Curso de linguística geral*, tal relação é duplamente desgastada. “Saussure” é um texto escrito por dois linguistas suíços – Bally e Sechehaye – a partir de notas de estudantes que frequentaram aulas de seu colega Saussure em Genebra no começo do século XX. Bally e Sechehaye explicam em seu prefácio ao *Curso de linguística geral*, de julho de 1915, seu “trabalho de assimilação e reconstituição” (Bally/Sechehaye no *CLG*, 2012, p. 25 [CLG, p. 9]): “Saussure” é a escritura muito indireta de um ensino acroamático. E esse ensino tem todas as características de um ensino intencionalmente acroamático: ele foi endereçado a um pequeno círculo de iniciados e não tinha por objetivo ser “publicado”, tornar-se exotérico, menos por razões criptológicas ou de distinção social (como para o ensino acroamático de Aristóteles) e mais pelas incertezas e dúvidas do locutor. “F. de Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar; seu pensamento evoluía em todas as direções” (Bally/Sechehaye no *CLG*, 2012, p. 24 [CLG, p. 8-9]). Poderíamos até mesmo questionar a legitimidade do registro por escrito e da publicação. Mas quem poderia negar que Saussure teria ficado contente que pessoas enérgicas como Bally e Sechehaye colocaram fim em suas hesitações e dúvidas e fixaram justamente seu pensamento oscilante? De todo modo, a coisa está feita, o texto está aí e teve o destino que conhecemos. E o dispositivo discursivo – é preciso repetir – que gera esse texto “Saussure” é o seguinte: o homem Saussure – porque não podemos duvidar de que um homem Saussure tenha existido – fala a alguns ouvintes a partir de notas que ele destrói em sua maior parte após as aulas. Como ainda não há registro fonográfico (e não temos como saber se o locutor teria permitido um tal registro), os estudantes escrevem, eles são os fonógrafos dessas aulas (segundo o “método acroamático do ensino universitário” do qual fala Nietzsche). Bally e Sechehaye não frequentaram essas aulas. Eles leem as notas dos estudantes e algumas notas que seu colega deixou. Eles falaram também com estudantes-ouvintes. Eles escrevem, então, um texto tendo por base esses testemunhos, com a intenção de “reconstituir” fielmente o *pensamento* do homem Saussure. Eles não reconstroem necessariamente a *voz* do locutor. As coincidências entre as fórmulas anotadas pelos estudantes, provavelmente falas do próprio Saussure, e o texto do *Curso* não são tão grandes (Engler as imprime em negrito em sua edição crítica). Entre seu texto “Saussure” e o homem Saussure, há, pois, um duplo processo de escuta-registro e de leitura-compreensão. O *Curso* é um texto escrito por ouvir-dizer e ler-escrever: falas de Saussure – escuta dos estudantes – escritura dos estudantes – leitura de Bally e Sechehaye – escritura de Bally e Sechehaye – *Curso*/“Saussure”. A fonte vocal autoral desse texto escrito já é bastante logínqua.

Apesar dessa distância, esse dispositivo de escrita é tomado por Bally/Sechehaye como um processo de transcrição, seus escritores se recusam a assumir uma autoria de sua parte: eles

não se apresentam como os autores do *Curso*, mas como os transcreventes de uma fala já transcrita, como fonogramógrafos. Contudo, a despeito de sua vontade de escrevê-los, a dupla distância torna a relação do texto com um autor Saussure mais que precária. Parece-me, então, que valeria mais dizer francamente que o *Curso* não tem autor ou que “Saussure” é um texto. Radicalmente. Esse texto é duplamente órfão, ele não tem nem pai nem padrastos. Isso não impede, por outro lado, que haja um autor que se chama Saussure, que escreveu livros, artigos e que deixou manuscritos. Mas ele ainda é um escritor distante desse texto que foi escrito em seu nome.

Parece-me que, dentre os grandes textos de nossa cultura, apenas as palavras do Cristo são ainda menos autênticas: Jesus não escreve, ele fala, e ele fala muito provavelmente em aramaico. Os evangelistas escrevem. Entretanto, salvo por “*Eli, eli, lama asabthani*”, únicas palavras registradas em aramaico (dentre as falas de alhures, que não são dirigidas a ouvintes humanos, mas a Deus), os evangelistas relatam as falas do Cristo em grego. Além disso, os evangelistas não estavam presentes quando essas palavras em aramaico foram pronunciadas. Eles não são sequer testemunhas diretas como os estudantes de Saussure. Como Bally/Sechehaye, eles são testemunhas indiretas utilizando, provavelmente, para a redação de seus textos, testemunhos escritos, coleções de falas de Jesus, *logia Jesu*. Nós ignoramos a exata constelação comunicativa que gerou o texto dos Evangelhos. Comparada ao *Curso*, a escritura das falas do Cristo apresenta, ademais, um processo de tradução entre a voz do autor e o texto escrito. Mas isso não tem importância para o sucesso do texto. É o texto dos Evangelhos que faz fé – como bem se diz – e que se tornou a base da tradição cristã, isto é, das interpretações desse texto e de toda uma cadeia de narrações e pregações orais e escritas. De toda maneira, o que é verdadeiro para os Evangelhos também o é para o *Curso de linguística geral*: esse texto pouco “autêntico” faz fé.

Mas para os Evangelhos estamos na feliz situação de não ter encontrado, *post festum*, notas manuscritas da mão de Jesus. O texto dos Evangelhos já se presta a diversas interpretações e a terríveis mal entendidos. Não ousamos pensar nas guerras de religião que a descoberta de manuscritos de Jesus teria gerado. Será que é isso o que arrisca acontecer em torno do *Curso de linguística geral*?

3 O infeliz destino de um texto clássico

No começo, até os anos 1970, o público lia “Saussure” sem fazer muitos questionamentos. Confiava-se, não havia escolha. Não havia nada além do *Curso*. E aquele a quem atribuímos esse livro havia morrido bem antes de sua publicação. Mas o texto se torna famoso, não gera

somente uma escola de linguística, mas todo um movimento intelectual: suas contradições permitem interpretações divergentes, seu sucesso incita a revolta e o abandono, em suma, ele se torna um texto fundador e “clássico”. É por isso que ele está rodeado de cuidados filológicos devidos a todo clássico. Encontram-se e publicam-se os documentos que conduzem a sua gênese: sobretudo os cadernos dos alunos, mas também as notas do próprio Saussure, com ou sem relação com a temática do *Curso*, milhares de páginas que, de agora em diante, formam o fundo textual do qual emerge o *Curso*. Contrariamente ao que acontece com outros textos clássicos, no entanto, a configuração de sua escritura, a ausência manifesta ou a dupla distância do autor, criam uma suspeita e uma espécie de abismo filológico no qual o texto arrisca desaparecer: acaba-se percebendo que o texto não é mais que um vestígio muito mediato da voz do autor e que os documentos garantem o acesso ao imediato, à voz ou ao menos aos testemunhos de escuta imediata. Primeiro, há às *Fontes Manuscritas* de Godel, em seguida, a edição crítica de Engler, a edição comentada de Mauro, os anagramas de Starobinski, as reconstruções dos cursos pelos cadernos dos alunos, a publicação, em alemão, de notas e outros documentos de Saussure por Fehr, e, finalmente, os novos textos de Saussure, encontrados em 1996 por Engler na biblioteca de Genebra e publicados – com os outros documentos manuscritos – nos *Escritos de linguística geral* – que, aliás, segundo Jäger (2003b, p. 15 *sq.*), não são nem “escritos” nem da “linguística geral”.

Tudo isso é necessariamente nefasto para um texto como “Saussure”. Na medida em que este não se refere senão de maneira duplamente indireta a um ensino acroamático, todos esses documentos que começam a rodeá-lo tendem automaticamente a colocá-lo em xeque, a destruí-lo. Em um trabalho filológico “normal” – confrontação de um texto definitivo (impresso) com o manuscrito do autor, com as rasuras, as variantes, as dúvidas, etc. do autor –, a reconstrução da gênese do texto já abala as certezas textuais. Mas a intenção do trabalho filológico é, com efeito, “normalmente” aquela de saber quais processos de transformação levaram o autor ao texto final (impresso) que faz fê. O trabalho filológico é, então, essencialmente *construtivo*, sua intenção não é de criticar ou de desconstruir o texto final. A filologia também pode, é claro, destruir a credibilidade de um texto, como, por exemplo, na famosa crítica filológica que o grande ancestral da filologia, Lorenzo Valla, fez da Doação de Constantino. Valla provou que se tratava de um apócrifo. Mas a intenção de Godel era de mostrar o bom trabalho, a fidelidade de Bally/Sechehaye, a credibilidade, portanto, do texto do *Curso*⁷. Da mesma forma, a intenção

7 Godel escreve no prefácio: « On espère qu’ainsi les chapitres qui suivent fourniront aux lecteurs du *Cours de linguistique générale* une “clé” qui permettra une plus sûre exégèse et, s’il en était besoin, la preuve de la conscience et de l’intelligence que les deux disciples ont mises au service de la pensée de leur maître » [“Espera-se que, assim, os capítulos que seguem fornecerão aos leitores do *Curso de linguística geral* uma ‘chave’ que permitirá uma mais precisa exegese e, se for preciso, a prova da consciência e da inteligência que os dois discípulos

de Engler não era nada destrutiva. A interpretação-edição de Fehr baseada em todos aqueles subtextos e mesmo a edição de Engler/Bouquet dos *Escritos* (não a interpretação de Bouquet!) continuam nessa tradição: elas mostram um pensamento esotérico, acroamático, mais rico, mas também incerto, mais caótico que teria encontrado sua forma exotérica, clara, no *Curso*. A filologia saussuriana é, então – no que concerne a suas boas intenções –, uma filologia clássica, conduzindo em direção a um universo textual clássico e construindo seus fundamentos.

Entretanto, apesar dessas intenções construtivas, frente a todos esses documentos, o texto impresso do *Curso*, duplamente afastado de sua fonte, órfão, não passa no teste de paternidade. A filologia saussuriana se dirige necessariamente *contra* o *Curso*: porque todos os outros documentos são mais críveis que esse que Bally e Sechehaye escreveram. Tudo que é mais próximo da fonte, mais próximo da voz do mestre, é mais crível que o texto impresso. Mesmo as notas mais inexatas de um estudante que não entende nada do que o mestre dizia são mais autênticas que o *Curso*, simplesmente porque esse estudante estava lá, na presença do mestre, perto da *phōnē*. São sagradas, é claro, as notas do próprio mestre. É aí que se encontra o “verdadeiro” pensamento do mestre, é aí que se encontra o Saussure autêntico, o verdadeiro, o *étimo*. Sob o peso dessa metafísica da proximidade, fonocêntrica, bem inscrita em nossa cultura desde o *Fedro* de Platão, a credibilidade do *Curso* colapsa. Ludwig Jäger constata acerca disso em 1975 e Simon Bouquet o segue em 1997: o *Curso* é uma farsa e o resultado de uma traição.

Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo *deformado* do pensamento que pretende divulgar, *falseando* [...] as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia (Bouquet, 2000, p. 13 [1997, p. I], grifos meus).⁸

Face à traição, face às deformações, não é, então, surpreendente que o autor de uma resenha dos *Escritos de linguística geral* na *Neue Zürcher Zeitung* observe – baseado nos testemunhos autógrafos – que a história da recepção do *Curso*, logo, de “Saussure”, revelar-se-á no fim das contas como a história de um grande erro. Necessariamente. Porque o trabalho filológico em torno do *Curso* só pode partir da distância ou da ausência do autor e, como ele procura o autor, nutre automaticamente a suspeita da não autenticidade do *Curso*. Em vista disso, ele revela necessariamente as transformações do que se encontra no fundo desse poço filológico, desse abismo do autêntico, como deformações e falsificações. Seu efeito (não necessariamente sua intenção) é automaticamente destrutivo frente a esse texto, porque ele não pode mostrar – o

colocaram a serviço do pensamento de seu mestre”] (Godel, 1957/69, p. 11).

8 [N.T.] A tradução da passagem referida consta na edição brasileira da obra de S. Bouquet, intitulada Introdução à leitura de Saussure e devida aos tradutores Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicada em 2000 pela Editora Cultrix. As demais citações da mesma obra também são extraídas da mesma tradução.

que normalmente a filologia faz – como o autor chegou à forma definitiva de seu pensamento no texto, mas, ao contrário, somente como os compiladores – mesmo de boa fé – *transformaram* e, por conseguinte, *deformaram* o original e se distanciaram da fonte, pura, é claro, como eles se tornaram usurpadores, maculadores e falseadores – portanto, traidores. Visto das profundezas filológicas e das “fontes” do verdadeiro, o *Curso* não pode ser senão afastamento e “erro” – uma farsa, e as leituras do *Curso* constituem necessariamente uma história de erros.

Mas isso não seria cair na armadilha da etimologia ontológica – heideggeriana, isidoriana – que crê que o “verdadeiro”, o *étimo*, de uma palavra não se encontra na significação atual, gerada pela história, mas no que se encontra por detrás ou “no fundo” de uma palavra? A significação e a forma material atuais de uma palavra esconderiam o verdadeiro, a essência semântica que não se encontra senão na significação e na forma material do passado, mais próximas do ser. Porém, trata-se aí de um abuso da etimologia, de um cratilismo ideológico: a etimologia transformada em suspeita contra o uso atual. A etimologia científica não faz isso, ela reconstrói a história das palavras, constata suas mudanças, não acha que o antigo é mais “verdadeiro” (apesar do termo “etimologia”) que o resultado das mudanças, ela acha o antigo somente antigo – e diferente (se ele mudou). Acima de tudo, ela não faz aproximações semânticas, nem exige que se utilize a palavra em sua “verdadeira” significação, aquela do passado – coloquemos a palavra *tête* [cabeça] na significação de “vaso de terracota”. É exatamente o que faz Heidegger quando ele utiliza em seus textos as palavras segundo sua (pretendida) etimologia e não segundo o uso atual da língua alemã. A etimologia científica, ao contrário, é uma disciplina que contribui para enriquecer nossos conhecimentos históricos. Mas estes são conhecimentos que têm nada (ou pouco) a ver com nosso saber linguístico sincrônico, com o emprego da língua. “Saussure” diz o mesmo, de maneira um pouco radical, quando ele constata que os sujeitos falantes não têm consciência histórica, mas somente um saber sincrônico da língua (CLG, 2012, p. 123 [CLG, p. 117]).

A filologia saussuriana, como a boa etimologia, não deveria partir da constatação sincrônica de que, há quase um século, nós lemos e utilizamos um livro, o *Curso de linguística geral*, que gerou e ainda gera um saber linguístico extremamente rico e importante? A contribuição da filologia saussuriana à utilização desse texto deveria ser etimológica sem o sentido descrito, isto é: constatar as mudanças, não achar o antigo mais “verdadeiro” que o resultado das mudanças, mas simplesmente antigo – e diferente (se ele mudou). Acima de tudo, ela não deveria fazer reprovações ou exigir que se utilize o *Curso* em sua “verdadeira” significação. A “verdadeira” significação do *Curso* está no *Curso* e não nos *Escritos de linguística geral*. Como a verdadeira significação de *tête* está na palavra *tête* e não na palavra latina *testa* da qual

a primeira resulta. Mas não é isso que fazem todos os defensores do verdadeiro Saussure, do *étimo* saussuriano: enquanto amigos da verdade, eles descartam o *Curso*, abandonam a mentira e vivem na verdade, na “leitura dos textos originais, livre da influência do *Cours de Linguistique générale*” (Bouquet, 2000, p. 16 [1997, p. v]).

Se consideramos o corpus dos fragmentos saussurianos como profundidade “autêntica”, como “verdade”, o autor da resenha da *NZZ* tem razão: o *Curso* é um conjunto de “erros” e a história de suas leituras não pode ser senão uma história de erros. No entanto, *e ao mesmo tempo*, tal autor equivocou-se completamente por dois motivos: na perspectiva da gênese do *Curso*, não há nada mais autêntico que “Saussure”, que o *Curso*, porque não há nada como o *Curso*. Como não há nada mais verdadeiro que os Evangelhos. É por isso que é inútil – para não dizer ilegítimo – culpabilizar os leitores de “Saussure” por serem as vítimas de uma fraude gigantesca porque teriam sido privados do “verdadeiro” Saussure, de suas verdadeiras intenções, de suas dúvidas, de suas hesitações. Todos os leitores sabiam perfeitamente que não foi Saussure quem escreveu tal texto, mas que o *Curso* possui um dispositivo de escritura complicado e póstumo que se chamou Saussure. Todos sabiam que era um texto sem autor. Mas, mesmo sem se darem conta desse fato, eles leram o texto e acharam esse texto extremamente interessante – como os leitores ou ouvintes dos Evangelhos consideraram essa mensagem uma boa mensagem. Logo, mesmo se se pudesse reprovar os compiladores por não terem feito um bom trabalho de “reconstituição” (ainda que eles o tenham certamente feito de boa fé) e de terem criado um texto fundado sobre “erros” no que concerne a sua relação com a fonte – o professor Saussure –, o texto continua autêntico. Porque o texto não retira sua força e sua credibilidade do fato de que ele é obra do professor Saussure, que ele sai da boca ou da mão de uma pessoa histórica, mas simplesmente de sua forma e de seus argumentos imanentes. Assim, uma gênese pretensiosamente “falseadora” não invalida as leituras de “Saussure”, não funda toda uma história de erros. Ter construído um estruturalismo severo, um formalismo radical, uma semiologia linguística baseada no *Curso*, por exemplo, não foi um erro de Hjelmslev. A leitura hjelmsleviana baseada no *Curso* é completamente legítima. Hjelmslev nunca afirmou que o que ele dizia era a última vontade ou a intenção essencial do verdadeiro Saussure, cidadão de Genebra, mas que ele interpretou e radicalizou o que ele encontrou no *Curso*.

Há, claro, leituras falíveis ou problemáticas do *Curso*, como há leituras falíveis ou problemáticas de qualquer texto. Mas esse é um outro problema. Por exemplo, a interpretação de Hjelmslev sobre a dimensão “associativa” como dimensão “paradigmática” é uma interpretação genial, entretanto, é também uma redução da dimensão “associativa” que figura no *Curso*. Da mesma maneira, quando se encontra entre os leitores de Saussure a opinião de que Saussure teria sido inventor do arbitrário do signo, isso não é culpa do texto. “Saussure” não diz isso

em parte alguma, ele diz, em realidade, o contrário: “O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém” (CLG, 2012, p. 108 [CLG, p. 100]), isto é, trata-se de uma coisa velha que todo mundo conhece – desde Aristóteles, nesse caso. Essa opinião – de que haveria “*the arbitrary Saussurean sign*” – é, então, simplesmente devida à ignorância histórica dos leitores. Em outros contextos (por exemplo, entre os historiadores que discutem sobre o “*linguistic turn*” das ciências da história), lê-se seguidamente que “Saussure” teria eliminado o referente da teoria da linguagem. Mas isso é inexato. O *Curso* diz somente que significante e significado unidos formam o signo, porém também diz que esse signo, esse “pensamento-som”, forma o mundo. O signo se refere, assim, ao mundo extralinguístico (CLG, 2012, p. 159 [CLG, p. 156]). É verdade, porém, que o signo linguístico quando considerado como elemento do sistema abstrato da língua não se refere *diretamente* ao mundo exterior, justamente porque se trata de uma abstração. Por outro lado, isso não exclui que, na fala, os signos se referem aos objetos. Pode-se mesmo assim admitir que, sobre essa questão, o *Curso* não é muito explícito.

4 Os *Escritos* com ou sem o *Curso*?

É verdade que encontramos nas notas, antigas e novas, escritas pela mão de Saussure, reunidas nos *Escritos de linguística geral*, um pensamento, rico e atormentado, sobre a linguagem e sobre a linguística que se procura. E parece que esse pensamento é o pensamento autêntico, “verdadeiro”, daquele que é a fonte do *Curso*. A questão que colocamos é a de saber como se comportar frente a esse pensamento “autêntico”. Até aqui, considere implicitamente quatro respostas possíveis cujas perspectivas resumirei brevemente: podemos simplesmente ignorar ou descartar o “verdadeiro” Saussure e continuar com o *Curso*. Dada a gênese e a história ulterior do *Curso*, parece-me absolutamente legítimo dizer: o Saussure “autêntico” não me interessa, há o *Curso*, é o texto que se tornou famoso com as consequências que conhecemos, isso me basta. Ou, ainda, o leitor do *Curso* pode tomar conhecimento do “verdadeiro” Saussure. Nesse caso, ele pode utilizá-lo em dois sentidos opostos: ou como informação etimológica que acresce ao prazer e à profundidade de sua leitura – uso eufórico – ou como informação etimológica que joga contra a leitura do *Curso* – uso disfórico, “rançoso”, como o chamou Claudine Normand (2000, p. 15). Esse ponto de vista conduz à quarta possibilidade: a leitura do “verdadeiro” Saussure somente, sem o *Curso*. Este sendo considerado como uma farsa, um erro, uma catástrofe intelectual, não se lê senão os *Escritos de linguística geral*.

É essa quarta possibilidade que é, é claro, a mais radical e a mais interessante. Para os velhos leitores do *Curso*, ela dificilmente é imaginável. É difícil retornar a um estado de

inocente ignorância. Quando lemos os *Escritos*, sempre nos perguntamos se o que lemos afirma, contradiz, precisa, completa o que conhecemos do *Curso*. Mas será que esses fragmentos têm um valor em si mesmos? Eles são compreensíveis, produzem um sentido “em si mesmos e por si mesmos”, para um leitor inocente que não sabe nada de “Saussure” (mas por que um leitor leria Saussure se ele não sabe nada de “Saussure”)? Eu gostaria de esboçar uma resposta a essa pergunta à luz de alguns exemplos.

As três lições de 1891 são, por exemplo, textos do corpus dos *Escritos* que, sem dúvida, têm um certo valor independente (ELG, 2004, p. 126-150 [ÉLG, p. 143-173]). Nessas conferências, Saussure situa a linguística, ciência autônoma, na oposição entre Ciências e Letras, ele se opõe à concepção da linguística como ciência natural e diz que a linguística é uma ciência histórica, em que “histórica” quer dizer “concernindo a ações humanas” e que essas ações se transformam com o tempo e se diversificam no espaço. Isso tudo é certamente muito bem colocado e compreensível para qualquer leitor (ainda que seja difícil de contextualizar sem certos conhecimentos da história da linguística). Porém: essas belas lições são muito mais interessantes quando se sabe que uma parte importante dessa concepção da linguística muda radicalmente no *Curso*: a linguística não é mais situada na dualidade das ciências da Natureza e das Letras, mas é colocada sob a legislação da psicologia (social) e da semiologia, uma ideia que se encontra também em outros fragmentos publicados nos *Escritos*, pertencendo, evidentemente, a uma outra época (gostaríamos muito de saber qual ela seria).

Os textos em sua maioria são, no entanto, dificilmente compreensíveis em si mesmos. Eles são arranjados e agrupados pelos editores. Os manuscritos raramente impõem uma ordem precisa. O arranjo dos fragmentos já é um passo interpretativo muito forte que orienta seu sentido. Além disso, seu conteúdo é indicado por títulos dados pelos editores (salvo nos raros casos em que Saussure colocou um título). E, finalmente, o arranjo, assim como a intitulação, são feitos em função de assuntos do *Curso*! Engler o faz de forma evidente no segundo volume da edição crítica do *Curso* e seu arranjo é conservado nos *Escritos de linguística geral*. Esses procedimentos editoriais foram estendidos aos novos textos que Rudolf Engler encontrou em 1996 e que constituem a outra parte do corpus do *Escritos*. De todo modo, eles perturbam necessariamente a pureza dessas “fontes”: os editores se misturam claramente – tragicamente – à autenticidade dos manuscritos. Uma questão circunstancial: será que os novos textos, encontrados em 1996, mudam alguma coisa? Ludwig Jäger (2003b, p. 18) observa que os novos fragmentos não adicionam nada de fundamentalmente novo ao que já se sabia desde a edição de Engler, isto é, desde trinta anos atrás. De qualquer forma, seriam as “fontes” – antigas ou novas – lisíveis por si mesmas – sem levar o *Curso* em consideração?

Se começamos a ler, por exemplo, os novos documentos do fundo BPU 1996, caímos

sobre as “verdades fundamentais” da linguística das quais uma seria a seguinte reflexão:

É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro (ELG, 2004, p. 21 [ÉLG, p. 17]).

Essa observação, aparentemente clara e simples, é, no entanto, muito difícil de compreender. De início, ela parece ser dirigida contra o uso insensato de “forma” e “sentido”. Depois, ela informa que, na linguagem, estamos, do ponto de vista da “forma”, lidando com a voz. E eu suponho que Saussure queira dizer, além disso, que não basta distinguir o material e o espiritual na linguagem, mas que é preciso falar de “forma” dos dois pontos de vista, isto é, que o material (vocal) é tão formado (figura) quanto o imaterial (forma-sentido). Contudo, essa passagem desenvolve todo o seu charme sobre o pano de fundo do *Curso* e da interpretação hjelmsleviana do signo linguístico como união de duas formas, da forma de expressão e da forma de conteúdo. E podemos continuar pensando no avatar desse teorema de Hjelmslev na teoria da dupla articulação de Martinet.

Aquela primeira observação, os editores fazem seguir cinco fragmentos nos quais Saussure toma posição contra uma concepção da linguística cujos objetos seriam objetos materiais como os objetos das ciências naturais. Acerca disso, ele dá as seguintes razões: “Uma língua existe se, a *m + e + r*, se vincula uma idéia” (ELG, 2004, p. 23 [ÉLG, p. 20]) ou: “Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolúvelmente ligado ao outro” (ELG, 2004, p. 24 [ÉLG, p. 21]). Será que meu leitor “inocente” compreende a dimensão dessas afirmações? De todo modo, essas passagens desdobram seu sentido em relação ao que diz o *Curso* sobre o signo e sobre a união indissolúvel do significante e do significado que é uma união psíquica. Da natureza psíquica da linguagem depende também a sistemática da linguística como ramo da psicologia e da semiologia, etc.

Essas indicações devem bastar como exemplos do que se pode chamar de caráter “parasitário” dos escritos do “verdadeiro” Saussure: os *Escritos de linguística geral* ganham sentido quando são lidos em relação aos assuntos do *Curso* e de seus desenvolvimentos ulteriores. Creio, então, que podemos descartar a possibilidade de uma leitura dos *Escritos de linguística geral* sozinhos. Restam somente as leituras “etimológicas” dos *Escritos*, como *étimo* do *Curso*.

Partimos de uma forte separação entre o *Curso* e o Saussure das notas devido ao abismo de transmissão que existe entre a voz do autor e o texto impresso, devido à cadeia muito indireta que liga o texto a seu pretendido autor, devido, enfim, a um fato “exterior”. Essa separação é corroborada pelo fato de que somente o texto impresso interpretou um papel na

história das ideias, o que permite, a meu ver, ficar apenas com o *Curso*. A leitura filológica, etimológica, adiciona a essa separação dos dois Saussure diferenças profundas de *conteúdo*: Jäger, por exemplo, parte de uma leitura muito crítica do *Curso* que conteria todos os males da linguística moderna (epistemologia analítica, formalismo, reducionismo, exclusão do discurso) e ele encontra tais diferenças entre o corpus do “verdadeiro” Saussure e o *Curso*, a ponto de ele crer que se deva romper com este último. Ele encontra remédios contra as concepções falsas do *Curso* justamente no verdadeiro Saussure que se torna, assim, com efeito, um anti-*Curso*. É evidente que uma tal posição não funcione senão em relação com o *Curso*. Também aquele que rejeita passionalmente o *Curso* deve, então, continuamente levar em consideração esse texto usurpador. Sem essa “farsa”, o caos dos textos autênticos não é controlável, muito menos compreensível. A reconstrução do pensamento do verdadeiro Saussure é certamente subversiva, mas ela resolve ao mesmo tempo a separação dos dois Saussure. O Saussure autêntico – qualquer que seja a intenção de seus autores – é o resultado de uma desconstrução do *Curso*, à maneira de Derrida: não vemos esse *étimo* senão através do *Curso* que permanece visível mesmo sendo negado.

Mas se é assim, se o verdadeiro Saussure não funciona senão em função do “falso”, se o verdadeiro Saussure constrói necessariamente uma ponte em direção ao *Curso*, seria, talvez, melhor ficar na via da etimologia saussuriana eufórica e deixar de lado o discurso “rançoso”? A reconstrução benevolente apresenta o “verdadeiro” Saussure como um canteiro de ideias subjacente ao texto impresso que, como tal, não seria uma traição, mas uma emanção legítima desse canteiro. A filologia eufórica contribui ao saber reconstruindo o contexto mais amplo de um clássico. É uma posição irênica que gera conhecimentos históricos importantes, sem dúvida. Porém, a etimologia saussuriana disfórica, polêmica, é mais interessante. Ela é necessariamente mais ambiciosa, porque sua reconstrução negativa deve – para fazer sentido – ter objetivos ulteriores: ela se mistura à pesquisa atual. Ela não pode se contentar com provar os crimes de Bally/Sechehaye, isso seria idiota. O *Curso* não é a Doação de Constantino, que foi simplesmente aniquilada pela crítica filológica. Ele não é um documento jurídico que funda direitos e que – uma vez desconstruído – é inválido. A desconstrução do *Curso* mostra os crimes de Bally/Sechehaye (traição), certamente, mas ela não destrói o *Curso*, não lhe retira sua coerência ou seu valor “sincrônico”. Ela propõe à pesquisa (linguística, filosófica) um Saussure mais profundo, mais próximo da realidade da linguagem, mais próximo de uma concepção justa da linguística. O Saussure de Jäger, por exemplo, é um teórico da linguagem superior ao *Curso*, um pensador quase humboldtiano, e – com isso – um crítico da linguística atual, incluindo aquela do *Curso*.

Apenas, mais uma vez, não vemos como esse novo e melhor Saussure deixaria de estar

ligado ao *Curso*. Ninguém encontrará só pela leitura dos *Escritos de linguística geral* (ou dos dois volumes alemães que lhes correspondem) um autor compreensível ou coerente, mas somente fragmentos muito difíceis de compreender, que ganham uma certa coerência e um certo sentido exclusivamente se os colocamos em relação com o *Curso*. Seria, então, difícil fundar, conforme quer Simon Bouquet, uma nova tradição de um grande pensador filosófico independente do *Curso*, a tradição do verdadeiro Saussure. Como esses escritos não funcionam senão em virtude do *Curso*, esse Saussure autêntico é necessariamente tributário do *Curso*. Ele está condenado a acompanhar o Grande Clássico. Ele é um pouco como o bobo da corte que diz a verdade, certamente, mas que, em dizendo a verdade, não tem força para abalar o Poder, mas, ao contrário, o confirma. Assim, a versão desconstrutiva de Saussure, o Saussure autêntico, etimológico, verdadeiro, não terá força para eliminar o poder do Grande Clássico, também usurpado, falso, que seja. O Saussure “autêntico” está tragicamente condenado a continuar sendo o bobo do *Curso*.

Amanda Eloina Scherer⁹

Erick de Queiroz Brittes¹⁰

Referências bibliográficas

ADAM, J.-M. **Linguistique textuelle**: des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999.

ADAM, J.-M. Discours et interdisciplinarité. Benveniste lecteur de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 54, p. 201-218, 2001a.

ADAM, J.-M. Barthes en 1970 : de la “translinguistique” à la déconstruction. In: BOISSINOT, A. et al. (org.). **Littérature et sciences humaines**. Paris: Les Belles-Lettres – Centre de Recherches Texte/Histoire da Université de Cergy-Pontoise, 2001b. p. 125-148.

ADORNO, T. W. Bach gegen seine Liebhaber verteidigt. In: ADORNO, T. W. **Prismen**: Kulturkritik und Gesellschaft. Frankfurt: Suhrkamp, 1955 [1951]. p. 162-179.

AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L’analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003.

AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought**: The development of Linguistics from Bopp to Saussure. Dordrecht: Reidel, 1987.

ARRIVÉ, M. Saussure et la littérature. In: MESCHONNIC, H. (org.). **Le Langage comme**

9 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

10 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

défi. Saint-Denis: PUV, 1991. p. 215-226.

AUROUX, S. Deux hypothèses sur les sources de la conception saussurienne de la valeur linguistique. **Travaux de Linguistique et de Littérature**, v. 22, n. 1, p. 295-299, 1985.

AUROUX, S. La notion de linguistique générale. **Histoire, Épistémologie, Langage**, t. 10, f. 2, p. 37-56, 1988.

AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000.

BADER, F. Une anamnèse littéraire d'Émile Benveniste. **Incontri Linguistici**, n. 22, p. 11-55, 1999.

BAKHTINE, M. Le problème du contenu, du matériau et de la forme dans l'oeuvre littéraire. In: **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978 [1924].

BALLY, C. **La Crise du français**. Notre langue maternelle à l'école. Avant-propos e Postface por J.-L. Chiss e C. Puech. Geneva-Paris: Droz, 2004 [1931].

BARTHES, R. Introduction à l'analyse structurale des récits. **Communications**, n. 8, p. 1-27, 1966.

BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.

BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

BENVENISTE, É. **Le Vocabulaire des institutions indo-européennes**, t. 1. Paris: Minuit, 1969.

BONNEFOY, Y. Fragments d'un entretien, à propos de Ferdinand de Saussure. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 263-271.

BOUQUET, S. **Introduction à la lecture de Saussure**. Paris: Payot & Rivages, 1997.

BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 263-271.

BOUQUET, S. Saussure après un siècle. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003a. p. 11-15.

BOUQUET, S. Interpréterp: de la langue à la parole (avec A. Green, F. Rastier, J. Starobinski). In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003b. p. 293-306.

BRUNOT, F. **La Pensée et la langue**. Paris: Masson, 1922.

BUTLER, J.; GUILLORY, J.; THOMAS, K. (org.). **What's Left of Theory? New Work on the Politics of Literary Theory**. Nova Iorque-Londres: Routledge, 2000.

CASSIRER, E. Structuralism in Modern Linguistics. **Word**, n. 1, v. 2, p. 99-120, 1945.

CERVONI, J. **L'Énonciation**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (org.). **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Seuil, 2002.

CHAROLLES, M.; FISHER, S.; JAYEZ, J. (org.) **Le Discours: Représentations et interprétations**. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1990.

CHAROLLES, M.; COMBETTES, B. Contribution pour une histoire récente de l'analyse du discours. **Langue française**, n. 121, p. 76-116, 1999.

CHERVEL, A. **Histoire de la grammaire scolaire**. Paris: Payot, 1977.

CHISS, J.-L. La coupure langue/littérature et la discipline "français". In: BOISSINOT, A. *et al.* (org.). **Littérature et sciences humaines**. Paris: Les Belles-Lettres – Centre de Recherches Texte/Histoire da Université de Cergy-Pontoise, 2001. p. 149-160.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. Derrida lecteur de Saussure: effets d'une "mise en crise" philosophique du Cours de linguistique générale. In: CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique**. Bruxelles: De Boeck, 1987. p. 91-104.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique: Études d'histoire et d'épistémologie**. 2 ed. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Le langage et ses disciplines: XIXe-XXe siècles**. Paris-Bruelas: Duculot.

CHISS, J.-L.; PUECH, C. Structuralismep: structuralisme linguistique, structuralisme et philosophie. In: **Dictionnaire des genres et notions littéraires**. Paris: Encyclopaedia Universalis/Albin Michel, 2000. p. 793-820.

COMPAGNON, A. **Le Démon de la théorie**. Paris: Seuil, 1998.

COQUET, J.-C. Note sur Benveniste et la phénoménologie. **Linx**, n. 26, p. 41-48, 1992.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1962 [1952]. p. 11-113.

CULIOLI, A. **Théorie du langage et théorie des langues**. Actes du colloque de Tours. Louvain: Peeters, 1983. p. 77-83.

DAMOURETTE, J.; PICHON, E. **Des mots à la pensée: Essai de grammaire de la langue française**. Paris: D'Artrey, 1930-1950.

DELESALLE, S. Introduction: Histoire du mot énonciation. **Histoire Épistémologie Langage**, t. 8, f. 2, p. 3-22, 1986.

DE MAN, P. **Allegories of Reading: Figural Language in Rousseau, Nietzsche, Rilke and Proust**. New Haven: Yale U.P, 1979.

DE MAN, P. **Blindness and Insight: Essays in the Rhetoric of Contemporary Criticism**.

-
- Minneapolis: U. of Minnesota, 1983.
- DERRIDA, J. **De la Grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- DERRIDA, J. **L'Écriture et la différence**. Paris: Seuil, 1967.
- DERRIDA, J. **Positions**. Paris: Minuit, 1972.
- DERRIDA, J. **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972.
- DERRIDA, J. **Éperons**: Les styles de Nietzsche. Paris: Flammarion, 1978.
- DERRIDA, J. **Mémoires pour Paul de Man**. Paris: Galilée, 1988.
- DERRIDA, J. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.
- DERRIDA, J. Circonfession. In: DERRIDA, J.; BENNINGTON, G. **Les contemporains**. Paris: Seuil, 1991.
- DERRIDA, J. **Le Monolinguisme de l'autre ou la prothèse d'origine**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, J. **Fichus**. Paris: Galilée, 2002.
- DESSONS, G. Comment lire? La méthode de Ferdinand de Saussure. **La Licorne**, n. 16, p. 455-466, 1989.
- DESSONS, G. **Émile Benveniste**. Paris: Bertrand-Lacoste, 1993.
- DESSONS, G. **La phrase comme phrasé**. **La Licorne**, n. 42, p. 41-54, 1997.
- ENGLER, R. (org.) **Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. édition critique. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1968 e 1974.
- FOUCAULT, M. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FOUCAULT, M. Qu'est-ce qu'un auteur? **Bulletin de la Société française de Philosophie**, t. LXIV, p. 75-94, 1969.
- FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.
- FEHR, J. « Boeuf, lac, ciel » – « concierge, chemise, lit ». **Linx**, n. 7, p. 431-438, 1995.
- FEHR, J. Saussure: Zwischen Linguistik und Semiologie. Ein einleitender Kommentar. In: SAUSSURE, F. de. **Linguistik und Semiologie**: Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet von Johannes Fehr. Frankfurt: Suhrkamp, 1997. p. 15-226.
- FEHR, J. **Saussure entre linguistique et sémiologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- GANDON, F. **De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce**. Les cahiers d'anagramme consacrés au De Rerum natura. Louvain-Paris: Peeters, 2002.

GARBER, M.; HASSEN, B.; WALKOWITZ R. L. (org.). **The Turn to Ethics**. Nova Iorque-Londres: Routledge, 2000.

GAUCHET, M. **La Condition historique**. Paris: Stock, 2003.

GODEL, R. **Les Sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale**. Genebra-Paris: Droz, 1969 [1957].

GUILLAUME, G. **Langage et Science du langage**. Québec: Presses Universitaires de Laval, 1964.

GONDEK, H.-D. **Die Geschichte eines Irrtums? Unbekannte Texte Ferdinand de Saussure**. Neue Zürcher Zeitung, 24.9.2002.

GREEN, A. Linguistique de la parole et psychisme non conscient. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 272-284.

HARTOG, F. Régimes d'historicité: Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003.
HERSCHBERG-PIERROT, A. La question du style. In: AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L'analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003. p. 333-339.

HEIDEGGER, M. **Acheminement vers la parole**. Paris: Gallimard, 1959.

HJELMSLEV, L. **Prolegomena to a Theory of Language**. Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1963.

HUMBOLDT, W. VON. **Introduction à l'oeuvre sur le kavi**. Paris: Seuil, 1974.

HUOT, H. (org.). **La Grammaire française entre comparatisme et structuralisme: 1870-1960**. Paris: Armand Colin, 1991.

JÄGER, L. **Zu einer historischen Rekonstruktion der authentischen Sprach-Idee F. de Saussure**. Tese, Düsseldorf, 1975.

JÄGER, L. La pensée épistémologique de F. de Saussure. In: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003a. p. 202-219.

JÄGER, L. Wissenschaft der Sprache. Einleitender Kommentar zu den Notizen aus dem Gartenhaus. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Wissenschaft der Sprache**: Neue Texte aus dem Nachlaß (Hrsg. Ludwig Jäger). Frankfurt: Suhrkamp, 2003. p. 11-55.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**, v. 1. Paris: Minuit, 1963.

JAKOBSON, R. **Essais de linguistique générale**, v. 2. Paris: Minuit, 1970.

JAKOBSON, R. Vers une science de l'art poétique. In: TODOROV, T. **Théorie de la littérature**. Paris: Seuil, 1965. p. 9-13.

JAKOBSON, R. **Questions de Poétique**. Paris: Seuil, 1973.

-
- KARABETIAN, E. S. (org.). Phrase, texte, discours. **Langue française**, n. 121, 1999.
- MAINGUENEAU, D. Un tournant dans les études littéraires. In: AMOSSY, R.; MAINGUENEAU, D. (org.). **L'analyse du discours dans les études littéraires**. Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2003. p. 15-25.
- MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours**: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- MARTINET, A. **Économie des changements phonétiques**: Traité de phonologie diachronique. Berne: Francke, 1955.
- DE MAURO, T. **Édition critique du Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1975.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion-Klincksieck, 1921-1936.
- MESCHONNIC, H. **Le Signe et le poème**. Paris: Gallimard, 1975.
- MESCHONNIC, H. Seul comme Benveniste ou comment la critique manque de style. **Langages**, n. 118, p. 31-55, 1995.
- MESCHONNIC, H. **De la langue française**: Essai sur une clarté obscure. Paris: Hachette Littératures, 1997.
- MESCHONNIC, H. La force dans le langage. In: CHISS, J.-L.; DESSONS, G. (org.). **La force du langage: rythme, discours, traduction autour de l'oeuvre d'Henri Meschonnic**. Paris: Honoré Champion, 2000. p. 9-19.
- MESCHONNIC, H. **Célébration de la poésie**. Lagrasse: Verdier, 2001.
- MILNER, J.-C. **Le Périphe structural**: Figures et paradigmes. Paris: Seuil, 2002.
- MOINFAR, M. D. L'oeuvre d'Émile Benveniste. **Linx**, n. 26, p. 15-26, 1992.
- NERLICH, B. **La Pragmatique**: tradition ou révolution dans la linguistique française. Frankfurt: Peter Lang, 1986.
- NORMAND, C. L'arbitraire du signe comme déplacement. **Dialectiques**, n. 1, 1970.
- NORMAND, C. *et al.* **Avant Saussure : choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- NORMAND, C. (org.). Le sujet entre langue et parole(s). **Langages**, n. 77, 1985.
- NORMAND, C. Les termes de l'énonciation chez Benveniste. **Histoire Épistémologie Langage**, t. 8, f. 2, p. 191-206, 1986.
- NORMAND, C. **Constitution de la sémiologie chez Benveniste**. Histoire Épistémologie Langage, t. 11, f. 2, p. 141-169, 1989.
- NORMAND, C. La question d'une science générale. In: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées**

linguistiques, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 441-448.

NORMAND, C. Les thèmes de la linguistique générale. *In*: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 449-462.

NORMAND, C. La généralité des principes. *In*: AUROUX, S. (org.) **Histoire des idées linguistiques**, t. 3. Bruxelles: Mardaga, 2000. p. 463-471.

NORMAND, C. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge: Essays on Philosophy and Literature**. Nova Iorque-Oxford: O.U.P., 1990.

PINKER, S. **The Language Instinct**. Nova Iorque: Morrow & Co, 1994.

PARRET, H. **Prolégomènes à la théorie de l'énonciation: De Husserl à la pragmatique**. Berne: Peter Lang, 1987.

PARRET, H. Les manuscrits saussuriens de Harvard. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 47, p. 179-234, 1993.

PAVEL, T. **Le Mirage linguistique: Essai sur la modernisation intellectuelle**. Paris: Minuit, 1988.

PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *In*: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier**. Paris: Éditions des Cendres, 1990 [1971].

PÊCHEUX, M. Inéditp: Remontons de Foucault à Spinoza. *In*: MALDIDIER, D. **L'inquiétude du discours: Textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par Denise Maldidier**. Paris: Éditions des Cendres, 1990 [1977].

PINAULT, G. J. Compléments littéraires à la lecture d'Émile Benveniste. **Incontri Linguistici**, n. 25, p. 197-199, 2002.

PUECH, C. L'esprit de Saussure. Paris contre Genève: l'héritage saussurien. **Modèles linguistiques**, n. 41, p. 79-93, 2000.

PUECH, C. (org.). **Linguistique et partages disciplinaires à la charnière des XIXe et XXesiècles: Victor Henry (1850-1907)**. Louvain-Paris: Peeters, 2004.

PUECH, C. L'émergence d'un paradigme sémiotico-structural en France à la fin des années cinquante. *In*: BETTETINI, G.; CIGADA, S.; RAYNAUD, S.; RIGOTTI, E. **Semiotica 2: Configurazione disciplinare e questioni contemporanee**. Torino: La Scuola, Pubblicazioni del Centro di Linguistica dell'Università Cattolica, 2003.

RASTIER, F. Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée. *In*: BOUQUET, S. (org.) **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 23-51.

ROUBAUD, J. Le secret de Saussure. **Critique**, n. 310, 1973.

ROULET, E.; BURGER, M. **Les modèles du discours au défi d'un "dialogue romanesque"**: L'incipit du roman de R. Pinget, *Le Libera*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 2002.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1962 [1916].

SAUSSURE, F. de. **Corso di linguistica generale**: Introduzione, traduzione e commento di Tullio de Mauro. Bari: Laterza, 1967.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967-1974.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique préparée par T. de Mauro. Paris: Payot, 1994 [1972].

SAUSSURE, F. de. **Linguistik und Semiologie**: Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet von Johannes Fehr. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

SAUSSURE, F. de. **Écrits de linguistique générale**: Texte établi et édité par S. Bouquet et R. Engler. Paris: Gallimard, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Wissenschaft der Sprache**: Neue Texte aus dem Nachlaß (Hrsg. Ludwig Jäger). Frankfurt: Suhrkamp, 2003.

SÉRIOT, P. L'affaire du petit drame: filiation franco-russe ou communauté de pensée? (Tesnière et Dmitrievskij). *Slavica Occitania*, n. 17, p. 93-118, 2005.

SPIVAK, G. C. **A Critique of Postcolonial Reason**: Toward a History of the Vanishing Present. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard U. P., 1999.

STAROBINSKI, J. **Les Mots sous les mots**: Les anagrammes de Ferdinand de Saussure. Paris: Gallimard, 1971.

STEVENSON, C. L. Qu'est-ce qu'un poème? In: GENETTE, G. (org.). **Esthétique et poétique**. Paris: Seuil, 1992. p. 157-202.

TAMBA-MECZ, I. À propos de la distinction entre sémiotique et sémantique. In: SERBAT, G.; TAILLARDAT, J.; LAZARD, G. (org.). **Émile Benveniste aujourd'hui**. Louvain-Paris: Peeters, 1983.

TODOROV, T. Poétique. In: DUCROT, O.; SAFOUAN, M.; TODOROV, T.; WAHL, F. **Qu'est-ce que le structuralisme?** Paris: Seuil, 1968.

TODOROV, T. **Théories du symbole**. Paris: Seuil, 1985.

TRABANT, J. Du génie aux gènes de la langue. In: MESCHONNIC, H. (org.) **Et le génie des langues?** Saint-Denis: P.U.V., 2000. p. 79-102.

TRABANT, J. **Vico's New Science of Ancient Signs**: A Study of Sematology. Londres-Nova Iorque: Routledge, 2004.

TURPIN, B. Discours, langue et parole dans les cours et les notes de linguistique générale de F.

de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 49, p. 251-266, 1995-1996.

TURPIN, B. Légendes-Mythes-Histoire. La circulation des signes. *In*: BOUQUET, S. (org.). **Ferdinand de Saussure**. Cahiers de l'Herne. Paris: Éditions de l'Herne, 2003. p. 307-316.

TYNIA NOV, J. & JAKOBSON, R. Les problèmes des études littéraires et linguistiques. *In*: TODOROV, T. (org.). **Théorie de la littérature**. Paris: Seuil, 1965 [1928]. p. 138-140.

UTAKER, A. **La Philosophie du langage: une archéologie saussurienne**. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

VOGÜÉ DE, S. La croisée des chemins. Remarques sur la topologie des relations langue/discours chez Benveniste. **Linx**, n. 9, p. 145-158, 1997.

VAUTHIER, B. Bakhtine et/ou Saussure ? ou De l'histoire du malentendu des "malentendus saussuriens". **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 55, p. 241-266, 2002.

WILMET, M. G. Guillaume et la psychomécanique du langage. *In*: HUOT, H. (org.). **La Grammaire française entre comparatisme et structuralisme: 1870-1960**. Paris: Armand Colin, 1991.

Um momento importante na história das ciências humanas: a obra de Ferdinand de Saussure¹

Michel Arrivé²

Quando Michèle Clément solicitou-me de fazer uma conferência para a reunião de retorno da Escola Doutoral, mal hesitei: imediatamente lhe propus o assunto que foi anunciado a vocês: “Um momento importante na história das ciências humanas: a obra de Ferdinand de Saussure”. A primeira tarefa que se impõe em um tal caso é a de justificar a escolha que foi feita. Será, então, a essa tarefa de justificação que estará destinada a introdução de minha exposição.

Para começar, um fato atual nos permitirá situar o problema. Um número bastante recente do *Nouvel observateur*, o número duplo do fim do ano de 2011 e do começo do ano de 2012, publica uma entrevista com Antoine Compagnon, professor do Collège de France, sobre “1966, ano teórico”. 1996 é, com efeito, o ano em que se vê serem publicados quase simultaneamente diversos livros importantes que marcaram a história do estruturalismo. Eles contribuíram ao que chamamos de, muito justamente, “triunfo do estruturalismo”, sem saber, naquele momento, que esse “triunfo” seria, contudo, muito breve. Compagnon cita alguns desses grandes livros: os *Escritos*, de Jacques Lacan, *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, e a polêmica de Roland Barthes com Raymond Picard. Ele omite, entretanto, dois livros importantes: os *Problemas de linguística geral*, de Émile Benveniste, e a *Semântica estrutural* de Algirdas-Julien Greimas, que são publicados também em 1966 de maneira certamente menos espetacular que os precedentes. Mas esse esquecimento é interessante e significativo: ele marca a ocultação dos fundamentos linguísticos do estruturalismo, gesto muito frequente. Falarei disso novamente talvez mais tarde.

Nesse ponto da entrevista, o interlocutor de Compagnon, que permanece anônimo, interroga-o sobre a história do estruturalismo:

Seria o estruturalismo uma invenção dos anos 1960?

¹ O texto é uma conferência realizada por Michel Arrivé na Université de Lyon em 11 de janeiro de 2012.

² Professor de Linguística e Semiótica na Université de Paris X - Nanterre, sua produção teórica se deu em torno das propostas do linguista Ferdinand de Saussure e do psicanalista Jacques Lacan.

A esta pergunta, Compagnon dá a seguinte resposta:

Não. Desde os anos 1920, em seu ‘Curso de linguística geral’, o linguista suíço Ferdinand de Saussure exprime a ideia de que o que é importante na língua não é nem o léxico nem a filologia, mas a estrutura da qual nasce o sentido.

Este testemunho é duplamente interessante. De uma parte pela presença de Saussure, de outro pelos erros com os quais tal presença é assinalada. Compagnon compreendeu bem que uma história do estruturalismo, mesmo reduzida a duas páginas do *Nouvel obs.*, não pode economizar uma alusão a Saussure. Mas essa alusão é deformada por duas pesadas fraquezas. A primeira é um erro cronológico: em 1920, Saussure já estava morto havia 7 anos, portanto está impedido de exprimir qualquer ideia que seja. Seu *Curso de linguística geral* foi ministrado na Universidade de Genebra dez anos, bem contados, antes de 1920, precisamente de 1908 a 1911. As notas de seus ouvintes foram utilizadas por dois de seus colegas, Charles Bally e Albert Sechehaye, para publicar, desde 1916, a obra que porta o mesmo título. A segunda fraqueza das propostas de Compagnon é de caráter teórico: para continuar na litote, não é tão fácil encontrar em Saussure a origem exata das ideias que são emprestadas, de maneira muito imprudente, a seu muito imediato comentador. Insistirei pouco, contento-me em destacar que o termo *estrutura* é quase totalmente ausente do *Curso de linguística geral*. Ele não figura no índice. A palavra utilizada por Saussure para estabelecer os fenômenos sobre os quais Compagnon parece pensar é o termo *sistema*, que, ao contrário de *estrutura*, é usada no *Curso* muito frequentemente.

Vocês entenderam: eu não fiz alusão àquela entrevista com vãs intenções de polêmica. Se eu a citei, é porque ela é reveladora do estatuto da reflexão de Saussure nas ciências humanas atualmente. Reconhece-se a influência dessa reflexão, sabe-se o papel que ela interpretou na constituição disso que se chamou de estruturalismo. Mas pouco se conhecem os detalhes dessa reflexão. Tanto é assim que até mesmo um reconhecido e prestigiado especialista em história das ideias se engana por uns bons dez anos quanto à datação de sua obra principal e se permite resumir o conteúdo de suas reflexões de forma um tanto irreverente e, consequentemente, imprecisa.

É preciso reconhecer, para crédito de Compagnon e de muitos outros, sem no entanto desculpá-los, que certas especificidades da obra de Saussure explicam as aproximações desse tipo. Assim, pude dizer há alguns anos, sem ter sido contradito por ninguém, que Saussure não publicou o que ele escreveu e não escreveu de fato o que foi publicado sob seu nome: no caminho, farei algumas explicações para esclarecer essa situação paradoxal. É preciso reconhecer que ela complica a observação exata do escopo de sua reflexão.

Enfim, encontramos aí a razão principal da escolha que fiz de Saussure: trata-se de

tentar trazer sua atenção para a importância de uma reflexão que é, geralmente, e isso é um paradoxo, ao mesmo tempo reconhecida e desconhecida.

Mas não creiam que Saussure seja um desconhecido. Ele é, ao contrário, o mais famoso dos linguistas, mesmo que ele seja, hoje em dia, sem dúvida um pouco menos citado que um outro linguista, cujo nome vocês podem adivinhar: Noam Chomsky. Mas Saussure continua a instigar consideravelmente pelo número de trabalhos que lhe são dedicados: muitos livros, hoje sem dúvida perto de uma centena, em ao menos uma meia dúzia de línguas diferentes, não apenas europeias. Publicam-se livros sobre Saussure em japonês e em coreano. Não há ano que passe sem que apareça ao menos um novo livro. Os dois últimos, que eu saiba, são a obra coletiva *Saussure filosofo del linguaggio*, publicado em italiano em Catânia em abril de 2011, e o livro de Frederico Bravo, *Anagrammes. Sur une hypothèse de Ferdinand de Saussure*, publicado pela Lambert-Lucas em agosto de 2011. Vou explicitar um pouco mais adiante o que são os anagramas no sentido saussuriano. Desde janeiro de 2012, aguardamos a publicação do segundo volume da obra biográfica, em francês, de Claudia Mejia Quijano, universitária colombiana, que leva o título *Le cours d'une vie. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure*. O primeiro volume, um livro espesso de 392 páginas, foi publicado em 2008. Esta não é a única biografia de Saussure corrente: um professor escocês, John E. Joseph, faz aguardar para a primavera de 2012 uma outra biografia, desta vez em inglês, de Saussure, mais sobriamente intitulada *Saussure*. Destaco de passagem que esse interesse pela biografia de um linguista é coisa muito rara. De minha parte, não conheço livros atualmente publicados que sejam dedicados à biografia de um outro linguista senão Saussure. A curiosidade que se coloca sobre a biografia de Saussure tem alguma coisa análoga àquela que se coloca sobre a biografia de um escritor. É que a vida e a obra de Saussure comportam aspectos, tentei fazê-los aparecer, que são raramente presentes nos linguistas. Eles fazem pensar, com respeito à escritura, pela atitude de Saussure em particular, sobretudo naquela de um escritor.

Mais algumas palavras sobre a fama de Saussure. Anos não passam sem que se tenha ao menos um colóquio que lhe seja dedicado. Vou poupá-los de enumerações maçantes. O ano de 2013, que marcará o centenário de sua morte, e o ano de 2016, centenário da publicação do *Curso de linguística geral*, certamente cada um fará eclodir diversos colóquios. Os artigos relativos a Saussure contam-se, hoje, aos milhares, em inúmeras línguas. Particularmente, escrevi, creio, uns trinta artigos sobre o trabalho de Saussure. Reuni, aumentei e atualizei os mais importantes dentre eles, coordenei o conjunto que eles constituem em uma obra com título proustiano, *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, que publiquei em 2007. Dirigi uma outra obra, nesse caso, coletiva, com título igualmente proustiano, *Du côté de chez Saussure*, que foi publicada em 2009.

Mas as obras relativas a Saussure não são as únicas a aparecer: perto de cem anos após seu falecimento, o próprio Saussure, graças aos cuidados de alguns de seus alunos indiretos, continua a publicar. Assim, em 2011, René Amacker publicou, sob o título *Science du langage, De la double essence du langage*, uma obra de Saussure que continuava inédita até 2002, data na qual foi dado lugar a uma primeira edição, que contém o título de *Écrits de linguistique générale* [*Escritos de linguística geral*], infelizmente muito defeituosa. De maneira geral, constitui-se com o passar dos anos uma espécie de pequena competição de especialistas internacionais, essencialmente italianos, suíços, alemães e franceses, em torno da edição dos textos inéditos de Saussure, que trabalha com a edição de todos os documentos ainda desconhecidos.

E termino dizendo que Saussure se distingue novamente dentre os linguistas, de quaisquer épocas, pelo fato de que uma revista lhe foi consagrada, a ele e à Escola de Genebra. Trata-se dos *Cahiers Ferdinand de Saussure*, publicados desde 1941 pelo Cercle Ferdinand de Saussure.

Creio ter-lhes dado as razões externas, em suma, que justificam a escolha do assunto de minha conferência. Resta agora indicar-lhes o plano que vou seguir. Em um primeiro momento, proponho-lhes uma exposição biobibliográfica da vida e, sobretudo, da obra de Saussure. Em um segundo momento, tentarei destrinchar os traços essenciais de sua reflexão sobre a linguagem tal como ela se manifesta no *CLG*, aquela de suas obras que exerceu o efeito mais importante, de longe, sobre a evolução da linguística e das outras ciências humanas. Por fim, o último momento de minha intervenção buscará justamente indicar alguns dos setores das ciências humanas que foram afetados pelas reflexões de Saussure.



Ferdinand Mongin de Saussure nasceu em Genebra em 26 de novembro de 1857. Como seu nome indica, sua família é de origem longinquamente lorena, vinda de uma das pequenas cidades da região que levam o nome de Saulxures. Ela fazia parte das muito numerosas famílias de pequena nobreza protestante que escolheram emigrar antes mesmo da revogação do Édito de Nantes.

Em Genebra, onde ela se instalou, a família de Saussure se torna rapidamente próspera e reconhecida. Cada geração faz aparecer ao menos um estudioso ou escritor de renome. O mais famoso ainda hoje é o bisavô de Ferdinand, Horace-Bénédict de Saussure, que foi o primeiro a fazer, em 1787, uma escalada para fins científicos no Mont Blanc. Mas ele não é o único Saussure a atingir a fama. O pai de Saussure, Henri, foi um entomologista de renome; seu tio, Théodore, autor de uma excelente obra sobre seu compatriota, Jean-Jacques Rousseau, escreveu,

ainda, em 1885, um folheto admirável de *Études sur la langue française. De l'orthographe des noms propres et des noms empruntés* [Estudos sobre a língua francesa. Da ortografia dos nomes próprios e dos nomes emprestados]. E a família continua a se destacar: um dos filhos de Ferdinand, Raymond de Saussure, tornar-se-á, após uma análise com Freud – a quem ele fez conhecer ao menos a existência do *Curso de linguística geral* – um dos primeiros analistas da Suíça romanda. E um dos sobrinhos-netos de Ferdinand, Louis de Saussure, seguiu os passos de seu tio-avô tornando-se linguista. De maneira que, hoje, na Suíça, pergunta-se às vezes quem é o grande Saussure: Horace-Bénédict, Ferdinand ou Raymond? Foi, em todo caso, a efígie de Horace-Bénédict que figurou por muito tempo, e que talvez ainda figure, sobre a nota de 20 francos suíços.

O jovem Ferdinand estuda precoce e brilhantemente, aprendendo, sobretudo, o latim, o grego e o alemão. Entretanto, ele parece guardar de certos episódios de sua infância e de sua adolescência uma lembrança amarga. Assim, em 1872, aos 14 anos, ele redige um *Essai pour réduire les mots du grec, du latin et de l'allemand à un petit nombre de racines* [Ensaio para reduzir as palavras do grego, do latim e do alemão a um pequeno número de raízes], que ele submete a um amigo da família, Adolphe Pictet, indo-europeísta bem informado dos trabalhos da época. Apesar do rigor, incontestável, da análise do jovem rapaz, Pictet é bastante crítico, e o jovem rapaz se declara “muito desgostoso de seu ensaio perdido”. No mesmo ano, ele faz a descoberta do que se chama de “nasalis sonans”, isto é, a transformação da consoante *n* em vogal, fenômeno que esclarece a morfologia do verbo grego. E ele ficará extremamente desapontado ao constatar, quatro anos mais tarde, em 1876, que tal descoberta acaba de ser revelada por um artigo do ilustre professor alemão Karl Brugman. Dessa forma, aquela descoberta que ele acreditava ser sua e que ele considerava como tão óbvia que ela não precisava ser publicada passou aos créditos de outra pessoa, sem que ele pudesse protestar! Ele conservará por toda a sua vida uma lembrança dolorosa desse evento.

Durante os anos escolares de 1873 a 1875, ele se inicia em sânscrito lendo os trabalhos de Franz Bopp, iniciador dos estudos indo-europeus ou, como se dizia à época nos trabalhos publicados em alemão, indo-germânicos. Mas, entre 1875 e 1876, “ele perde gratuitamente mais um ano cursando química e física na universidade de Genebra”.

Em outubro de 1876, ele parte, na companhia de seu pai, para Leipzig, lugar por excelência da linguística indo-germânica praticada pelos *Junggrammatiker*, diga-se, os “jovens gramáticos”. Ele não frequenta todos os cursos dos *Junggrammatiker*, porque está ocupado o tempo todo com a redação de uma obra que ele trará à luz em 1878, com apenas 21 anos: é o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* [Memória sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias]. É muito difícil resumir esse

livro espesso cuja leitura exige que se conheça não somente a gramática de muitas línguas indo-europeias antigas ou ao menos o latim, o grego e o sânscrito, mas também o estatuto dos conhecimentos e dos métodos da época em matéria de linguística indo-europeia. Eu os poupo desses elementos. E contento-me com o essencial: como o título de sua obra indica, Saussure faz intervir a noção de *sistema*, aquela mesma que nós entrevimos mais acima com o resumo desajeitado de Compagnon, para descrever o estatuto e o funcionamento das vogais no estado antigo das línguas indo-europeias. É a hipótese desse *sistema* que o permite identificar nesse estado antigo a existência de dois “coeficientes” sobre a natureza fonética acerca dos quais ele não se põe a interrogar. À época da publicação do *Mémoire*, não se dispunha dos meios necessários para verificar historicamente a existência desses dois coeficientes. Mais tarde, bem mais tarde, precisamente em 1927, os trabalhos do linguista polonês Jerzy Kurylowicz sobre o hitita, língua indo-europeia praticada na Anatólia no 2º milênio antes de Jesus Cristo, descoberta e decifrada a partir de 1915, permitirão encontrar, sob a forma de fonemas efetivamente pronunciados, o vestígio dos “coeficientes” identificados 50 anos mais cedo por Saussure como consequência de um raciocínio fundado sobre o conceito de “sistema de vogais”. Por vezes comparou-se essa descoberta àquela que tomou lugar na astronomia para o planeta Netuno: a existência desse planeta, invisível a olho nu, primeiro foi estabelecida pelos cálculos de dois astrônomos, o inglês John Adams, em 1843, e o francês Urbain Le Verrier, em 1846, antes de ser efetivamente observado, alguns meses mais tarde, pelo astrônomo alemão Johann Gottfried Galle.

O trabalho de Saussure é muito mal recebido pelos *Junggrammatiker*, que criticam a “necessidade de sistema” manifestada por Saussure. Ele guardará rancor disso por toda a sua vida. No entanto, ele fica na Alemanha, alternativamente em Leipzig e em Berlim. E em 1880, ele defende sua tese de doutorado em filosofia (designação da época para o conjunto do que se chama hoje de ciências humanas) sobre *L'emploi du génitif absolu en sanskrit* [*O emprego do genitivo absoluto em sânscrito*]. Esta obra, publicada no ano seguinte, em 1881, é muito mais breve e muito mais limitada, como o título indica, que o *Mémoire*. É uma análise extremamente precisa das relações que se instituem entre a estrutura sintática dita “genitivo absoluto” e as relações semânticas que essa estrutura se encontra apta a exprimir.

Duas obras em três anos da parte de um autor que, em 1881, ainda não tem 24 anos, é muito. E é muito raro em uma disciplina tão exigente como a linguística. Porém, Saussure vai novamente se singularizar entre os linguistas: serão os únicos dois livros que ele publicará enquanto vivo. Certamente, ele também publicará artigos. No entanto, em número muito pequeno: por volta de 300 páginas ao todo para uma carreira de trinta anos. Não muito mais que 10 páginas por ano. E o ritmo, já lento no começo, das publicações, fica ainda mais lento à medida que o tempo passa. O volume dos artigos diminui ao mesmo tempo: eles são por vezes

reduzidos a anotações de algumas páginas, ou até mesmo de algumas linhas. Estamos muito longe do que se observa à época, ainda mais longe das práticas atuais, em que os pesquisadores não pensam senão em publicar, o máximo possível e o mais rápido possível. Pode-se dizer que Saussure escreve pouco? Absolutamente não: ao fim de sua vida, ele deixará uma massa considerável de textos não somente inéditos, mas ainda não preparados para edição. Além disso, uma grande parte de sua atividade se manifestou por um ensino oral cujos vestígios Saussure não conservou.

Como se explica essa especificidade, muito rara nos universitários, da obra de Saussure? Não basta, evidentemente, falar de perfeccionismo, ainda que essa particularidade se manifeste nele incontestavelmente. O essencial envolve o que estou tentado a chamar de um tipo de angústia científica, a meu ver sempre presente. Ela se revela, por exemplo, em propostas como esta:

Quem quer que coloque o pé sobre o terreno da *língua* pode se dizer que está abandonado por todas as analogias do céu e da terra.

Essa inquietação se manifesta consideravelmente nos problemas terminológicos constantes que aparecem a todo instante na reflexão de Saussure. Para não tomar mais de um exemplo, o par ilustre do *significante* e do *significado* dos quais o conjunto constitui o *signo* é o resultado, muito tardio, de uma reflexão que se desenvolveu ao longo de toda a carreira de Saussure: é somente na penúltima lição de seu último curso, em julho de 1911, que Saussure introduz essa terminologia, após ter experimentado várias outras. Ele ainda encontra uma maneira de se declarar pouco satisfeito:

Qualquer termo que escolhamos (*signo*, termo, palavra, etc.) deslizará para o lado e estará sob o perigo de designar somente uma parte. Provavelmente pode não haver. Imediatamente que em uma língua um termo se aplica a uma noção de valor, é impossível saber se estamos de um lado do terminal ou do outro ou dos dois ao mesmo tempo. Portanto, é muito difícil ter uma palavra que designe sem associação equívoca.

Breve explicação: termos tais como *signo*, *palavra* e *termo* em si mesmo estão sujeitos a todo instante à ambiguidade, porque eles designam objetos tomados em um sistema de valores, e são por isso próprios a designar tanto a face *significante* quanto a face *significada*, bem como as duas faces ao mesmo tempo desses objetos. O “deslizamento”, como diz Saussure, de um sentido a outro é possível a todo momento. É efetivamente o que ocorre com a palavra *signo* em Saussure, que se encontra alternativamente com o sentido, fixado em 2011³, de conjunto do *significante* e do *significado*, mas que é comumente utilizado, anteriormente, com o sentido que

3 [N.T.] Inferimos que se trate de 1911, ano em que, conforme o autor, “Saussure introduz essa terminologia” no terceiro de seus cursos na Universidade de Genebra. No arquivo em francês, lê-se “2011”.

será finalmente conferido a *significante*.

Outro vestígio dessa inquietação terminológica:

Incessantemente, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reform[á-la] e de mostrar por isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico [...]. Isso terminará, apesar de mim, em um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua qualquer sentido. (carta a Meillet citada por Benveniste, *in* Fehr, 2000, p. 15-16; a carta data de 4 de janeiro de 1894).

Disso ele acaba inclusive duvidando da própria possibilidade da linguística:

Seria preciso dizer nosso pensamento íntimo? É de se temer que a visão exata do que seja a língua nos conduza a duvidar do futuro da linguística (Saussure, 2002, p. 87)

Esse pessimismo epistemológico absoluto está sem dúvida na origem da inquietação constante que ele tem a respeito da escritura. Seus manuscritos são muito seguidamente esburacados por espaços em branco que correspondem a momentos de hesitação ou de angústia acerca da terminologia a utilizar e, de uma maneira geral, acerca de seu pensamento. É sem dúvidas nisso que ele determina um interesse específico, mais próximo, eu retorno, daquele que se coloca geralmente sobre os escritores mais que sobre os linguistas.

Mas fecho esse parêntese antecipador e retorno ao curso da vida de Saussure. Mal recebido pela maior parte dos *Junggrammatiker* alemães, o *Mémoire* de Saussure é, ao contrário, muito bem recebido na França e garante a seu autor uma notoriedade raramente adquirida em tão tenra idade. Ele decide vir a Paris, onde ele já era, havia muitos anos, membro da Sociedade de Linguística de Paris. Ele se instala na mesma cidade em outubro de 1880. Rapidamente, ele é nomeado, em 1881, aos 24 anos, “mestre de conferências de gótico e velho alto-alemão” na École Pratique des Hautes Études. No ano seguinte, ele se torna “secretário-adjunto” da Sociedade de Linguística de Paris. Ele ficará em Paris até 1891, ocupado profissionalmente por suas aulas na EPHE. Elas cobrem não somente o gótico e velho alto-alemão, mas também, à medida que o tempo passa, outras disciplinas linguísticas: ele dá um curso de “Fonética”, do qual se conserva um manuscrito, mas ele ensina também o nórdico antigo e a gramática comparada do grego e do latim. Ele dá também um curso de lituano, língua à qual ele dedica dois de seus três raros artigos publicados: o lituano o interessa de maneira específica em razão de seu caráter arcaico. Embora manifestado por escrito somente a partir do século XVI, o lituano apresenta traços frequentemente mais arcaicos que o latim, manifestado em textos 2000 anos antes. As aulas de Saussure são assistidas pela maior parte dos futuros linguistas franceses do século XX, quais sejam, entre outros, Antoine Meillet, Ferdinand Lot, Paul Passy e Maurice

Grammont, e por muitos escritores, em particular Marcel Schwob e Pierre Quillard.

Em 1891, Saussure deixa Paris para retornar a Genebra. Lá, ele é primeiro nomeado “professor extraordinário [entenda-se: não titular] de história e de comparação das línguas indo-europeias”. Ele dá cursos variados na Universidade sobre o sânscrito, a fonética grega e a latina, o verbo indo-europeu, o verbo grego e mesmo sobre a versificação francesa, curso cujo manuscrito ele conservará. É sem dúvidas nessa época que ele forma o projeto e começa a realização de uma obra que ele parece ter tido a intenção de intitular *Da essência dupla da linguagem*. Essa obra inacabada é aquela que, publicada de maneira muito defeituosa em 2002, acaba de ser reeditada de maneira excelente por René Amacker em 2011. Vê-se que, em concordância com o que anunciei no começo de minha intervenção, Saussure não publicou o que ele escreveu.

Em 1905, Joseph Wertheimer, rabino-chefe de Genebra, aposenta-se de seu emprego de professor ordinário [isto é, titular] de linguística geral na Universidade de Genebra. No ano seguinte, em dezembro de 1906, Saussure é enfim nomeado para essa cátedra. Ele continua os ensinamentos que dava anteriormente, porém se prepara para ministrar na modalidade optativa, em um ano a cada dois, um curso de linguística geral. Ele ensina essa linguística geral efetivamente durante três anos universitários: em 1907, entre 1908 e 1909 e, por fim, entre 1910 e 1911. Sua saúde, deteriorada, o impedirá de retomar esse curso, como ele havia previsto, no retorno de 1912. Ele morreu em 22 de fevereiro de 1913.

Pouco tempo após sua morte, dois de seus colegas e antigos alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, começam a empreitada de publicar esses Cursos. Eles não assistiram aos cursos de linguística geral. Eles pedem, então, a ajuda de um ouvinte dessas aulas, Albert Riedlinger. Com as notas tomadas por Riedlinger e alguns outros ouvintes, completadas por alguns escritos deixados por Saussure, eles compõem sob a forma de um livro espesso de 325 páginas em sua primeira edição o texto desde então conhecido por *Curso de linguística geral*. O livro está publicado desde o começo do ano de 1916. É sob esta forma que o pensamento de Saussure será conhecido e terá uma influência determinante não somente sobre a linguística, mas também sobre diversas outras ciências humanas. Contento-me por agora, antes de retornar a isto com um pouco mais de detalhes na terceira parte de minha exposição, com citar alguns nomes: é evidente para todos os linguistas que o trabalho de Trubetzkoy, de Meillet, de Hjelmslev, de Jakobson, de Guillaume, de Benveniste, de Martinet, de Gougenheim e de muitos outros teria sido completamente diferente sem a influência, determinante, de Saussure. Para sair da linguística, é em Saussure, no *CLG*, que a semiologia e a semiótica encontram, em grande parte, sua origem. E é de novo o *CLG* e somente ele que nutre a reflexão de Claude Lévi-Strauss, de Maurice Merleau-Ponty e de Jacques Lacan. É preciso guardar na memória constantemente

esse fato histórico incontestável: é pelo *CLG* que o pensamento de Saussure exerceu seu efeito sobre o pensamento do século XX e, particularmente, mas não exclusivamente, sobre o estruturalismo.

É preciso, no entanto, acrescentar imediatamente que os editores do *CLG* não foram sempre de uma fidelidade absoluta aos escritos e às propostas de Saussure. Não se preocupem, não entrarei em detalhes fastidiosos. Constatamos simplesmente, depois de muitos outros, que os editores foram levados a construir uma estrutura de conjunto para o que foi originalmente concebido como um encadeamento de curso: o plano do *CLG* não vem, obviamente, do próprio Saussure. Por outro lado, os editores modificaram bastante, e por vezes de maneira não irrisória, as propostas de Saussure tal como elas estão anotadas, de maneira sem dúvida fiel, pelas notas dos editores. Para dar apenas um exemplo, o *CLG* encerra com uma fórmula que se tornou ilustre, constantemente citada e recitada: “A linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. Acontece que essa fórmula não foi escrita e, provavelmente, sequer pronunciada tal qual por Saussure, mesmo se, em muitos pontos, ele se aproxime dela. Porém, às vezes, ele também se distancia dela. É incontestável que, em muitos pontos, seus editores tenham dado a sua reflexão uma forma mais rápida, mais abrupta, menos matizada, menos dialética que aquela que ela tinha nos cursos efetivamente proferidos.

Assim se esclarece a segunda parte da observação que relembrei mais cedo: de uma certa maneira, Saussure não escreveu de fato o que foi publicado em seu nome. É preciso levar em conta tal situação por duas precauções complementares: a primeira consiste em jamais esquecer que foi o *CLG*, com suas particularidades, que agiu sobre a linguística e sobre as ciências humanas. A segunda consiste em levar em conta essas discordâncias entre a reflexão de Saussure e a forma que lhe foi dada pelo *CLG*. Podemos hoje, e poderemos mais ainda amanhã, acessar o que foi a reflexão de Saussure autenticamente.

Durante aquele período de sua vida, Saussure realiza, ao lado de sua atividade pública de professor de linguística, duas outras pesquisas que ele conduz: uma de maneira muito discreta e a outra de maneira quase secreta.

A primeira pesquisa envolve os textos das lendas e, em particular, a lenda germânica do *Nibelungenlied*. Essa pesquisa, que ele iniciou na época de seus estudos em Leipzig e que dá lugar, por alguns anos, a uma aula pública, é complexa. Ela toma por vezes um aspecto histórico: trata-se de tentar decifrar os eventos históricos que dizem respeito, talvez, à origem da lenda. Mas de maneira mais frequente a pesquisa toma um aspecto *semiológico*. O texto da lenda é, então, tratado como manifestação de um sistema de signos, análogo àquele da língua e próprio a ser descrito segundo os mesmos métodos.

Vemos que essa primeira pesquisa não é apartada da linguística, ela é até mesmo parente

desta, e é surpreendente constatar que ela nunca aparece no *Curso de linguística geral*.

Inversamente, a segunda pesquisa que o sábio genebrino conduz se distancia significativamente dos conceitos e dos métodos da linguística, mesmo que ela tome textos por objeto. Trata-se da pesquisa dos Anagramas na poesia das línguas indo-europeias antigas: o grego, o sânscrito, as línguas germânicas e, sobretudo, o latim. Saussure se convence de que os poetas latinos compunham seus textos a partir do nome próprio de um personagem, seguidamente um Deus, mas às vezes também um herói ou um personagem histórico famoso entre todos. Tomo como exemplo o nome do Deus Apolo, escrito, como antigamente⁴, com apenas um L. O poeta compõe o verso distribuindo as letras do nome nas sílabas do verso, sem necessariamente respeitar a ordem. Assim, as letras a, p, o, l e o aparecem dispersas em cada uma das duas cesuras do verso latino:

Donom amplom victor / ad mea templa portato.

Naturalmente, esse verso latino tem um sentido, fácil de traduzir: “Que o general vencedor traga a meus templos uma oferenda considerável”. É o Deus Apolo quem formula essa exigência. Tendo em vista a maneira da qual ele foi composto, o verso comporta, além de seu sentido superficial, a indicação “anagramática” do nome do locutor. Destaquemos de passagem que o termo *anagrama* é utilizado por Saussure de maneira desviante com relação a seu sentido comum. Ele usa por vezes *hipograma*, que significa em grego “escrita subterrânea”, e que é mais condizente com o fenômeno descrito, “as palavras sob as palavras”, segundo o título dado por Starobinski a sua edição de uma seleção de textos saussurianos relacionados aos anagramas.

Saussure realiza obstinadamente essa pesquisa dos anagramas nos textos latinos, primeiro estritamente poéticos, depois literários em sentido amplo. Ele vê anagramas por toda parte, como ele diz, “escorrendo”, não apenas dos “mais letrados dos literatos”, como ele diz, mas também de textos puramente informativos, por exemplo, as *Cartas* de César. Durante essa pesquisa interminável, a inquietação de Saussure é constante: ele não chega a encontrar a prova da intenção do autor que lhe parece indispensável para validar sua hipótese. Ele toma a decisão de interrogar um poeta latino. Difícil, diriam-me? Bom, não: no começo do século XIX, na Itália, ainda há professores de Universidades que escrevem e publicam poemas em latim. Saussure conhece um deles, Giovanni Pascoli, ilustre poeta e político italiano da época e professor de latim na Universidade de Bolonha. Nos poemas latinos que ele publica, Saussure recupera vários anagramas. Ele decide interrogá-lo nos seguintes termos:

4 [N.T.] No francês contemporâneo, o nome do Deus Apolo é escrito “Apollon”, com dois L.

Seria por coincidência ou com intenção que em [uma passagem de seu poema *Catullo calvos*] o nome de *Falerni* se encontre cercado de palavras que reproduzem as sílabas desse nome?

Eu insisto na especificidade da interrogação de Saussure: é a “coincidência” ou a “intenção”? Se é a coincidência, então a pesquisa é fútil.

Parece que Pascoli não responde a essa carta que data de março de 2009⁵. Saussure parece ter interpretado esse silêncio como negando a intenção. Ele cessou imediatamente sua pesquisa com os anagramas.

Vemos que qualquer que seja o domínio, a língua e a linguística, a lenda e a semiologia, a estrutura anagramática dos escritos literários, a pesquisa de Saussure nunca é eufórica. Este é sem dúvida um dos aspectos de sua qualidade: Saussure não é daqueles que pensam que os objetos culturais se oferecem de cara à descrição e à teorização. Às vezes, ele chega ao ponto de compreender sua especificidade na própria impossibilidade de descrevê-los.



Abordo a segunda parte de minha exposição. Eu a concebo como uma *mise en place* dos princípios teóricos que estão colocados no *CLG*. Evidentemente, é uma tarefa difícil resumir em alguns instantes um pensamento tão meticuloso e tão inquieto. A todo momento, corremos o risco da aproximação, da interpretação exagerada, mesmo o erro caracterizado.

Parece-me que, entretanto, podemos estabelecer alguns princípios, esclarecendo de início que eles estão ligados entre si de tal maneira que eles se pressupõem reciprocamente: se contradizemos um, fazemos desaparecer todos os outros. É por esse aspecto em particular que Saussure está na origem do estruturalismo.

O problema vem justamente do fato dessa relação sistemática entre os princípios saussurianos: não se sabe por qual convém começar. É uma questão que Saussure se coloca explicitamente repetidas vezes:

Unde exoriar? – É essa a questão pouco pretensiosa e, até mesmo, terrivelmente positiva e modesta que se pode colocar antes de tentar abordar, por algum ponto, a substância deslizante da língua. Se o que pretendo dizer a respeito disso é verdade, não há um único ponto que seja o ponto de partida evidente (Saussure, 2004, p. 241).⁶

5 [N.T.] Inferimos que se trate de 1909, conforme aparece em Starobinski (1974, p. 105). O ano de 2009 aparece como tal no arquivo utilizado para a tradução.

6 [N.T.] A tradução da passagem em questão pertence à edição dos *Écrits de linguistique générale* já consolidada em solo brasileiro: trata-se dos *Escritos de Linguística Geral*, em sua 1ª edição, traduzidos por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, publicados em 2004 pela Editora Cultrix.

Penso no entanto que se pode tentar tomar como ponto de partida a definição da língua dada na introdução do *CLG*:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto utilizado pela comunidade surda, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas. (2012, p. 47⁷).

Convém explicar rapidamente que as duas noções de *sistema* e de *signo* relacionam-se de tal maneira que o *sistema de signos* vai se transformar em *sistema de valores*. Mas ainda não estamos lá. Por agora, a língua é dada como um dos *sistemas de signo*, o principal, certamente, mas não o único. E é essa primeira constatação que permite o estabelecimento da *semiologia*. Nesse ponto, passo a palavra talvez não ao próprio Saussure, mas ao *Curso de linguística geral*.

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sēmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística, e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (2012, p. 47-48).

Assim, a linguística encontra seu lugar em uma ciência mais geral, a *semiologia*, que se encarrega de todos os sistemas de signos. Os exemplos dados no *CLG* são de um lado sistemas considerados como derivados da língua, a escritura e o alfabeto utilizado pela comunidade surda⁸ (isto é, o que se chama hoje de língua de sinais) e de outro lado pequenos sistemas regionais, utilizados em setores específicos da vida cotidiana. Porém, vocês lembram que vimos anteriormente que ele considera também como um objeto possível a semiologia dos textos das lendas. Vemos, pois, se construir o projeto de uma semiologia geral que deverá esperar cinquenta anos antes de tomar forma, pelos cuidados em particular de Barthes e de Greimas.

A língua é, então, um dos sistemas de signos. Mas como ela se distingue da linguagem? Saussure estabelece aqui uma distinção capital: ela consiste em opor no seio da linguagem as duas noções de *língua* e de *fala*. A língua é, acabamos de ver, um *sistema de signos*, “um princípio de classificação”, um “conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade [de linguagem] nos indivíduos” (2012, p. 41). A

7 [N.T.] Referenciamos a 28ª edição do *Curso de linguística geral* publicada em 2012 pela Editora Cultrix. Todas as próximas citações da mesma obra são também retiradas da referida edição.

8 [N.T.] Em francês, Arrivé escreve “l’alphabet des sourds-muets” [“o alfabeto dos surdos-mudos”]. Mantivemos a tradução em conformidade com a 28ª edição do *Curso*, já referenciada, que traz “o alfabeto utilizado pela comunidade surda”. Há de se observar, contudo, que em edições anteriores à de 2012, também se considera “o alfabeto dos surdos-mudos”, como se lê no original.

língua é, portanto, por natureza, social. Ela subsiste enquanto sistema sem ser utilizada. A *fala*, ao contrário, é individual; é a utilização que é feita da língua pelo sujeito falante para produzir *discursos*. E a *linguagem* é necessariamente a união constituída pela *língua* e pela *fala*. O CLG se expressa sobre esse ponto de maneira negativa: “A língua é para nós a linguagem menos a fala” (p. 117).

Aqui é indispensável alertar contra um erro que é cometido frequentemente pelos comentadores contemporâneos de Saussure. Escutamo-los seguidamente dizerem que Saussure negligencia completamente a fala e seu produto, o discurso, em prol da língua. Isso é profundamente falso, mesmo que certas passagens do CLG, pelas formulações empregadas por seus editores, expliquem parcialmente esse erro. Na verdade, Saussure concebe simultaneamente duas linguísticas: uma linguística da língua e uma linguística da fala. Esse é inclusive o título que é dado a um dos capítulos da introdução: “Linguística da língua e linguística da fala”, que coloca precisamente sobre o mesmo plano as duas linguísticas. Em realidade, acontece que a linguística de que Saussure tratou com prioridade é aquela da língua. A linguística da fala, abordada explicitamente em muitos pontos do *Curso*, poderia ter sido o objeto de novas considerações, explicitamente previstas para cursos ulteriores que Saussure foi impedido de ministrar, pela doença e, depois, pela morte. De qualquer modo, o *sujeito falante* está presente igualmente na língua, pela consciência que ele toma das estruturas linguísticas. Saussure chega várias vezes a assimilar as duas noções de *língua* e de *sujeito falante*.

Agora é preciso voltar à noção central de *sistema de signos*. Começando pelos signos, antes de ver de que maneira eles constituem um sistema.

Há duas precauções a tomar a respeito da noção de signo saussuriana. A primeira consiste em distinguir claramente o sentido que esse termo toma na última determinação feita por Saussure do sentido que ele tem no uso habitual. No uso habitual, o *signo* é o objeto perceptível que porta uma informação conceitual. No Código de Trânsito, podemos ler a propósito: o sinal verde é o signo de autorização de passagem, o sinal vermelho é o signo de interdição de passagem. Em Saussure, isso é inteiramente diferente: o *signo* é o conjunto constituído por duas faces solidárias e inseparáveis: de um lado, uma face não manifesta, conceitual, denominada originalmente de *conceito*, depois, definitivamente, *significado*; de outro lado, uma face manifesta, audível ou visível, denominada primeiro de *imagem acústica*, porque é sobre o aspecto audível desses signos, que são as palavras, que Saussure pensa em prioridade. É a essa face manifesta que ele confere, definitivamente, o nome de *significante*. Se ele tivesse conhecido e estudado esse pequeno sistema de signos que é o código de trânsito, ele teria dado o nome de *signo* ao conjunto constituído por *sinal verde* e *autorização* e *sinal vermelho* e *interdição*. *Sinal verde* e *sinal vermelho* teriam recebido o nome de *significante*. E *autorização/interdição*

o nome de *significado*. Ele considera o mesmo para os signos que são as palavras da língua: o signo *mouton* (ovelha), já vão compreender por que eu tomo esse exemplo, é ao mesmo tempo o significante (mutô), a sequência de sons ou de letras que constituem esse significante, e o conceito que lhe corresponde, ao mesmo tempo o animal quadrúpede e o pedaço de carne no prato. Saussure representa o signo assim concebido por uma elipse cortada horizontalmente em duas partes por uma barra. Em cima, o *conceito*, definitivamente substituído pelo *significado*, embaixo, a *imagem acústica*, definitivamente substituída pelo *significante*. As flechas verticais de direção inversa presentes nos dois lados da elipse do signo marcam a pressuposição recíproca que é a relação das duas faces:



(CLG, 2012, p. 107)

Segunda precaução a tomar acerca do *signo* saussuriano. Há um elemento que não é levado em conta nessa definição saussuriana do *signo* linguístico: é o objeto que designamos, no discurso, utilizando as palavras da língua. Naturalmente, Saussure não contesta em nada a realidade nem o interesse dessa operação discursiva. Ele vai, ao contrário, quase esboçar a teoria da “operação” pela qual se faz esse estabelecimento de relação entre o signo no discurso e a coisa do mundo exterior que ele designa. Mas ele coloca que o objeto designado, o que chamamos hoje de *referente*, não entra na definição do signo. Por que essa exclusão? Precisamente porque a língua é um *sistema de signos*, não uma “nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que corresponde a tantas outras coisas” (p. 104). Essa oposição entre nomenclatura e sistema de signos permite levar em conta diferenças entre os sistemas constituídos por línguas diferentes. O exemplo mais conhecido dado por Saussure é aquele da diferença entre o inglês e o francês a propósito das palavras *mouton*, *sheep* e *mutton*. Como acabamos de reparar, o francês usa o mesmo termo *mouton* para falar do animal quadrúpede e do pedaço de carne destinado ao consumo. O inglês distingue entre dois signos: *sheep* quando se trata do animal quadrúpede, *mutton* quando se trata do pedaço de carne. É que o sistema, que é aqui um micro-sistema, é

estruturado de maneira diferente pelas duas línguas. E, é claro, os fenômenos desse tipo, longe de serem excepcionais, estão presentes a todo instante quando comparamos duas línguas. Um outro exemplo ilustre está presente no léxico relativo à linguagem: o francês e as línguas românicas utilizam dois termos diferentes para distinguir os dois conceitos de *língua* e de *linguagem*. O inglês, o alemão e as línguas germânicas não conhecem essa distinção e recorrem a um único signo, *language* em inglês, *Sprache* em alemão, *sprog* em dinamarquês. Daí, naturalmente, graves dificuldades de tradução entre as duas classes de línguas. Tomei esse exemplo do domínio do léxico. Mas ainda seria muito fácil tomar exemplos do domínio da morfologia. Um exemplo espetacular é aquele do gênero gramatical, que é estruturado de maneiras bastante diferentes entre os sistemas linguísticos: o francês e as línguas românicas comportam dois gêneros, o latim, o grego antigo, o alemão moderno e as línguas eslavas comportam três, várias línguas africanas e asiáticas comportam, sob o nome de classes, um número variável (até cerca de quarenta) de categorias nominais. E há diversas línguas que desconhecem completamente a categoria do gênero, por exemplo, as línguas fino-úgricas e, de uma certa maneira, o inglês, que conhece bem a oposição masculino/feminino para os pronomes pessoais de terceira pessoa, mas a ignora para os nomes.

O signo linguístico comporta duas propriedades. Apesar de sua importância, não farei mais que assinalar a segunda propriedade, o caráter linear do significante. Entretanto, é indispensável interrogar-se um pouco mais sobre a primeira. É o famoso “princípio do arbitrário do signo”. Ele é assim determinado no *CLG*:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário* (p. 108).

Saussure posiciona-se, assim, de maneira extremamente fechada, frente a um dos problemas trazidos pela reflexão sobre a linguagem, praticamente desde suas origens: pensemos no famoso, mas muito ambíguo, diálogo de Platão, *Crátilo, ou sobre a correção dos nomes*. O debate continua atualmente, porque o princípio do arbitrário do signo não é aceito por todos os linguistas. O que esse princípio do arbitrário quer dizer? Precisamente isso: a relação entre o significante e o significado é indissolúvel, eles se pressupõem reciprocamente, não podemos pensar um sem imediatamente pensar o outro. Essa relação é ilustrada pela metáfora da folha de papel, cuja frente é inseparável do verso: não podemos cortar um sem simultaneamente cortar o outro. Porém, tão indissolúvel quanto ela seja, essa relação não é necessária, ela não é racionalmente justificável. Dito de outro modo, o significante não diz nada, ou pelo menos nada verdadeiro, sobre o significado, contrariamente ao que ainda nos repete o velho nome da

etimologia, que quer dizer em grego “discurso verídico”.

Saussure se atrapalha um pouco enquanto tenta demonstrar o princípio do arbitrário do signo: contrariamente à resolução que ele assumiu de não fazer o objeto designado intervir na estrutura do signo, ele utiliza esse objeto em seu esforço de demonstração. Isso é incontestavelmente um deslize de sua reflexão. Mas esse deslize é, na verdade, significativo: em realidade, o princípio do arbitrário como propriedade interna do signo não é, aos olhos de Saussure, o que há de verdadeiramente importante. A verdadeira justificativa do estabelecimento do arbitrário é que ele é necessário para a concepção de língua não mais simplesmente como sistema de signos, mas como sistema de valores e, mais precisamente, de valores negativos.

Chegamos aí à parte mais difícil da reflexão de Saussure. Dificuldade que ele reivindica. Mas a dificuldade não aparece de cara. No começo, tudo parece óbvio. Saussure retoma o exemplo do *mouton* e de seus dois correspondentes em inglês *sheep* e *mutton*.

A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou *carneiro* se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (p. 163).

É a oposição estabelecida entre *sheep* e *mutton* – ou para tomar um dos exemplos em francês entre *langue* e *langage* [ou, ainda, em português, *língua* e *linguagem*] ou entre o gênero masculino e o gênero feminino – que determina o valor dos termos assim opostos. É nesse ponto que nasce a dificuldade: o valor assim produzido pela oposição é estritamente diferencial:

Na língua só existem diferenças. Mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua, só existem diferenças *sem termos positivos*. Quer tomemos o significado ou o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons que preexistiriam ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema (CLG, p. 167).

Vocês notaram o paradoxo aparentemente constituído pela noção de *diferença sem termos positivos*. Este é o ponto central da reflexão de Saussure, é um dos elementos que serão mantidos na construção do que se chamará, quarenta anos mais tarde, de estruturalismo. Evidentemente, esse é um problema polemizado, e discutido, pelo próprio Saussure, que restitui em alguns pontos certa dose de positividade:

Mas dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideremos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem (p. 168).

Resta fazer intervir nesse panorama dos conceitos do CLG uma única distinção. Ela

se torna necessária pela própria noção de sistema de valores. Para que um tal sistema possa funcionar, é preciso que ele disponha de imobilidade no tempo. Ocorre que a linguística tal como ela era construída antes de Saussure falhava em apreender a língua em um estado fixo. O que interessava quase exclusivamente aos linguistas do século XIX, e isso envolve os *Junggrammatiker*, era a língua, ou ainda as línguas, nas comparações que eles faziam entre elas, sobre como elas evoluem no tempo. Saussure introduz nesse ponto uma inovação decisiva. Ela consiste em distinguir dois pontos de vista acerca das línguas. Ele lhes dá os nomes neológicos de *sincronia* e de *diacronia*:

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (p. 123).

Nesse ponto, novamente, é preciso tomar precauções. Saussure estabelece o ponto de vista sincrônico porque ele é o único a poder revelar os fenômenos de diferenças de valores, visto que essas diferenças se estabelecem entre elementos simultaneamente presentes em um momento dado. O ponto de vista diacrônico não permite apreender os elementos senão de maneira isolada ao curso de sua evolução no tempo. Encontramos aí o fenômeno da pressuposição recíproca de diferentes conceitos na linguística saussuriana: a sincronia permite compreender os sistemas de valores que estão ocultos na diacronia. A sincronia é uma linguística da língua, enquanto a diacronia permanece uma linguística da fala: a mudança diacrônica se encontra sempre nos fatos da fala. Mas isso não significa de maneira alguma que Saussure se desinteresse pela linguística diacrônica: o *CLG* contém mais páginas dedicadas à diacronia do que à sincronia.

As duas noções opostas de sincronia e de diacronia estão, sem dúvida, entre as inovações conceituais e terminológicas introduzidas por Saussure, aquelas que tiveram o maior sucesso, ao ponto de praticamente passarem a fazer parte do léxico cotidiano.

**

Resta-nos agora abordar, em uma terceira e, fiquemos tranquilos, última parte, o problema do efeito de Saussure sobre as ciências humanas. Serei, dada a circunstância, breve e enumerativo. Procederei distanciando-me progressivamente do campo da linguística no sentido estrito em direção aos domínios mais e mais longínquos.

Uma primeira observação: o efeito exercido por Saussure foi muito lento a se manifestar, salvo nos domínios estritamente linguísticos: reflexão geral sobre a linguagem, fonologia e

gramática. Não há necessidade de ficar surpreso: os conceitos e os métodos precisam de tempo para se introduzirem em campos que não lhes pertencem.

Para a linguística geral, o efeito foi precoce. Antoine Meillet assistiu às últimas aulas de Saussure na EPHE, um manteve com o outro uma correspondência que seguiu durante o período genebrino daquele último. Meillet se refere a Saussure desde suas primeiras publicações. Os dois alunos e editores suíços de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, deram origem ao que se chamou “Escola de Genebra”, que ainda continua muito ativa. Os primeiros trabalhos de Émile Benveniste onde se identifica a influência de Saussure data de meados dos anos 30. A glossemática de Louis Hjelmslev que se reclama de Saussure como único predecessor só se manifesta através dos famosos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* em 1943, mas sua elaboração remonta ao fim dos anos 30. Em André Martinet, é sobretudo a partir dos anos 40 que se manifesta a influência de Saussure. Essa influência continua até hoje a ser exercida, ainda que de uma maneira mais difusa. Esquece-se frequentemente de notar que a terminologia saussuriana, em específico os dois pares *significante/significado* e *sincronia/diacronia*, entraram na prática terminológica de um número muito grande de linguistas que não se consideram saussurianos, e dos quais alguns, talvez, não sabem claramente de quem vêm esses conceitos.

Para a fonologia, os ensinamentos de Trubetzkoy e de Jakobson, depois de Martinet, se apoiam diretamente, não sem às vezes criticá-las, sobre as passagens do *CLG* relacionadas ao valor dos fonemas, sobretudo a ilustre análise do fonema /r/ em francês. É preciso relembrar todavia que Saussure utiliza a palavra *fonologia* com o sentido que é geralmente atribuído a *fonética*. Essa escolha lexical teve sem dúvidas efeitos negativos sobre sua influência nesse domínio.

A partir dos anos 20, os bons gramáticos franceses situam todo o seu ensinamento com relação ao *CLG*. Não cito além de Gustave Guillaume, Damourette e Pichon, Lucien Tesnière, Georges Gougenheim, um pouco mais tarde o dinamarquês Knud Togeby, continuador de Hjelmslev. Uma única exceção nessa época: aquela de um outro Ferdinand, Brunot, que jamais cita Saussure, ainda que, em alguns pontos, ele profira opiniões que se aproximam das deste último.

Distanciamo-nos a passos pequenos da linguística. A semiologia ainda se aproxima desta, afinal, ela a engloba. Ela encontra sua origem diretamente no *CLG*. Entretanto, no *CLG*, ela continua em estado programático e não encontra um início de prática senão nos trabalhos extremamente confidenciais sobre a lenda germânica. Para que ela chegue verdadeiramente à existência científica, é preciso esperar o fim dos anos 50 e o começo dos anos 60, com os trabalhos de Roland Barthes, particularmente *Mitologias*, que data de 1957, e os *Elementos de semiologia*, publicados em 1964 no famoso nº 4 da revista *Communications*. É em 1966 que

é publicado o livro de Algirdas Julien Greimas, *Semântica estrutural*. Mais que um tratado de semântica, essa obra é, em realidade, uma introdução à semiótica, nome que toma desde esse momento a ciência vinda da semiologia saussuriana.

Um pouco mais longe: a etnologia. Não é mais uma questão de linguagem diretamente, no singular ou no plural. E os conceitos passarão por migração. O personagem fundamental aqui é Claude Lévi-Strauss. A importação é bastante precoce: é desde 1948, em *Estruturas elementares do parentesco*, que ele faz intervir, como ele dirá em 1955 em *Tristes trópicos* “a categoria do significante, a principal maneira de ser do racional” (1990 [1955], p. 73, citado por Greimas, 1956, p. 191 e 194). Não sem especificar que seus mestres da Sorbonne, “mais ocupados em meditar sobre o *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência* que sobre *Curso de linguística geral* de F. de Saussure, sequer pronunciavam seu nome”.

Para a psicanálise, a relação com a linguística foi por muito tempo problemática. É ainda mais surpreendente que Raymond de Saussure, filho de Ferdinand, foi ele mesmo analisado por Freud e lhe fez conhecer ao menos a existência do CLG. Mas Freud parece não ter se importado muito. É preciso esperar Lacan para assistir ao estabelecimento de uma relação do inconsciente com a linguagem e, ao mesmo tempo, da psicanálise com a linguística. Após um primeiro contato com o CLG em 1935, por intermédio do psicólogo Henri Delacroix, ele mal pensa em explorá-lo antes do “Discurso de Roma”, em 1953, de maneira ainda implícita e indireta. É somente em 1957 que Saussure surge na “Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Sabe-se que o postulado fundamental de Lacan nessa época é que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Ou, em outros termos, que “o inconsciente, ele fala, o que o faz depender da linguagem”. A linguagem tal como o inconsciente depende dela é concebida por Lacan segundo o modo saussuriano: o belíssimo artigo de 1957 reinterpreta as operações do inconsciente tal como Freud o concebe, a *condensação* e o *deslocamento*, segundo o modelo saussuriano do signo linguístico.

Procurei mostrar-lhes que o efeito de Saussure sobre as ciências humanas é, atualmente, por vezes oculto. O exemplo que Compagnon nos dá é significativo, não é isolado. Seria preciso se interrogar, e isso seria um outro problema, sobre a origem desse fenômeno de ocultação. Minha preocupação hoje foi mostrar até que ponto esse fenômeno de ocultação é pouco justificado. Espero ter conseguido fazê-lo.

Amanda Eloina Scherer⁹

Erick de Queiroz Brittes¹⁰

9 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

10 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

Ferdinand de Saussure e a constituição de um domínio de memória para a linguística moderna¹

Jean-Louis Chiss²
Christian Puech³

A memória que aqui está em questão não é a simples coleção de fatos correlacionados a uma cronologia mais ou menos complexa, nem uma cronologia dos conflitos, ritmada por rejeições e reminiscências semiconscientes ligadas ao desenvolvimento científico e sobre as quais sempre nos interessamos, mas, ao invés disso, UM TIPO DE CONSCIÊNCIA DE SI DA DISCIPLINA a ser reconhecido enquanto tal pelo historiador e cuja eficácia conviria mensurar o mais precisamente possível. Não mais que em outros domínios históricos em que a memória está em jogo, o historiador não saberia aqui desenrolar o passado de maneira linear: trata-se sobretudo de identificar e de descrever a diversidade das modalidades dos reempregos desse passado.

Desse ponto de vista, Saussure e o saussurismo bem constituem, segundo o que convém chamar de comunidade dos linguistas, ao mesmo tempo um domínio de pesquisas e um *domínio de memória* (Foucault, 1969), o objeto de investigação de viés científico, portanto discutível e passível de avaliação, e também algo como “o inestimável objeto de uma transmissão”, conforme a expressão de P. Legendre (1985). Na configuração do campo enunciativo da linguística, naquela do ensino (mas seria preciso desenvolver esse ponto de vista por ele mesmo), os enunciados saussurianos continuam a ser admitidos, explicitados, comentados e discutidos, a definir um corpo de verdades e um domínio de validade, tudo enquanto enunciados “a partir dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica” (Foucault, 1969, p. 78).

Mais quais relações mantêm, enfim, essas duas perspectivas que articulam de maneira

1 [N.T.] O texto original foi publicado no número 114 da revista *Langages*, de 1994. Agradecemos com toda a admiração aos professores Chiss e Puech por nos concederem a permissão para traduzirmos seu artigo

2 Professor emérito da Université Sorbonne Nouvelle (Paris III), suas publicações englobam temas como a história das teorias da linguagem e a didática do ensino de línguas. E-mail para contato: Jean-Louis.Chiss@sorbonne-nouvelle.fr

3 Professor da Université Sorbonne Nouvelle (Paris III) e pesquisador do laboratório Histoire des Théories Linguistiques (HTL). Suas publicações tratam principalmente da circulação dos conhecimentos linguísticos, perpassando questões históricas, epistemológicas e disciplinares. E-mail para contato: Christian.Puech@sorbonne-nouvelle.fr

indissociável estratégia de verdade explícita e reconhecida e “aura” disciplinar mais difusa mas não menos real por isso?

1 O patrimônio e a ciência

A ótica histórica não nos parece ganhar ao opor a produção dos conhecimentos à transmissão do patrimônio cultural do qual os saberes fazem parte, de maneira que hoje podemos ver as disciplinas históricas tentarem se alimentar metodologicamente a partir de um afinamento das abordagens do que convém entender por “memória”. Se a empreitada dos “lugares de memória” (P. Nora, 1984-1993) concerne ao nosso propósito, é menos pela caracterização dos objetos que ela reconhece como seus (um lugar de memória seria “qualquer sistema de signos, desde que ele seja portador de uma memória”, Nora, 1993b) e mais pelo interesse colocado sobre aquilo que constitui o destino cultural de um nome, de um emblema, de um tema ou de uma obra, além de sua aparição e de sua recepção primeira⁴.

No que concerne a Saussure, é evidente que “a era da comemoração” não se abriu só nesses últimos anos e que é desde a (primeira) constituição do texto e de sua publicação em 1916 que o ritual ambíguo da homenagem (“ambíguo”, porque não há exclusão mais radical que a exclusão pela homenagem) foi implantado, imediatamente acompanhado de questionamentos, atualizações de lacunas, propostas de superação... pelos quais a *recepção* foi transformada, insensivelmente e muito cedo, em herança⁵. Figura patrimonial e identitária de grandes correntes da linguística contemporânea, Saussure funcionou como “encruzilhada” em um campo ainda mais diferenciado. Com efeito, as leituras do “acontecimento discursivo” que foi a edição do *CLG* contribuíram para elaborar a memória e o horizonte disciplinar das ciências da linguagem. Contudo, sabemos bem que além da comunidade científica, é também na transmissão pedagógica e no domínio das “ideias gerais” e das transferências de conhecimento que opera tal elaboração.

A paradigmática pedagógico-universitária do *CLG* bem assinala esse duplo fato: que tantos tratados de iniciação à linguística tenham sido e ainda sejam disponibilizados alegando a

4 “A memória é largamente indiferente ao desenrolamento linear, o calendário não é sua religião. Ela distribui à sua vontade na matéria histórica, dá-se o direito de isolar tal episódio revelador, de se atrasar em nós temporais, de ignorar como resposta sequências muito longas [...]. Aquilo naturalmente não quer dizer que a memória não afeta esses conteúdos de uma data, porém esta última não tem necessidade de ser exata [...]: a memória pode dar o verniz do imemorial a uma invenção relativamente nova [...]. *Tudo isso significa que tratar o objeto histórico por lugar de memória é passar a Palavra ao presente, não como herdeiro do Passado, mas como utilizador do passado, sempre suscetível de reanimar problemáticas dormentes, de reempregar materiais enterrados. Enfim, de recompor a paisagem conforme as necessidades do momento*” (Mona Ozouf, 1993).

5 Nós tentamos, alhures e outrora, formular/esboçar o princípio de uma leitura de Saussure como: a) “leitura de leituras”, b) estratificações de problemáticas “sempre já” históricas, c) desconstrução de “estratégias de verdades” retrospectivas, isto é, de nosso interesse. (Chiss e Puech, 1987, parte II, p. 125-137).

conceitualidade saussuriana, isso mostra o lugar fundador do “pai”; que tantos artigos ou obras de linguística tenham sido e ainda sejam abertos a uma crítica da “ortodoxia saussuriana”, isso mostra a face escondida do “pai”, aquele que haveria interditado tal ou tal desenvolvimento à ciência linguística. Nesse último caso, cada um reescreve *sua* história da linguística para justificar seja o advento da sociolinguística, seja aquele da análise de discurso ou ainda aquele da teoria da enunciação. As estratégias de leitura do *CLG* desempenham, desse modo, um papel na produção teórica, emblema de uma situação, por assim dizer, “normal”, onde cada linguista se situa com relação aos outros, bem como, aliás, do próprio Saussure – ou dos editores, que haviam acreditado ser justo começar o *CLG* por uma “visão geral” sobre a história da linguística.

Contudo, vê-se bem como essas leituras “científicas” justificando as rupturas, argumentando sobre repreensões de incompletude ou de caducidade, fazendo até mesmo dos conceitos saussurianos (*língua/fala; sincronia/diacronia*) verdadeiros obstáculos epistemológicos, são indissociavelmente leituras “culturais” que constituem uma *tradição* que se pode discernir como sendo a genealogia dos interesses de conhecimento que impulsionam as disciplinas que tratam da linguagem e das línguas. É por isso que o olhar retrospectivo e projetivo sobre Saussure engloba os trabalhos eruditos de historiografia, superando-os, a fim de tentar avaliar a dispersão da herança através do “estruturalismo generalizado”⁶.

Uma simples leitura dos *Cahiers F. de Saussure (CFS)* dos últimos anos – dentre outras publicações – já atesta a amplitude e a produtividade do campo das pesquisas dedicadas a Saussure e ao saussurismo, a relação do nome próprio com seus derivados (contamos também “saussurianismo”) constituindo, aqui, precisamente o objeto de uma reflexão, se isso não é mais que uma inquietação. A obra em si – e, em primeiro lugar, o *CLG* – parece ainda estar em via de constituição, se pensamos na continuação hoje em dia da organização crítica de R. Engler (cf. Saussure, 1968 e 1974). Quanto à “bibliografia saussuriana” estabelecida pelo mesmo autor, ela não cessa de se expandir (desde os *CFS* 30, 1976), assumindo o comando da *Bibliographia Saussureana 1870-1970* estabelecida por K. Koerner (1972). Enquanto F. Gadet (1987) aponta a existência de sete traduções do *CLG*, os tradutores Y. Gazi e M. Nasr relatam, já em 1984, 13 traduções em seu prefácio à edição em língua árabe do *CLG* (Beirute, ed. Dar al-Nuzman).

Quanto à atividade filológica e documentária, aquela que consiste em fazer a história dos *textos*, de sua emergência, de suas variantes, todo o trabalho de fixação/indexação, ela

6 Quanto à história “séria” dessa generalização, falta muito para completá-la. Saussure, pai do estruturalismo: os anos 60/70 se esforçarão para fazer esquecer que, desde a publicação do *CLG*, o interesse pelas ideias saussurianas ultrapassa os limites disciplinares (cf. por exemplo a resenha de Claparède, 1917). As figuras de Cassirer, Jakobson, Lévi-Strauss e Merleau-Ponty ocupam aqui o primeiro plano da cena como *mediadores* da memória saussuriana. No que concerne ao primeiro (*Structuralism in modern linguistics*, *Word* 1, 1945), P. Caussat (1990) pôde mostrar o caráter paradoxal do célebre artigo que discorre sobre o estruturalismo: Saussure não figura “tanto” em tal período como o continuador de Platão, Goethe, Kant e Humboldt, ao mesmo tempo em que ele é apresentado como aquele que supostamente “ultrapassou o limite estruturalista”.

constitui uma dimensão particularmente fecunda para uma obra que não cessa de se escrever, de se reformular, de se reorganizar⁷. Sabemos: R. Godel (1969), T. de Mauro (1974), R. Engler (1968 e 1974), cada um redesenhou os contornos do *CLG* editado por C. Bally e A. Sechehaye em 1916 e J. Starobinski (1971) abriu o caminho para que se pense nos “dois Saussure” ao decifrar os Anagramas. Dessa forma, é de se sugerir que a empreitada científica não poderia não surtir efeito sobre as representações do autor, enquanto falta, parece-nos, a propósito de Saussure, uma verdadeira biografia intelectual capaz de esclarecer o conjunto de um itinerário semelhante, por exemplo, àquele que Y. Winkin dedicou a E. Goffman (1988). Certamente, inúmeras discussões se desenvolveram entre os especialistas de Saussure em torno do tema da “formação” do mestre (*cf.* em particular K. Koerner, 1973, 1988, 1990; H. Aarsleff, 1979; C. Normand, 1978a e 1978b): no interior da problemática da influência se opõem aqueles para quem as posições saussurianas refletem a ideologia científica da época, a sensibilidade ao “ar do tempo”⁸ e aqueles que procuram no contato efetivo com tal “mentor”, tal instituição, tal obra, os vestígios de uma submissão direta, de um ter bebido de outra problemática.

2 A figura do pai e a semiologia

Faz parte da “história das ideias”, no sentido em que M. Foucault a critica em *A Arqueologia do saber* (1969), reconstituir “histórias escondidas”, procurar precursores, determinar gêneses e filiações, apontar atrasos e antecipações. Mas tudo ocorre como se Saussure representasse o paroxismo de uma concepção epifânica do desenvolvimento das ciências da linguagem. É assim que a representação do “herói teórico” se nutre desde muito tempo com os buracos da biografia de eventos, construindo uma espécie de mitologia patética cuja predominância se mantém. R. Godel abriu caminho para esse paradoxo:

quanto mais nos empenhamos para encontrar os vestígios da atividade e das preocupações de F. de Saussure, mais sua pessoa se envolve em mistério (1969, p. 35).

7 Cada “leitura” de Saussure contribui para algum aspecto mais ou menos conhecido da obra saussuriana na busca de avaliações e reavaliações polêmicas incessantes. Far-se-á o *Mémoire* jogar contra o *CLG* (*cf.* algumas resenhas quando do lançamento do *CLG*); far-se-á valer, contrariamente, uma continuidade essencial do primeiro ao segundo (relativizando com isso a novidade e a importância da obra “geral” para mostrar uma filiação ininterrupta à gramática histórica e comparada); dirigir-se-á a atenção sobre o patético de uma esquizofrenia instalada no coração do dispositivo saussuriano (os dois, três, quatro... Saussure: aquele das Fontes manuscritas, dos anagramas e da correspondência com Flournoy sobre as glossolalias, as Lendas germânicas – *cf.* Avalle, 1973, Prosdociimi, 1983, Arrivé, 1990 –, o Saussure de Leipzig, aquele de Paris ou o genebrino... etc.).

8 Enunciado significativo para, dentre tantas outras, aquelas linhas de L.-J. Calvet (1975, p. 84): “Mesmo que Saussure tenha lido Durkheim ou não, é a partir desta visão que ele pensa, uma vez que ele declara que a língua é um fato social, porque é esta a visão que prevalecia à época. Não há lugar, portanto, para surpreender-se nem para revoltar-se com o aspecto antissocial de sua teoria do signo: ela é, como sempre neste caso, um produto da ideologia do tempo.”

A atualidade editorial oferece o exemplo (por vezes caricatural) da periferia da história teleológica tomada de seus cultistas mais adeptos à dramatização:

Essas poucas frases conservam o vestígio de um desses episódios violentos e secretos dos quais a vida de Saussure oferece vários exemplos. Elas são uma ilustração bastante exata do *caso Saussure* que é também o ‘fenômeno Saussure’. O *caso Saussure* resume a vida de um estudioso austero que suas muito discretas notas (auto)biográficas mostram ser constantemente atormentado por violentos dramas secretos, ao mesmo tempo que é habitado por um entusiasmo contagiante. O *Fenômeno Saussure* registra as vicissitudes (desaparecimento e ressurgimentos) bem como a radiação agora indiscutível de uma obra que, no entanto, é talvez ainda amplamente desconhecida.

Perfeita ilustração de uma concepção devota e heróica da história da semiótica fascinada pela figura de um pai fundador (“os dramas secretos de uma vida austera”; “a imagem de um estudioso austero”; “os violentos dramas secretos”, *ibid.* p. 13-15), que esquece a maior parte do domínio (sem referência a Peirce, Morris, Buyssens, Prieto...), que lineariza o trajeto em direção ao novo pai (o Filho do Pai, aquele que poderia muito bem se tornar o Pai do Pai...):

[Greimas] se inscreve no exato prolongamento do projeto saussuriano (*op. cit.*, p. 122).

E, ainda:

Não deixa de ser verdade que é à importância e à elevação do debate teórico provocado por A. J. Greimas ao longo de toda a sua vida que a semiótica deverá ter sido ativamente definida como uma ‘teoria da significação’ (*ibid.*).

Se a semiologia concentra, desse modo, sobre si toda a intensidade da referência a Saussure (e sua ambivalência...), não é por acaso, mas devido ao caminho que a paradigmática tomou a partir dos anos 50. Quando se concluiu a recepção de Saussure, aquela que teria começado nas resenhas do *CLG* e que teria seguido, de maneira problemática na obra de linguistas isolados ou naquela de linguistas coalisados em função de interesses que ultrapassam extensivamente a pessoa e a obra do sábio genebrino, o lugar para uma “re”descoberta de Saussure se tornava livre, para além das fronteiras da disciplina e através de um certo número de personalidades-mediadoras particularmente e naturalmente sensíveis à tematização saussuriana do “semiológico”. Outros (dentre os semiólogos mais envolvidos) notaram tal fato: J.-C. Gardin, por exemplo, não hesita em publicar nos *CFS* (1987) um artigo intitulado de maneira provocadora “*Les relations troubles de la sémiologie avec la linguistique*” [“As relações conturbadas da semiologia com a linguística”]. Porque o projeto semiológico constitui o ponto de fuga (em todos os sentidos) da construção metateórica do *CLG*, porque

acima de tudo ele concentra sobre si da mesma forma as ambições diversas das disciplinas conexas, porque, enfim, o próprio *CLG* (as *Fontes manuscritas* confirmam fortemente esse ponto) cristaliza os desejos de modernização do campo intelectual inteiro além de até mesmo a ciência da linguagem (em torno da noção de *valor*, originalmente, mais do que daquela de *signo*), tem-se necessariamente um consenso ambíguo “precipitado” a propósito da figura de Saussure.

Evocando os grandes colóquios internacionais de semiologia que ocorrem desde os anos 60, o autor – prestando, de passagem, uma homenagem *em contraste* com os semiólogos suíços, a G. Redard, L. Prieto e J. B. Grize – descreve assim a situação paradoxal engendrada por uma referência implícita a Saussure congelada em uma memória quase *ritualizada*:

[...] a linguística esteve, em geral, a léguas de distância de nossos debates, apesar de certas referências estruturalistas persistentes, e [...] nenhuma a evocava de outro modo além de metafórico, retórico e acadêmico, *como para dar cabo do uso* e sem jamais fornecer qualquer exemplo de uma fecundação recíproca dos dois domínios de pesquisa *sobre o plano operatório* (*op. cit.*, p. 68).

Podemos, assim, tentar precisar esse tipo de ambivalência da referência a Saussure tendo consciência que se a semiologia ali é implicada pelas razões mencionadas acima, outros domínios o são igualmente: “Saussure” seria o nome daquele que mostra o caminho (o único caminho) sem no entanto tomá-lo ele mesmo. Referindo-se a esse nome, refere-se então a uma configuração na qual sua tutela é convocada mais como *referência simbólica* que como *recurso operatório*. Sob tais condições, J.-C. Gardin tem motivos para se perguntar:

[...] além do princípio dito estruturalista das combinações de traços distintivos que encontramos, na verdade, em todo tipo de construção científica, o semiólogo toma algo emprestado do linguista? (*ibid.*)

Podemos também ampliar a questão: essa referência paradoxal ao mesmo tempo não operatória e, entretanto, constante, não estaria aí a matriz dos “efeitos disciplinares” que ela não pôde produzir, precisamente, senão com a condição de permanecer – ao menos em parte – implícita?

Nessa perspectiva, poderíamos considerar que as problemáticas de memória da disciplina linguística estão concentradas *retrospectivamente* e muito tarde sobre uma figura emblemática, conferindo, assim, a certos discursos uma ênfase retórica constantemente realimentada pelas discussões técnicas sobre a recepção e a herança. Da auscultação do encontro com Whitney (J. Joseph, 1988) à descoberta de notas etimológicas inéditas (R. Amacker e S. Bouquet, 1988) passando por todos os problemas de tradução, de terminologia (em coreano,

por exemplo!), aqueles que tocam na introdução de Saussure em tradições culturais e nacionais em alguns momentos da história⁹, o leque de questionamentos e informações¹⁰ que constituem a “saussurologia” é grande. Não está em questão, aqui, fornecer desse campo de pesquisas sequer um esboço de tipologia. Ele seria necessário, entretanto, para colocar em evidência essa configuração complexa de pesquisas que situa, nos limites da busca filológica, da valorização simbólica e da pesquisa operatória, o domínio de memória (um certo domínio de memória) da disciplina. Citemos, sem uma ordem precisa, uma reflexão continuada *sobre e a partir do* arsenal conceitual do *CLG* (língua/fala e diacronia/sincronia; R. Engler, 1988, e H. B. Rosen, 1986), a semiologia, as relações de outras tradições linguísticas com o saussurismo (*cf.* por exemplo em J. Joseph, 1989, e K. Koerner, 1989, a relação de Bloomfield com Saussure)... etc.

3 Figuras do saussurismo

O recenseamento é, aqui, impossível, mesmo que os trabalhos (supracitados) de bibliografia saussuriana¹¹ já forneçam, na organização de seus itens, algumas indicações sobre as tendências e a natureza das pesquisas. Quanto a nós, arriscaremos uma hipótese: aquela de uma relativa estabilidade da intertextualidade saussuriana que se tece desde a *edição* e a *recepção* do *CLG*.

Muito cedo, com efeito, *topoi* são estabelecidos e tudo ocorre como se para os interessados pelo “depois de Saussure” bastasse reinvesti-los de problemáticas, de interesses variados, de novos argumentários, sem esquecer a perspectiva histórica em função da rememoração legitimadora.

Esse fenômeno já é perceptível na “fonte”. A. Sechehaye faz, por exemplo, uma dupla leitura (ao menos) do *CLG*, no sentido de ele constitui-lo primeiro com Ch. Bally e depois dedicar-lhe em julho de 1917 uma resenha na *Revue philosophique*. Se pensamos, ainda, que ele dedica a Saussure sua obra de 1908 intitulada *Programme et méthodes de la linguistique*

9 *Cf.* por exemplo Cu dakova, Toddes: “A primeira tradução russa do *Cours de linguistique générale* de F. de Saussure e a atividade do círculo linguístico de Moscou. Materiais para o estudo da difusão de um livro científico nos anos 1920”, *Cahiers F. de Saussure* n. 36, 1982. Esse trabalho ilustra bem a existência de um campo de pesquisas autônomo (a “saussurologia”) bem como a problemática clássica da *recepção* compreendida aqui em termos de *continuidade direta*. Teria sido Karcevski o elo mais importante? Deveria ele ter sido quem traduziu o *CLG* como os editores genebrinos acreditaram ou fizeram acreditar? O que é que do *CLG* era conhecido, discutido, em 1923? etc.

10 Não fazemos aqui, é claro, mais que numerar temáticas recentemente aparecidas ou retomadas à luz de novas informações.

11 Adicionamos à lista K. Koerner (1972) *Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique* (Mouton) [*Contribuição ao debate pós-saussuriano sobre o signo linguístico* (Ovelha)] que bem ilustra o fato de que Saussure possa servir como referência temporal em uma busca historiográfica/bibliográfica especializada, e que a biblioteca saussuriana assim concebida atingiu um grau de organização suficiente para especificar suas prateleiras em função de temáticas e de cruzamentos de temáticas. Sobre as prateleiras da biblioteca ideal, a consistência disciplinar se mede também em metros-lineares...

théorique (*Programa e métodos da linguística teórica*) e que ele volta ao conjunto de problemas do saussurismo nas “Três linguísticas saussurianas” em 1940, observamos sem dúvida a extensão de um interesse ou de uma dívida, mas não teríamos como esquecer que, tal como Bally, ele desenvolveu uma conceitualidade linguística que não pode, em nenhum caso, ser reduzida a um acréscimo ou a um prolongamento da obra de Saussure. De fato, Bally e Sechehaye oferecem exemplos, os primeiros, de linguistas que pensam sob a égide de Saussure mas *de outro modo*, que possuem suas orientações específicas e até mesmo inscrevem suas iniciativas em domínios de memória onde se reconhecem mais as teorias enunciativas e pragmáticas que os avatares estruturalistas do CLG. É preciso lembrar: os editores do Curso não foram formados na escola saussuriana, mas na Alemanha, como Saussure ele mesmo, que sem dúvida procura por conta própria libertar-se em alguma medida de tal influência (cf. P. Wunderli, 1982).

Seria preciso colocar, aqui, a questão crucial de uma eventual continuidade saussuriana em Genebra (problemática aos olhos dos próprios genebrinos) e que não é finalmente decidível senão a partir de uma definição suficientemente rigorosa do que seria uma “escola de pensamento”¹². Certo é que não saberíamos conceber uma continuidade qualquer fora de alguma consideração institucional e que, ao mesmo tempo, não há certeza de que a filiação institucional de Saussure, Bally, Sechehaye, Frai (na cadeira de linguística geral de Genebra) seja suficiente para assegurar uma verdadeira continuidade conceitual *operatória*, paralela à primeira¹³. Apesar dos argumentos favoráveis a tal continuidade (cf. O. Amsterdamska, 1987, cap. VII e VIII), argumentos que destacam por um lado a liberdade da qual Saussure se beneficiou na Suíça onde todo o edifício universitário estava por se construir (enquanto ele já estava fechado na Alemanha pelos neogramáticos e na França pelas fortes personalidades de Bréal e Meillet), por outro lado o papel ativo dos editores do CLG na propagação da doutrina, a posição original da Suíça no “concerto” das nações após a Primeira Guerra Mundial, a importância dos mediadores internacionais (São Petersburgo, Moscou, Praga...), é preciso situar-se em um nível de generalização muito elevado para destacar os traços de uma homogeneidade que deriva

12 A obra de O. Amsterdamska (1987) – com a qual não estamos de acordo no que concerne à apreciação do papel de Genebra – traz um ponto de vista sociológico indispensável e estimulante, porque ela coloca frontalmente a questão do estabelecimento e do encaminhamento de uma filiação e de uma memória saussurianas em termos de continuidade institucional e conceitual. Segundo o autor, a escola saussuriana teria se constituído em Genebra (e não em Leipzig, que ignora Saussure, ou Paris, que o reconhece), uma vez que a marginalidade da universidade helvética permite a inovação. É em torno da primazia da sincronia que ela se construiria, pela vontade de distinguir-se da Alemanha...

13 Esse dossiê é rico de numerosas contribuições, precoces e “continuadas”. Citemos, dentre outros, de O. Amsterdamska (1987) e Sechehaye (1927): “L’école de linguistique générale”, *IGF*, 44, p. 217-241; “Les trois linguistiques saussuriennes”, *Vox românica*, vol. 5 (1940), p. 1-48; H. Frei: “La linguistique saussurienne à Genève depuis 1939”, *Acta linguistica*, 5, p. 54-56; R. Godel (1961): “L’école saussurienne de Genève” in *Trends in European & American Linguistics, 1930-1960*, Chr. Mohrmann A. Sommerfét e J. Whatmough, Spectrum, republicado nos *CFS* n. 38, 1984; R. Amacker: “L’influence de F. de Saussure et la linguistique d’inspiration saussurienne en Suisse 1940-1970”, *CFS* n. 30, 1976; por último, P. Wunderli: “Problèmes et résultats de la recherche saussurienne”, *CFS* n. 36, 1982.

diretamente do *CLG*.

R. Godel (1961 *op. cit.*) tenta fazê-lo, por exemplo, e tal exercício necessita de um aviso prévio que ultrapasse as simples precauções retóricas:

“Para os linguistas saussurianos, os princípios colocados no *CLG* não são dogmas [...], eles são, segundo uma expressão do próprio Saussure, ‘pontos de vista sobre a linguagem’”.

Esse relativismo perspectivista conduz à definição de uma espécie de saussurismo mínimo em cinco pontos fundamentais. A herança saussuriana considera alcançados:

- a primazia da língua sobre a fala;
- a distinção rigorosa da diacronia e da sincronia;
- a concepção de língua/sistema e instituição;
- a dupla natureza do signo;
- o arbitrário do signo e sua motivação por combinação sintagmática.

Estes cinco pontos definem o mínimo da herança, eles determinam também tarefas, um programa: desenvolver tais princípios esboçados apenas no *CLG* provando sua solidez aplicando-os a diferentes sistemas. Enfim, Godel prevê que a confrontação de Saussure aos outros sistemas de explicação da linguística seria tanto mais fecunda quanto mais se desenvolver a saussurologia científica (trata-se da edição crítica de R. Engler do *CLG*). Não poderíamos pensar que muitas empreitadas, reclamando-se explicitamente ou não de Saussure, poderiam subscrever-se àqueles princípios e àquele programa? Melhor ainda, aqueles que não se subscrevem não poderiam se subscrever porque eles fornecem igualmente o quadro a partir do qual revisões dariam à disciplina a cara que Saussure não foi capaz, de início, de dar-lhe e da qual, contudo, ele forneceu o melhor esboço.

Desde 1917, A. Sechehaye inaugura esse modo de referência ao mestre. Ao intitular sua resenha do *CLG* “Os problemas da língua à luz de uma nova teoria”, ele “reduz”, segundo seus próprios termos, primeiro, a doutrina de Saussure à posição de um certo número de teses explicitamente expostas: língua/fala, arbitrário, ponto de vista semiológico e valor. Há aí a matriz do pensamento do Saussure epistemólogo, constantemente retomado na tradição dos comentários, onde o efeito de maestria (“o mestre de Genebra”) se sustenta pelo caráter “filosófico” da obra que procuraria a “sistematização lúcida” que não se contentaria “em matéria de língua, com a ciência dos fatos”, como está dito nessa famosa resenha de 1917. Mas se Sechehaye, por sua maneira de abordar o problema das evoluções linguísticas insistindo sobre o caráter antiteleológico das mudanças em Saussure, sobre a distinção rigorosa entre fato sincrônico e fato diacrônico, coloca em evidência a importância metodológica do par *sincronia/*

diacronia, suas concepções pessoais o levam a tratar o ponto de vista teórico introduzido por Saussure como auxiliar da linguística histórica e da “psicologia moderna da linguagem”. Ele recusa a identificação entre linguística diacrônica e linguística da fala e, muitos anos mais tarde, ele nota que

o que faltou à classificação que propusemos foi a concepção clara da ciência da fala como laço necessário entre o conhecimento dos estados da língua e aquele das evoluções (1940, p. 219).

Desde 1908, Sechehaye havia colocado a necessidade de estabelecer uma “ciência do pregramatical”. A linguística da fala que ele reivindicará com a noção de “ato de fala” marca precisamente a ancoragem no concreto, essa “ciência dos fatos” para a crítica da qual ele havia felicitado Saussure (*cf. supra*):

A linguística da fala se interessa, ao contrário, pelos fenômenos concretos, pelos atos nos quais a língua é colocada a serviço do pensamento, com tudo o que faz de cada um deles um fenômeno ocasional diferente de não importa qual outro fenômeno. Cada um desses atos surge, com efeito, em um lugar e em um tempo determinados, entre interlocutores, tendo cada um sua personalidade, e em um conjunto de circunstâncias especiais que os determinam (A. Sechehaye, 1940, p. 152-152).

Essa “linguística da fala”, essa vontade de estudar a atividade do sujeito falante, bem sabemos que Saussure havia previsto sua emergência

em um conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística (Saussure, 2012, p. 51 [1972, p. 37]).¹⁴

Quanto ao trajeto do outro editor, Charles Bally, ele mostra, pelo que observamos, que ele cuidou primeiro de constituir aquela linguística da fala não “completando” e “sistematizando” o *CLG* (segundo seus termos, Bally, 1964, p. 128), mas *deslocando* resolutamente o campo conceitual de Saussure. A “estilística”, inicialmente pensada por seu autor como uma “província” anexada ao domínio da língua e agora da fidelidade à distinção *língua/fala* não deve fundamentalmente nada a Saussure e figura sobretudo seu momento inicial no itinerário de Bally que leva a uma linguística psicológica com os problemas inerentes à noção do sujeito falante a uma consideração de fenômenos organizados sob o título de “enunciação” que, pela primeira vez, se enuncia como “teoria” (*cf.* Chiss e Puech, 1987, p. 193-217).

14 [N.T.] Referenciamos a tradução do Curso de linguística geral de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidiro Blikstein, publicada desde 1970 pela Editora Cultrix. Aqui, trazemos sua 28ª edição, em circulação desde 2012.

4 Memória e estratégias de verdade

Não seria preciso, portanto, já ver, nas tomadas de posição dos editores, a origem desses “mal entendidos” persistentes que atribuem a Saussure posteridades que não são as suas sem que por isso lhe sejam totalmente estranhas, ao ponto de constituírem escolas (aquela de Genebra) e movimentos (o estruturalismo tão “informal” quanto ele seja)? Os herdeiros ambivalentes agarram-se ao pai sob pena de “correções” levadas à leitura do *CLG* e sob pena de injunções de uma epistemologia voluntarista nutrindo, em um gesto indistinto, homenagem e/ou decepção, memória viva que entende cumprir uma tarefa ou imitar uma iniciativa, memória morta que não cessa de apontar as lacunas e as faltas (a diacronia, a fala, o sujeito, a frase... etc.).

É esse duplo movimento instalando um paradigma para do qual imediatamente distinguir-se – duplo movimento cujos dois momentos são absolutamente indissociáveis – que, além do simples mal entendido, da ilusão¹⁵, produz efeito de memória (que não é necessário confundir com um efeito de consenso) e *efeito de reconhecimento*, delimitando um campo de debates e de contradições sempre mais homogêneo do que parece e, no entanto, jamais tão unânime quanto o que se supõe ou o que se descreve. Nossa hipótese a seu propósito seria que, a igual distancia da consideração das determinações sociais da produção científica (representada aqui, por exemplo, por O. Amsterdamska) e daquela mais “clássica” das filiações das teorias e dos conceitos, esse trabalho complexo da memória oferece ao historiador o campo de estudo da constituição de uma *consciência disciplinar*.

Sem poder desenvolver aqui como se deveria, podemos retornar, para “concluir” e compreender esse duplo movimento pelo qual a disciplina se representa e, ao mesmo tempo, pensamos, se constitui como tal em um esforço da memória cuja ambivalência não é um acidente, mas uma dimensão constitutiva, a dois textos exemplares.

Em 1946, em uma comunicação durante uma sessão do Círculo Linguístico de Copenhague, K. Togeby esforçava-se para repensar “O desenvolvimento da linguística moderna comparada àquele das belas letras”¹⁶. Tratava-se, da Idade Média à época contemporânea, passando pelos tempos modernos, de mostrar o paralelo entre os movimentos literários e as “representações” da língua. É o ano 1930 que, nessa longa cronologia, permite fazer ultrapassar um limite decisivo às ciências da linguagem. Inaugurando sem dúvidas uma retórica da ruptura prometida a um longo devir no que concerne a Saussure e ao *CLG*, Togeby, nos termos que ele mesmo utilizou na ocasião, assim descreve esse salto:

A partir de 1930, aproximadamente, retornamos, em linguística como em literatura, ao

¹⁵ ... da “miragem”, segundo a visão finalmente simples demais e tão confortável de T. Pavel (1991).

¹⁶ Trata-se da sessão de 19/09/1946. *Bulletin du Cercle Linguistique de Copenhague*, 1941-65 (1970).

ponto de vista da totalidade e da estrutura, abandonado desde a Idade Média. Vemos criarem-se ao menos seis grupos ou escolas de linguistas em que *todos se inspiram em Ferdinand de Saussure*, o qual, vivendo em pleno período de psicologismo, elaborou teorias muito à frente de seu tempo: a distinção da língua e da fala, da sincronia e da diacronia, a teoria das oposições sistemáticas (1970, p. 41).

O que segue a essa referência ao fundador não é nem mais nem menos que a enumeração das “escolas” “vindas” de Saussure, mas *colocadas em relações unívocas com as sub-disciplinas da linguística*, de sorte que a figura de Saussure parece ter, portanto, por principal função garantir (mais simbolicamente que com ação, de maneira operatória) sua *unidade*, bem como seguir uma filiação.

À Escola de Paris dá-se o mérito de ilustrar o princípio saussuriano da língua-fato social (Meillet, Sommerfelt, Vendryès) e de fazer prosperar a fonética geral (Grammont); em Genebra, aquele de tratar das “questões abstratas da gramática” (Sechehayé; Bally não entra de fato no quadro...); em Praga, a invenção da fonologia (Trubetzkoy e Jakobson); aos “neorromânticos” alemães (Weisberger e Porzig), o estudo dos sistemas de significação; à Escola behaviorista americana (Bloomfield), a ilustração de que a língua é um sistema; a Copenhague, enfim (Brøndal e Hjelmslev), o mérito – que não está, sem dúvida, no mesmo plano que os outros, porque ele encerra, de alguma forma, a história (“à semelhança da Idade Média”), o mérito de separar os universais das formas linguísticas e de considerar os sistemas linguísticos como “tentativas de interpretação”.

Apesar de seu teleologismo evidente, que não nos interessa aqui (todo esforço de memória é seletivo e direcionado), o que chama atenção nessa apresentação das coisas é a mistura entre um ponto de vista diacrônico que situa a modernidade em uma perspectiva a longuíssimo termo, e uma abordagem sincrônica que procura pela evidência que legitimaria a *unidade* da disciplina (para além de toda divergência de escola e em um movimento de filiação “pura”) por um certo *agenciamento da memória* no qual Saussure pode figurar como origem absoluta, legitimação última do conjunto, garantia de sua unidade.

Esse tipo de operação discursiva, que aqui consideramos como matriz da “referência a Saussure” e de sua função simbólica, encontra-se frequentemente entre os linguistas mais influentes do século, uma vez que se trata de realizar a “superação por assimilação” que mencionamos acima. A filiação não é mais, então, completamente linear e, de outro modo, mas com o mesmo sentido geral, trata-se de se determinar com relação a um suposto consenso que consagramos no mesmo momento de rompê-lo. A discussão da concepção saussuriana do arbitrário por É. Benveniste forneceria um exemplo famoso (1939-1966)¹⁷ desse fenômeno,

17 Para além do “caso” Benveniste e sobre o mesmo assunto, poderíamos acompanhar tais variações da memória do saussurismo examinando sistematicamente a bibliografia fornecida por E. F. K. Koerner (1972).

mas é talvez em Jakobson que encontraríamos mais puramente esse protótipo da referência como *integração crítica criadora de um alicerce de memória homogêneo* comum, que permite melhor adaptar-se e superar desafios, pois é garantida a sua solidez. Nos anos 40¹⁸ (no momento da redação das *Seis lições sobre o som e o sentido*), Jakobson redige para conferências um texto intitulado “A teoria saussuriana em retrospecto”. Seu comentário, que não podemos reproduzir aqui, colocaria inevitavelmente em evidência, para além de uma perspectiva história a longo termo, uma discussão dos *topoi* saussurianos cujas problemáticas de conhecimento bastante reais são constantemente quase que “duplicadas” pelas considerações ligadas à própria consistência da disciplina e, sobretudo, à possibilidade de dela fornecer uma representação plausível – problema contínuo de Jakobson ao longo de toda sua carreira.

É que a questão da memória do saussurismo (do saussurismo como *memória*, igualmente aceitável), ultrapassa constantemente os – já – vastos limites da “introdução” e da “recepção” de uma teoria científica pela qual a *operatividade* das aplicações e das transferências, quão complexas e sujeitas a exames retrospectivos elas sejam, fornecem um critério seguro ao historiador ligado às gêneses, lineares ou não, de conceitos. A propósito da “*Introdução do darwinismo na França*”, questionando e revisando minuciosamente os critérios possíveis permitindo medir o após dos efeitos da publicação de uma teoria científica (traduções, influências, avatares da institucionalização¹⁹, “ar do tempo”...), as diferentes formas e graus que ela pôde tomar (interpolação, inclusão, integração), Y. Conry podia concluir:

Se introduzir é sinônimo de injetar conceitos, e isso fora de seu próprio domínio, então introduziu-se o darwinismo na França porque a psicologia vai se lhe referir, porque a linguística apropriou-se de alguma noção darwinista. Entretanto, essa abstração de conceitos não constitui de forma alguma uma transferência de operatórios no campo análogo ao seu, a saber a teoria da evolução, menos ainda uma adesão à etiologia dessa evolução (1974, p. 44; grifos nossos).

Bem poderíamos fazer a mesma pergunta a propósito do *CLG*, e é o que fazemos a cada vez que procuramos dar à linguística saussuriana o papel de uma teoria fundadora²⁰ em seu domínio de origem e além dele. Tal iniciativa indispensável, que se instala de corpo inteiro na *objetividade* das teorias (seu caráter operatório, julgado no tribunal da história epistemológica e institucional), não deixaria, contudo, de lado uma dimensão *subjetiva* maior do desenvolvimento:

18 Linda Waugh distingue quatro etapas na geração da teoria fonológica de Jakobson. Ela situa na segunda fase a redação desse manuscrito publicado no tomo VII dos *Selected Writings*.

19 “Assim, uma vez que se torna necessário perguntar-se se o Império entravou a admissão da teoria darwinista, em contraste com aquela que a Restauração republicana permitirá, torna-se ao mesmo tempo impossível de decidir com um rigor suficiente para ser fecundo” (1974, p. 20). O primeiro capítulo da obra é inteiramente dedicado a um exame da problemática da “introdução”.

20 É o que faz P. Wunderli (1982) em seu relatório/balanço “Problèmes et résultats de la recherche saussurienne”. (*op. cit.*).

aquela pela qual elas se comunicam necessariamente com o campo mais vasto da cultura onde elas devem situar-se reflexivamente e fazer-se admitir? Porque

As obras cognitivas não podem colocar-se a si mesmas como insignificantes ou arbitrarias ou puramente diferentes ou simplesmente originais: elas devem mostrar sua conexão ou sua lacuna para fazer com que se compartilhe o que elas comportam (J. Schlanger, 1983, p. 219).

Na mesma medida, o *CLG*, obra póstuma e lacunar (alguns dizem apócrifa), não teria ele fornecido à disciplina que ele renovava em parte no longo prazo os contornos de memória que lhe eram indispensáveis para que se representasse sua existência, sua unidade e a ele se aderisse? Com efeito,

[no caso das construções do saber], o erro intelectual e o erro racional são possibilidades que se somam ao que podemos nomear de erro poético. Essa fragilidade suplementar torna muito importante *a questão do consentimento*” (J. Schlanger, *ibid.*; grifos nossos).

Amanda Eloina Scherer²¹

Erick de Queiroz Brittes²²

Referências bibliográficas

AARSLEFF, H. Bréal vs. Schleicher: Linguistics and Philology during the Latter Half of the Nineteenth Century. In: HOENIGSWALD, H. M. (org.) **European Background of American Linguistics**. Papers of the Third Golden Anniversary Symposium of the Linguistic Society of America. Berlim-Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 1979.

AMACKER, A. L'influence de F. de Saussure et la linguistique d'inspiration saussurienne en Suisse (1940-1970). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 30, p. 71-96, 1976.

AMACKER, R.; BOUQUET, S. Dix-huit notes étymologiques inédites de Ferdinand de Saussure. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 42, p. 215-244, 1988.

AMACKER, R.; ENGLER, R. (org.). **Présence de Saussure**. Actes du colloque international de Genève (21-23 mars 1988). Genebra: Droz, 1990.

AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought: The development of Linguistics from Bopp to Saussure**. Dordrecht: Reidel, 1987.

ARRIVÉ, M. Saussure : le temps et la symbolisation. In: LIVER, R.; WERLEN, I.; WUNDERLI, P. **Sprachtheorie und Theorie der Sprachwissenschaft: Geschichte und Perspektiven**.

21 Professora Titular do Departamento de Letras Clássicas e Linguística da Universidade Federal de Santa Maria (DLCL/CAL/UFSM), atua na Graduação e na Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail para contato: amanda.scherer@gmail.com

22 Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail para contato: queirozerickbrittes@gmail.com

- Festschrift für Rudolf Engler zum 60. Geburtstag. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1990.
- AVALLE, d'A. S. La sémiologie de la narrativité chez Saussure. In: BOUAZIS, C. (org.) **Essais sur la théorie du texte**. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Paris: E. Leroux, 1932-1964.
- BENVENISTE, É. Nature du signe linguistique. In: **Problèmes de linguistique générale**. Paris, Gallimard, 1966 [1939].
- CALVET, L. J. **Pour et contre Saussure**. Paris: Payot, 1975.
- CAPT-ARTAUD, M. C. Rhétorique et poétique: une distinction fondée sur la linguistique saussurienne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 25-42, 1989.
- CAUSSAT, P. Entre Humboldt et le structuralisme, la philosophie du langage d'E. Cassirer. In: SEIDENGART, J. (org.). **Ernst Cassirer: De Marbourg à New-York**. Paris: Cerf, 1990.
- CHISS, J. L. Les lectures du Cours de linguistique générale. In: NORMAND, C. et al. **Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Fondations de la linguistique: Études d'histoire et d'épistémologie**. 2 ed. Louvain-la-Neuve: Duculot, 1997.
- CHISS, J. L.; PUECH, Chr. Signe et langue: idée, projet, point de vue sémiologiques. **Langages**, n. 107, p. 6-27, 1992.
- CLAPARÈDE, E. « Cours de Linguistique », Compte-rendu. **Archives de psychologie**, n. 16, Gènebra, 1917.
- CONRY, Y. **L'introduction du darwinisme en France au XXe siècle**. Paris: Vrin, 1974.
- DE MAURO, T. La linguistica generale di R. Godel. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 38, p. 19-27, 1984.
- FOUCAULT, M. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- FREI, H. Suisse: La linguistique saussurienne à Genève depuis 1939. **Acta linguistica**, v. 5, p. 54-56, 1945.
- GADET, F. **Saussure: une science de la langue**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- GADET, F. Après Saussure. **DRLAV**, n. 40, p. 1-40, 1989.
- GAMBARARA, E. Diachronie et sémiologie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 45, p. 183-199, 1991.
- GARDIN, J. C. Les rapports troubles de la sémiologie avec la linguistique. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 41, p. 65-74, 1987.
- GODEL, R. L'école saussurienne de Genève. In: MOHRMANN, C. et al. (org.). **Trends in European and American linguistics: 1930-1960**. Utrecht: Spectrum, 1961.

-
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure**. Geneva: Droz, 1969.
- HENAULT, A. **Histoire de la sémiotique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- JAKOBSON, R. La théorie saussurienne en retrospection. *In*: JAKOBSON, R. **Selected Writings VII**. Amsterdam: Mouton, 1987.
- JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.
- JOSEPH, J. E. Saussure's Meeting with Whitney, Berlin, 1879. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 42, p. 205-214, 1988.
- JOSEPH, J. E. Bloomfield's saussureanism. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 43-53, 1989.
- KOERNER, K. **Bibliographia Saussureana: 1870-1970**. Metuchen: The scarecrow Press, 1972a.
- KOERNER, K. **Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique**. Haia: Mouton, 1972b.
- KOERNER, K. **Origin and Development of the Linguistic Thought in Western Studies of Language: A contribution to the History of Linguistics**. Braunschweig: Friedrich Viewieg & Sohn, Pergamon Press, 1973.
- KOERNER, K. Leonard Bloomfield and the Cours de linguistique générale. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 43, p. 55-63, 1989.
- KOERNER, K. (1990). F. de Saussure and the question of his linguistics theory. *In*: LIVER, R.; WERLEN, I.; WUNDERLI, P. **Sprachtheorie und Theorie der Sprachwissenschaft: Geschichte und Perspektiven**. Festschrift für Rudolf Engler zum 60. Geburtstag. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1990.
- LEGENDRE, P. **L'inestimable objet de la transmission**. Paris: Fayard, 1985.
- NERLICH, B. Le même et l'autre. Le problème de l'identité en linguistique chez Saussure et Wittgenstein. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 37, p. 13-34, 1983.
- NORA, P. (org.). **Les lieux de mémoire**, 7 vol. Paris: Gallimard, 1984-1993.
- NORMAND, C. (org.). Saussure et la linguistique pré-saussurienne, **Langages** 48, 1978a.
- NORMAND, C. *et al.* **Avant Saussure: choix de textes (1875-1924)**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1978.
- OZOUF, M. Le passé recomposé, entretien. **Magazine littéraire** 307, p. 22-25, 1993.
- PAVEL, T. **Le mirage linguistique**. Paris: Minuit, 1988.
- PERCIVAL, W. K. The saussurean paradigm: fact or fantasy? **Semiotica**, n. 36, v. 1-2, p. 33-49,

1981.

POTTIER, B. **Les sciences du langage en France au XXe siècle**, t. 1 et 2, Paris: Selaf, 1980.

PROSDOCIMI, A. Sul Saussure délie légende germaniche. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 37, p. 35-106, 1983.

ROSEN, H. B. **Les lois synchroniques et les lois diachroniques dans le Cours de Saussure**. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 40, p. 91-103, 1986.

SANDERS C. (org.). **Le Cours de linguistique générale de Saussure**. Paris: Hachette, 1979.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique de T. de Mauro. Paris: Payot, 1974.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1967-1974.

SCHLANGER, J. **L'invention intellectuelle**. Paris: Fayard, 1983.

SCHLANGER, J. **La mémoire des oeuvres**. Paris: Nathan, 1992.

SECHEHAYE A. **Programme et méthodes de la linguistique théorique**. Paris: Alcan, 1908.

SECHEHAYE A. Les problèmes de la langue à la lumière d'une théorie nouvelle. **Revue philosophique**, t. 84, p. 1-30, jul.-dez. 1917.

SECHEHAYE, A. L'école généroise de linguistique générale. **Indogermanische Forschungen**, Berlin, n. 44, p. 217-41, 1927.

SECHEHAYE A. Les trois linguistiques saussuriennes. **Vox Romanica**, v. 5, p. 1-48, 1940.

STAROBINSKI J. **Les mots sous les mots**. Paris: Gallimard, 1971.

STAROBINSKI J. Préface. In: JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

ČUDAKOVA, M. O.; TODDES, E. A.; DEPRETTO-GENTY, C. La première traduction russe du Cours de linguistique générale de F. de Saussure et l'activité du Cercle linguistique de Moscou (Matériaux pour l'étude de la diffusion d'un livre scientifique dans les années 1920). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 36, p. 63-91, 1982.

TOGEBY K. **Le développement de la linguistique moderne, comparé à celui des belles-lettres**. Bulletin du Cercle linguistique de Copenhague (1941-1965). Copenhague: Akademisk Forlag, 1971.

WINKIN, Y. **Erving Goffman**: portrait du sociologue en jeune homme. In: GOFFMAN, E. Les moments et leurs hommes. Paris: Seuil/Minuit, 1988.

WUNDERLI P. Problèmes et résultats de la recherche saussurienne. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 36, p. 119-137, 1982.